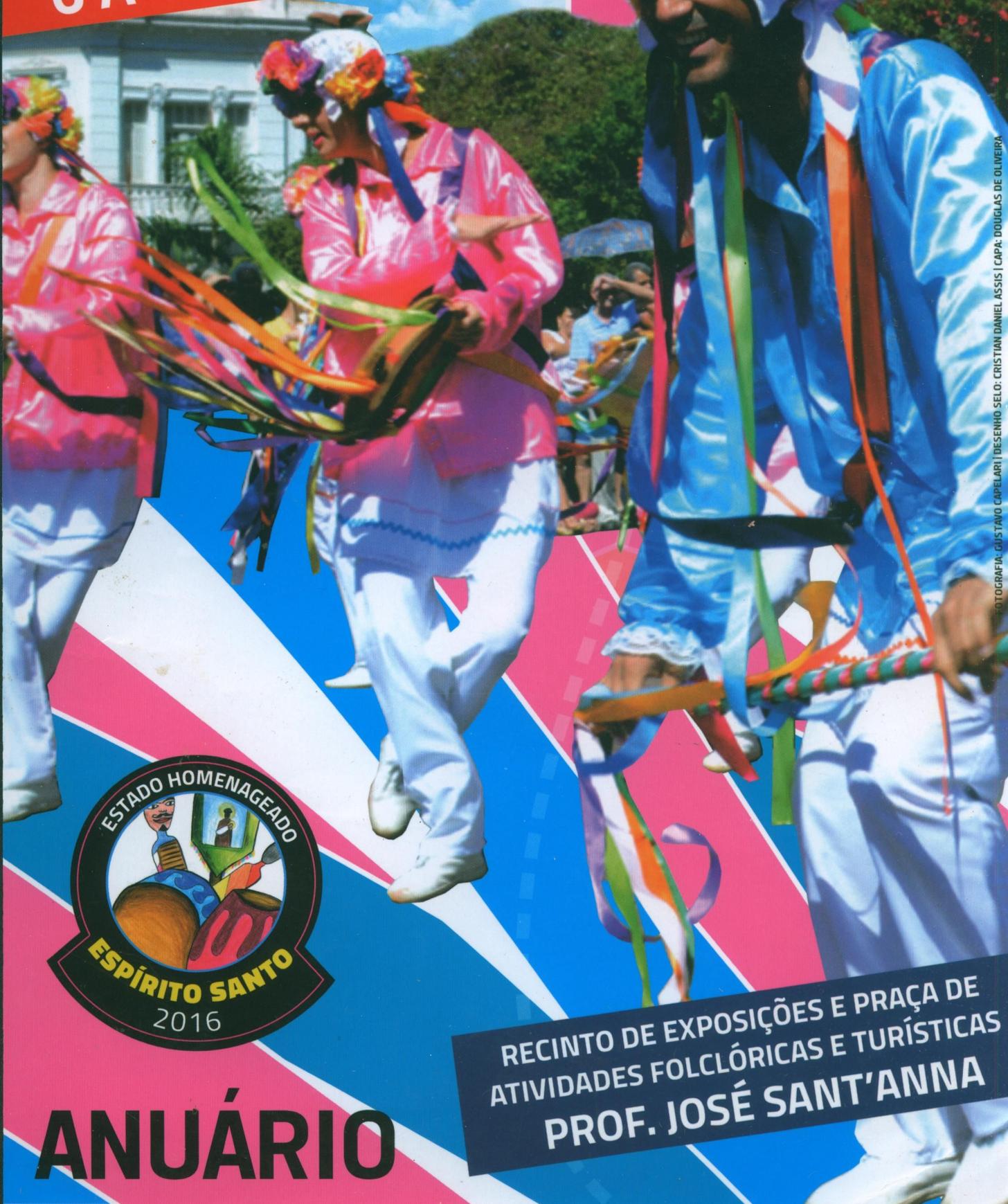


# 52º FESTIVAL DO FOLCLORE

ESTÂNCIA TURÍSTICA DE OLÍMPIA

6 A 14 DE AGOSTO

JUBILEU DE LÍRIO



FOTOGRAFIA: GUSTAVO CAPELARI | DESENHO SELO: CRISTIAN DANIEL ASSIS | CAPA: DOUGLAS DE OLIVEIRA



RECINTO DE EXPOSIÇÕES E PRAÇA DE ATIVIDADES FOLCLÓRICAS E TURÍSTICAS  
PROF. JOSÉ SANT'ANNA

# ANUÁRIO

ANUÁRIO DO

# 52º FESTIVAL DO FOLCLORE DE OLÍMPIA

*Jubileu de Lírio* 

## OLÍMPIA, CAPITAL DO FOLCLORE

ANO XLVI - Nº 46 - AGOSTO DE 2016



### **PREFEITURA MUNICIPAL DE OLÍMPIA - ESTADO DE SÃO PAULO**

Expediente: Avenida Menina Moça, n.º 800, Vila Hípica - CEP: 15400-000 - Olímpia - SP

Telefone: (17) 3281-6786 - Fax: (17) 3281-6941

Diretor: José Sant'anna (*in memoriam*)

Diretor Executivo e de Edição: André Luiz Nakamura

Coordenadora Geral do Setor de Folclore: Maria Aparecida de Araújo Manzolli

Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica: Ricardo Gonçalves - Tel. (17) 99135-1499

Impressão e Acabamento: Gráfica JV Ltda. - Rua Joaquim Miguel dos Santos, n.º 359 -

Centro - Olímpia/SP - email: grafica\_jv@uol.com.br - Fone/Fax: (17) 3281-7973

Capa: Douglas de Oliveira

Foto (capa): Gustavo Capelari

Desenho (selo): Cristian Daniel Assis

Fotos: Alisson Lopes, Camila Reale, Janaina Longhi, Orlando Costa e Priscila Minani

Edição da Associação Olimpense de Defesa do Folclore Brasileiro.

Todo trabalho de redação assinado é de total responsabilidade do autor.  
Quaisquer artigos ou ilustrações podem ser reproduzidos, contanto que citada a fonte.



ESPÍRITO SANTO  
ESTADO HOMENAGEADO NO 52.º FEFOL



FOLCLORE DO ESTADO DO ESPÍRITO  
SANTO E SUA CULINÁRIA

Folclore em contexto e comunidades de  
prática: o Grupo Olimpiense de Danças  
Parafolclóricas “Cidade Menina Moça” –  
GODAP



# SUMÁRIO



CASA DO CAPIRA  
(VILA BRÁSIL)

O 51.º FESTIVAL DO FOLCLORE



FESTIVAL DO FOLCLORE DE  
OLÍMPIA – 50 ANOS

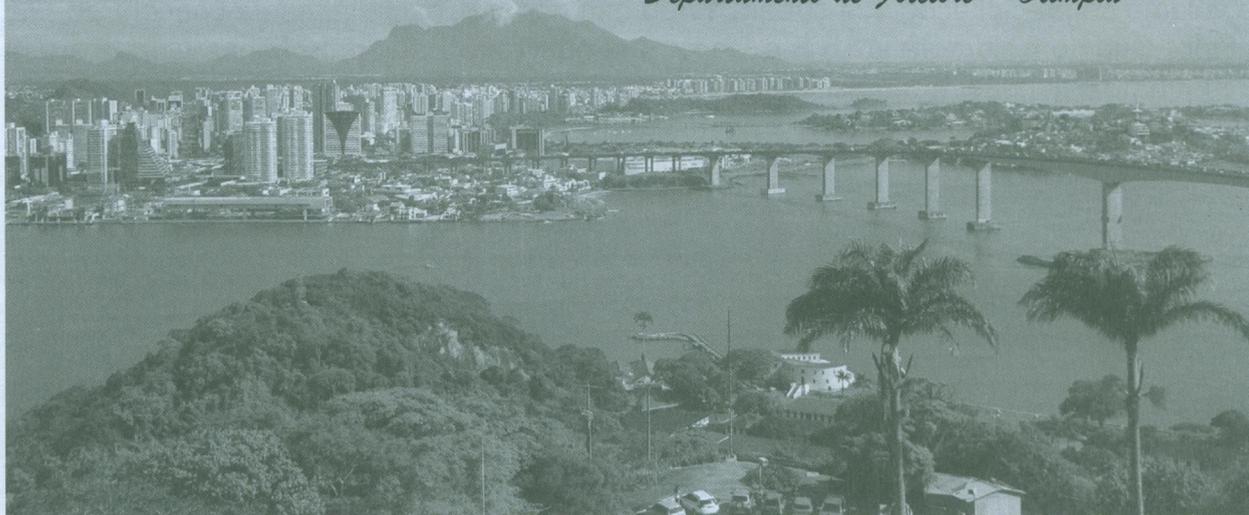
DONA JESUINA - A MÃE DE MUITOS



# ESPÍRITO SANTO

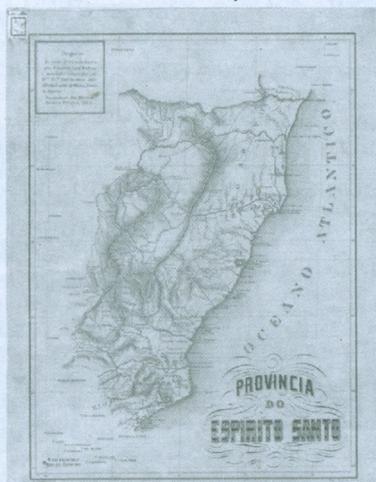
## ESTADO HOMENAGEADO NO 52.º FEFOL

*André Luiz Nakamura  
Departamento de Folclore - Olímpia*



**A** capitania do Espírito Santo, cujo processo de colonização se fez a partir do litoral, começou a ser efetivamente ocupada em 1535, com a criação dos primeiros povoados: Vitória, Reis Magos, Vila Velha São Matheus, Guarapari, Iiritiba.

Os índios que viviam na região resistiram o quanto puderam à ocupação, mas foram vencidos pelo domínio português.



Nos séculos XVII e XVIII, a capitania guerreava contra os holandeses, de 1625 a 1640, enquanto a economia canavieira declinava, em razão de diversos fatores, a exemplo de ouros e diamantes em Minas Gerais.

A recuperação econômica do Espírito Santo se iniciou ainda durante o Império, com a cultura cafeeira e o crescimento da imigração de italianos, alemães, portugueses, suíços e outros europeus.

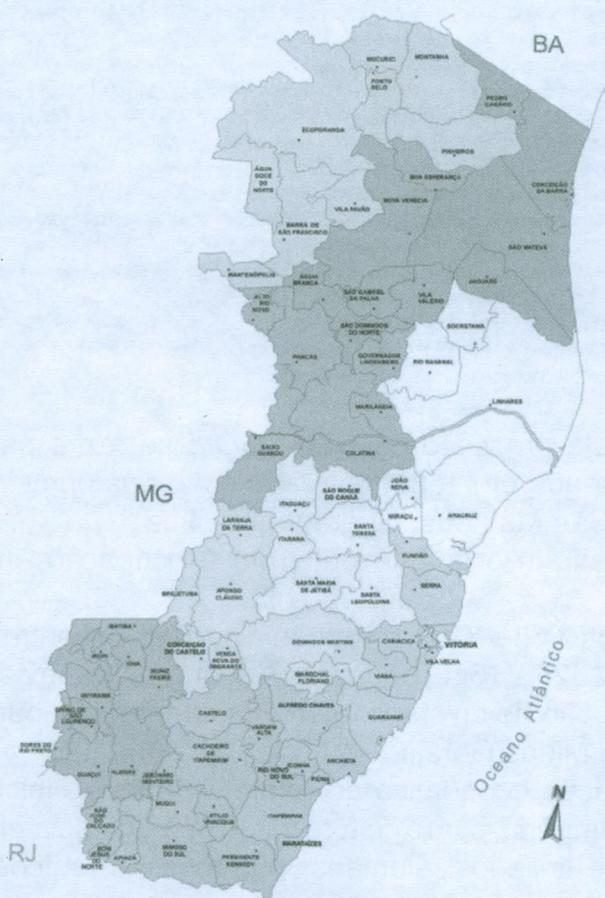
Com o advento da República, o café chegou a representar mais de 90% da receita de Estado, que passou a investir consideravelmente em infraestrutura, tanto que o porto de Vitória desde então é um dos mais movimentados do país.

A denominação da capitania se deu em razão da data em que ali chegou seu primeiro donatário, o português Vasco Fernandes Coutinho, qual seja, 23 de maio de 1535, dia do Espírito Santo. Já o gentílico “capixaba” provém da língua tupi e significa “roça”, “roçado”, terra apropriada para plantação. Os nativos habitantes da localidade chamavam de capixaba sua plantação de milho e mandioca. Destarte, a população de Vitória passou a assim denominar os índios que viviam na região. O nome, paulatinamente, foi se estendendo a todos os moradores do Espírito Santo.



No aspecto geográfico, O Estado do Espírito Santo possui o formato de um retângulo (inclinado a 45° sobre o nordeste) e, no que se refere ao Relevo, o território capixaba abrange duas regiões naturais distintas: o litoral, numa extensão de 400 km; e o planalto (uma faixa de planície representa 40% da área total do Estado, na costa Atlântica), afigurando-se uma região serrana se o caminho percorrido se der em direção ao interior, com altitudes superiores a 1.000 metros, onde se eleva a Serra do Caparaó ou da Chibata. É onde se situa o Pico da Bandeira, o mais alto do Estado, e o terceiro mais alto do País. O clima é tropical úmido, com temperaturas médias anuais de 23°C e volume de precipitação que supera 1.400 mm por ano, especialmente concentrada no verão. Quanto à hidrografia, o Rio Doce, que nasce no Estado de Minas Gerais e tem 944 km de extensão, é o mais importante do Estado. No entanto, também se destacam os rios São Mateus, Itaúnas, Itapemirim, Jucu e Itabapoana.

O Espírito Santo vem aumentando sua participação no Produto Interno Bruto (PIB) nacional, salientando-se o setor de serviços como a prevalente atividade econômica no Estado. Na capital, estão os portos de Tubarão e Vitória, incluídos entre os maiores do Brasil. Quanto às exportações desta Unidade da Federação, o minério de ferro e o aço são os principais, com realce também para a celulose. É o principal produtor de placas de aço do Brasil e o segundo maior produtor de petróleo, depois do Rio de Janeiro. É também o segundo maior produtor de café em grãos do país (mais de 772 mil toneladas em 2012), sendo Minas Gerais o principal. A industrialização foi impulsionada com a exploração de jazidas de óleo e gás, a partir de 2002. O estado se inclui na faixa territorial das reservas de petróleo da camada do pré-sal, e em 2010 foi iniciada a extração nos campos de Baleia Franca e Jubarte.



## DADOS GERAIS

### GEOGRAFIA

Área: 46.095,6 km².

Relevo: baixada litorânea (40% do território) e serras (interior).

Ponto mais elevado: Pico da Bandeira, na Serra do Caparaó (2.892 m).

Rios principais: Doce, Itapemirim, Itaúnas, Jucu, São Mateus.

Vegetação: floresta tropical, vegetação litorânea.

Clima: Tropical.

Total de Municípios: 78

Municípios mais populosos: Serra (467.318), Vila Velha (458.489), Cariacica (375.974), Vitória (348.265), Cachoeira de Itapemirim (205.213), Linhares (157.814), São Mateus (120.725), Colatina (120.677), Guarapari (116.278), Aracruz (91.562).

Hora local: A mesma de Brasília. Habitantes: Capixaba.



## POPULAÇÃO

Número de habitantes: 3.839.363 (est. 2013).

Densidade: 83,3 hab./km<sup>2</sup> (est. 2013).

Crescimento Demográfico: 1,3 % ao ano (2000-2010).

Pop. urb.: 86,3% (2012).

Domicílios: 1.180.000 (2012); carência habitacional: 106.447 (2010). Acesso à água: 88,4 %; acesso à rede de esgoto: 75,3 % (2012).

IDHM: 0,740 (2010).



## SAÚDE

Mortalidade Infantil : 10,7% (2012).  
Médicos: 20,4 por 10 mil habitantes (2012).

Leitos hospitalares: 1,6 por mil habitantes (2012).

## EDUCAÇÃO

Educ. Infantil: 155.311 matrículas (89,1% na rede pública). Ensino Fundamental: 528.155 matrículas (88,3% na rede pública). Ensino médio: 137.357 matrículas (86,6%

na rede pública) (2012). Ensino superior: 105.092 matrículas (24% na rede pública) (2011).

Analfabetismo: 6,7% (2012); analfabetismo funcional: 15,3% (2012).

## GOVERNO

Governador: Paulo Hartung (PMDB). Senadores: 3. Dep. federais: 10.

Dep. estaduais: 30.

Eleitores: 2.631.519 (1,86% do eleitorado brasileiro). Sede do Governo: Rua Sete de Setembro, 362, centro, Vitória. Tel. (27) 3321-3811.

## ECONOMIA

PIB: R\$ 97,7 bilhões; participação no PIB nacional: 2,4% (2011).

Composição do Pib: agropec.: 6,2% ; ind.: 38,5%; serv.: 55,2% (2011).

PIB per capita: R\$27.542.

Export.: (US\$ 12,2 bilhões): minério de ferro 52%, petróleo (11%), celulose (10%), produtos siderúrgicos (7%), granito (5%), café em grão (4%), outros (11%).

Impor.: (US\$ 8,7 bilhões): veículos automotores e autopeças (20%), máquinas e equipamentos (13%), carvão mineral (9%), fios, tecidos e confecções(8%), alimentos (7%), produtos das indústrias químicas (6%), bens de informática e telecomunicação (5%), ferro, aço e suas obras (5%), helicópteros e aviões (4%), pneus (3%), outros(20%) (2012).



## TELECOMUNICAÇÕES

Telefonia fixa: 765,4 mil linhas; celulares: 4,6 milhões (maio/2013). Domicílios com computador: 575 mil; acesso à internet 518 mil (2012).

Fonte: Almanaque Abril 2014.

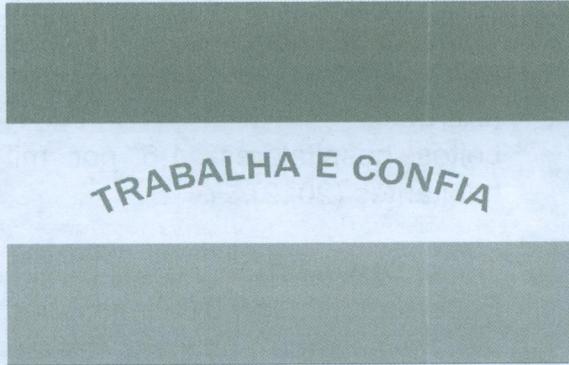


# SÍMBOLOS DO ESTADO

Conforme estabelece o Decreto-Lei Estadual do Espírito Santo nº 16.618, de 24 de julho de 1947, são símbolos do Estado: a bandeira; o hino; as armas; o selo (art. 1º).

## BANDEIRA

Azul e rosa são as cores oficiais do Estado do Espírito Santo, representando as das vestes da padroeira do Estado, Nossa Senhora da Penha. A inscrição "TRABALHA E CONFIA" é de autoria de Jerônimo Monteiro, inspirada na doutrina de Santo Inácio de Loyola.



Nos termos do art. 2º do referido Decreto-Lei Estadual, a bandeira do Estado terá as dimensões estabelecidas para a bandeira nacional, em três campos - azul, branco e rosa - retangulares, longitudinais e iguais, tendo no centro do segundo, em arco de letras azuis, a legenda: "trabalha e confia".

## HINO

O hino se constitui da música de Arthur Napoleão e letra de Peçanha Povia (art. 3º do mencionado Decreto-Lei):

I. Surge ao longe a estrela prometida, Que a luz sobre nós quer espalhar; Quando ela ocultar-se no horizonte, Há de o sol nossos feitos lumiar.  
II. Nossos braços são fracos, que importa? Temos fé, temos crença a faltar; Suprem a falta de idade e de força, Peitos nobres, valentes, sem par.  
III. Salve, oh, povo espírito-santense! Herdeiro de um passado glorioso, Somos nós a falange do presente, Em busca de um futuro esperançoso.  
IV. Saudemos nossos pais e mestres, A pátria, que estremece de alegria, Na hora em que seus filhos, reunidos, Dão exemplo de amor e de harmonia.  
V. Venham louros, coroas, venham flores, Ornar os troféus da mocidade; Se as glórias do presente forem poucas; Acenai para nós posteridade! (estribilho)

## BRASÃO

As armas são representadas por uma grande estrela, em azul e rosa, no centro da qual se vê o monte da Penha, com o convento (maior monumento histórico e religioso do Estado), envolvido por duas circunferências concêntricas, em cujo espaço intermediário se lê: "trabalha e confia" - "Estado do Espírito Santo". Em forma de lira, envolvem a grande estrela ramos de café e cana, ligados na base por um laço, em que se lê: 23 de maio de 1535 (chegada de Vasco Fernandes Coutinho ao Espírito Santo) e 12 de junho de 1817 (data em que foi fuzilado o herói capixaba, Domingos José Martins, que lutava pela independência do Brasil de Portugal).



O selo, de forma octogonal, em azul e rosa, tem, inscrito na base, "Estado do Espírito Santo"; no alto, 23 de maio de 1535; no centro, duas circunferências concêntricas e, inscrito no espaço intermediário, a legenda "trabalha e confia"; no espaço interno do círculo, desenhado, o convento da Penha (art. 5º, Decreto Lei nº 16.618/1947).



# PERSONAGENS HISTÓRICOS



## Vasco Fernandes Coutinho

Foi o primeiro capitão-donatário da Capitania do Espírito Santo (1535).



## Frei Pedro Palácios

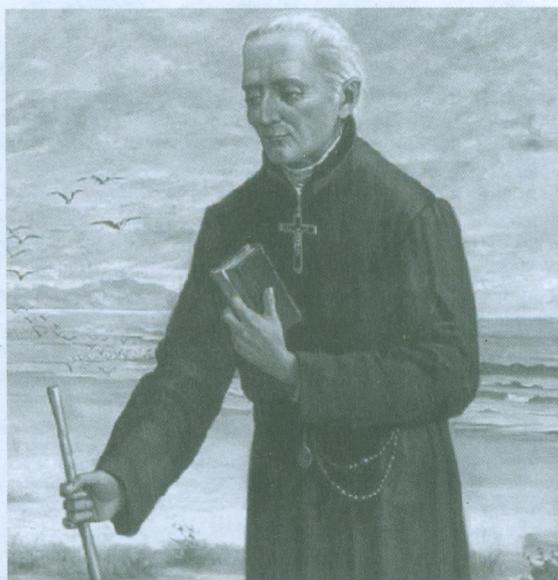
A quem se atribui a fundação do Convento da Penha, em Vila Velha.



## Araribóia

Cacique da tribo dos temiminós, cujas terras foram tomadas pelos franceses na Capitania do Rio de Janeiro em 1555. Sem seus domínios vieram para a Capiania do Espírito Santo reorganizar sua aldeia.

Ao se aliar aos portugueses na retomada da Guanabara, o cacique teria colaborado com as forças lusas adicionando a estas milhares de homens, indígenas e inimigos dos, num confronto de que saíram vitoriosos.



## Padre José de Anchieta

Missionário jesuíta, que se estabeleceu em São Vicente, onde catequizou índios. Em 1585, já no Espírito Santo, onde fundou a aldeia de Guaraparim.



## Maria Ortiz

Jovem capixaba que, na Capitania do Espírito Santo, teria iniciado a resistência a um ataque-surpresa holandês a Vitória em 1625.





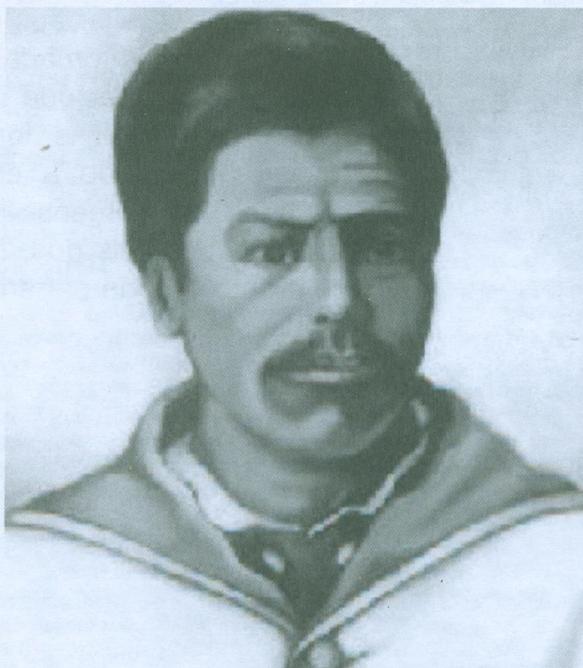
**Domingos José Martins**

Comerciante que, estudado na Europa, teve ativa participação na Revolução Pernambucana de 1817. Patrono da Polícia Civil do Espírito Santo.



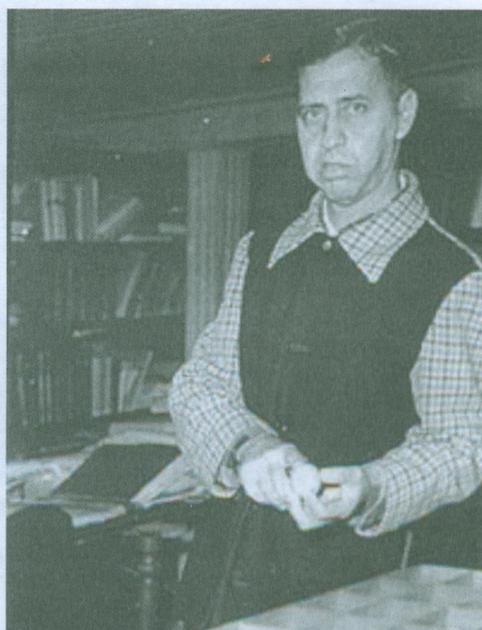
**Elisiário**

Escravo que defendeu ideias libertárias entre os negros e chefiou a principal revolta de escravos do Espírito Santo, a Insurreição de Queimados, em 1849.



**Caboclo Bernardo**

Bernardo José dos Santos, o "Caboclo Bernardo" entrou para a história capixaba por sua bravura quando ajudou a salvar 128 tripulantes da Marinha de Guerra do Brasil em 7/09/1887.



**Augusto Ruschi**

Agrônomo, ecologista e naturalista brasileiro (1915-1986) é o Patrono da Ecologia do Brasil e um dos ícones mundiais da proteção ao meio ambiente.



# TURISMO

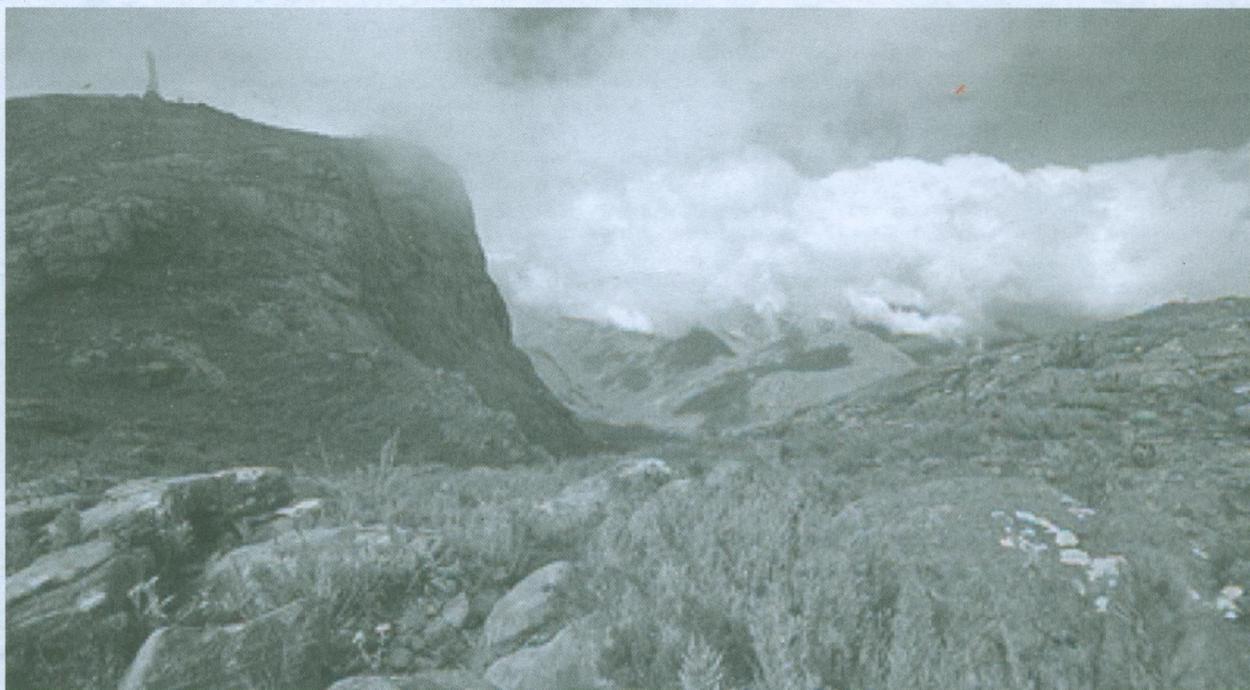
No Estado do Espírito Santo o turismo é organizado em "rotas" por meio das quais os visitantes possam conhecer os mais fortes pontos do turismo gastronômico, náutico, ecológico, religioso, o turismo de negócios e eventos etc.

São oito rotas, quatro delas com acesso pela capital do Estado, Vitória. Ei-las:



**ROTA "CAMINHOS DOS IMIGRANTES"**

Fazem parte deste itinerário as cidades de Cariacica, Itarana, Santa Maria de Jetibá, Santa Leopoldina e São Roque do Canaã. "Aula de cultura" para se conhecer um pouco das raízes capixabas e aprender mais sobre o Estado do Espírito Santo.



**ROTAS DO CAPARAÓ**

Abrange 11 municípios do entorno do Parque Nacional do Caparaó, localizado na divisa do Espírito Santo com Minas Gerais, onde também se localiza o Pico da Bandeira, com 2.892m de altitude. Os municípios visitados são Jerônimo Monteiro, Alegre, Guaçuí, São José do Caçado, Dolores do Rio Preto, Divino São Lourenço, Ibitirama, Irupi, Iúna, Muniz Freire e Ibatiba.



## ROTA DOS VALES E DO CAFÉ



O propósito desta rota é estimular o turismo dentro do próprio Estado. Nela se visitam os municípios de Cachoeiro de Itapemirim (que se distingue pelo turismo de negócios, respondendo por 60% da produção nacional de mármore e granito); de Vargem Alta, propício para o agroturismo; os de Muqui e Mimoso do Sul, cujos casarios propiciam belo cenário para o turismo histórico e cultural; e o de Marataízes, onde o café era escoado, que encerra essa Rota com turismo de lazer.



## ROTA DO VERDE E DAS ÁGUAS

Roteiro de grandes riquezas naturais pelo qual se pode vivenciar a beleza e o bucolismo das praias. Dessa Rota fazem parte os municípios de Aracruz \_ que abriga reservas das tribos Tupiniquins e Guarani; o de Linhares, o “Paraíso das Águas”, que abriga 25% das reservas de Mata Atlântica do Estado e 64 lagoas e constitui o maior complexo lacustre da Região Sudeste; o de São Mateus, em que se situa o Porto de São Mateus, com 32 sobrados, erigidos nos séculos XVII e XIX; e também a ilha de Guriri, ligada ao continente por uma ponte sobre o rio Mariricu; o de Conceição da Barra, com muito forró, dunas, praias, e o Parque Nacional de Itaúnas, que preserva uma variedade de ecossistemas integrados à fauna e à flora que lhe deu o título de Patrimônio da Humanidade concedido pela Unesco.





### ROTA DO SOL E DA MOQUECA

Esta é a indicada para quem aprecia praia, e o turismo gastronômico, náutico, religioso, histórico/cultural. Inclui as seguintes cidades: Vitória, Serra, Guarapari (famosa pelos atributos medicinais de suas areias monazíticas) Anchieta e Vila Velha (a mais antiga cidade do Estado).



### ROTA DA COSTA E DA IMIGRAÇÃO

A exemplo da Rota dos Vales e do Café, a Rota da Costa e da Imigração visa a incentivar o turismo interno, enaltecendo os imigrantes do Sul do Estado e ressaltar “o turismo de aventura”. A região visitada no trajeto é cortada por cachoeiras e falésias. Passa pelos municípios de Anchieta, Alfredo Chaves, Iconha, Piúma, Itapemirim, Marataízes e Presidente Kennedy.

### ROTA DO MAR E DAS MONTANHAS



Em Viana, são destaques o agroturismo e o turismo rural, tendo como opção também a prática de esportes “radicais”: *treekking*, voo livre, trilhas ou motocross. Em Domingos Martins, cidade em que se encontra o Parque Estadual Pedra Azul (notória por suas piscinas naturais), existe também marcante arquitetura. Marechal Floriano é chamada “Cidade das Orquídeas” por possuir uma ampla quantidade de espécies de orquídeas nas matas ao redor do município. Venda Nova do Imigrante conserva traços fisionômicos dos tempos do período da colonização.





## ROTA DO MÁRMORE E DO GRANITO

A imponência das rochas ornamentais capixabas atrai para o Estado muitos negócios nacionais e internacionais. O Espírito Santo é o principal produtor e exportador de rochas ornamentais do país. O complexo portuário de Vitória é a principal via de exportação de blocos e chapas de pedras ornamentais do Brasil. No norte do Estado, a extração e o beneficiamento do mármore e do granito propulsionam os municípios que integram essa Rota. O principal parque industrial de beneficiamento das rochas ornamentais capixabas fica no sul do Estado. A Rota em referência abrange Vitória, Cachoeiro de Itapemirim, Barra de São Nova Venécia, Ecoporanga, Água Doce do Norte, Pancas, Baixo Guandu, Vila Pavão, Muqui, Rio Bananal, São Domingos do Norte, Água Branca, Alegre, Atílio Vivacqua, Castelo, Conceição do Castelo, Linhares, Mimoso do Sul, Vargem Alta e Viana.



## ROTA IMPERIAL

Turismo, história e cultura se relacionam na Rota Imperial São Pedro D'Alcântara, por meio da qual se percorrem caminhos abertos no início do século XIX. A Rota Imperial contempla 14 municípios capixabas: Vitória, Cariacica, Castelo, Conceição do Castelo, Domingos Martins, Lúna, Ibatiba, Ibitirama, Irupi, Muniz Freire, Viana, Santa Leopoldina, Santa Maria de Jetibá e Venda Nova do Imigrante.



# ARQUITETURA

O mais representativo monumento histórico do Estado é o Convento de Nossa Senhora da Penha. Outros exemplos de remanescentes da arquitetura colonial portuguesa são as igrejas, no litoral capixaba, e na capital, Vitória, merecendo alusão a Igreja de Nossa Senhora do Rosário; a antiga Igreja de São



Tiago (atual Palácio Anchieta, sede do Governo Estadual), a Capela de Santa Luzia, a Igreja de São Gonçalo e a de Nossa Senhora do Rosário e o Convento de São Francisco e do Carmo, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Viana, e a Igreja de Araçatiba, No município de Serra, ainda se encontram a Igreja e Residência dos Reis Magos, a Capela de São João Batista. Em Guarapari, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Em Anchieta, existe a Igreja e Residência de Nossa Senhora da Assunção. A arquitetura colonial secular e urbana, na capital, se faz representar por meio dos sobradinhos geminados da Rua José Marcelino. A arquitetura rural do século XVIII ostenta amostra no bairro de Jucutuquara: um casarão onde funciona o Museu Solar Monjardin. A riqueza arquitetônica do Estado também abrange os sítios históricos de Muqui, São Mateus, Santa Leopoldina e São Pedro do Itabapoana. No Sul do Estado se ressalta o Sítio Histórico de São Pedro do Itabapoana. Em Muqui, município contíguo, se sobressai o conjunto arquitetônico que congrega o maior acervo de construções ecléticas do Espírito Santo, ricamente ornamentadas com afrescos, materiais e técnicas construtivas do final do século XIX e início do século XX. Em São Mateus, no norte do Estado, o antigo porto fluvial, em que se situa casario tipicamente colonial, também se afigura conjunto arquitetônico de significativa relevância histórica. Na região central, o Sítio Histórico de Santa Leopoldina possui 38 imóveis datadas do final do século XIX e início do século XX, com comunidades cuja denominação homenageia países e regiões da Europa como Suíça, Tirol, Holanda, e Luxemburgo.



# PATRIMÔNIO CULTURAL

O conjunto de objetos e bens de valor (bens naturais, materiais e imateriais), com significativa relevância na cultura de uma comunidade, constitui seu Patrimônio Cultural. Trata-se de coletiva produção que decorre da soma das realizações de uma sociedade e vem se formando no decorrer de sua história, de modo que há de merecer proteção e classificação amplamente divulgadas, como, aliás, estabelece a Constituição da República Federativa do Brasil: “constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico” (art. 216, CF). “O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação” (art. 216, §1º, CF).

## PATRIMÔNIO IMATERIAL

É o conjunto de bens imateriais, quais sejam, aqueles que compreendem as criações culturais de um povo (expressões musical e literária, sabendas, danças, festas, celebrações, inclusive sua memória oral). São estes os bens imateriais do Estado do Espírito Santo: Paneleiras de Goiabeiras; Ticumbi; Reis-de-boi; Pastorinhas; Jongo; Folias-de-Reis; Congo do Espírito Santo ; Capoeira; Boi Pintadinho; Alardo; Bate-Flechas; Danças Folclóricas.



Paneleiras de goiabeiras



Ticumbi



Reis-de-boi



Pastorinhas



Congo do Espírito Santo



Danças Folclóricas



## PATRIMÔNIO NATURAL

Conjunto de Bens Naturais que abrange áreas de importância ambiental, com vistas à preservação das características históricas e a beleza da natureza. Eis os Bens Naturais Capixabas: Sumidouro e Cachoeira do Funil; Reserva Ecológica de Jacarenema; Pico do Itabira; Penedo; Pedra Três Pontões; Pedra do Elefante ou Três Montanhas; Pedra do Camelo; Pedra da Agulha; O frade e a freira; Morro Pedra das Cabritas; Morro do Cruzeiro; Morro da Pescaria; Morro da Igreja da Ponta da Fruta; Monte Aghá; Mata Atlântica e seus ecossistemas associados no Espírito Santo Ilha do Meio, de Fora (Cabrito) e dos Franceses; Ilha do Imperador; Ilha do Gambá; Gruta do Limoeiro Dunas de Itaúnas.

Sumidouro e Cachoeira do Funil



Reserva Ecológica de Jacarenema



Pico do Itabira



Penedo



Pedra Três Pontões



Pedra do Elefante ou Três Montanhas



Pedra do Camelo



Pedra da Agulha



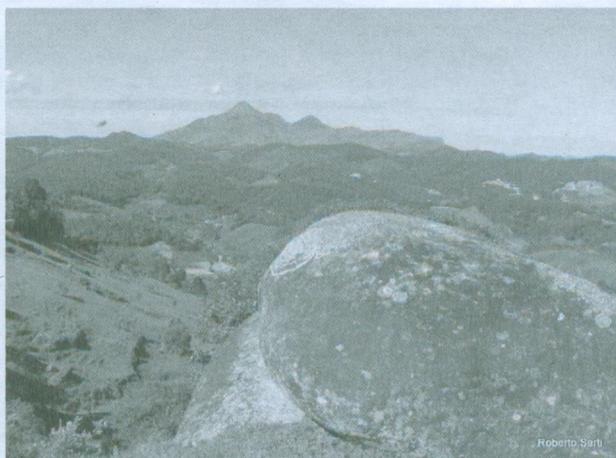
O Frade e a Freira



Morro Pedra das Cabritas



Morro do Cruzeiro



Morro da Pescaria



Morro da Igreja da Ponta da Fruta



Monte Aghá



Mata Atlântica e seus ecossistemas associados no Espírito Santo



Ilha do Meio, de Fora (Cabrito) e dos Franceses



Ilha do Imperador



Ilha do Gambá



Gruta do Limoeiro



Dunas de Itaúnas



## PATRIMÔNIO MATERIAL

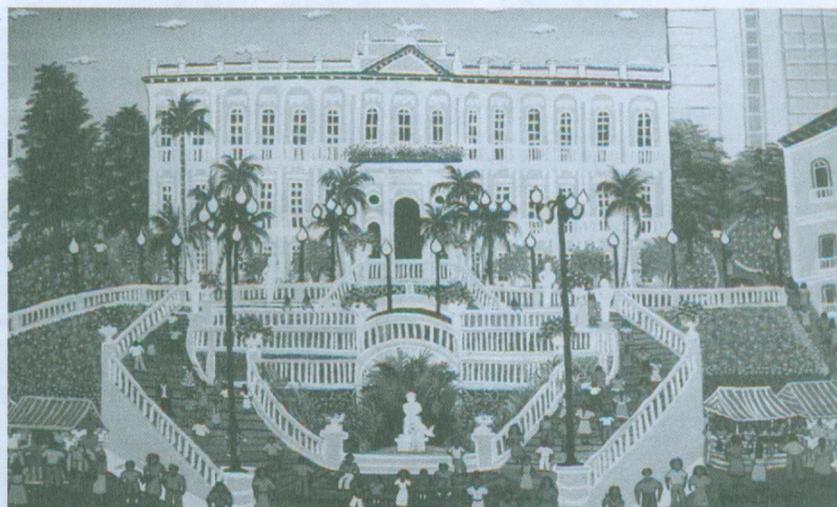
### BENS IMÓVEIS

Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Superintendência do IPHAN no Espírito Santo, a Relação de Bens Imóveis Tombados nesse Estado são: Igreja Nossa Senhora da Assunção e Residência - Anchieta; Igreja Nossa Senhora da Conceição - Guarapari; Igreja Reis Magos e Residência - Nova Almeida; Igreja Nossa Senhora d'Ajuda - Viana; Imagens de Nossa Senhora da Conceição





Senhora da Penha - Vila Velha; Igreja Nossa Senhora do Rosário - Vila Velha; Imagem de Nossa Senhora da Penha - Vila Velha; "Casa à Rua José Marcelino" - 197 - Vitória; "Casa à Rua José Marcelino", 203-205 - Vitória; Casa e Chácara do Barão Monjardim - Vitória; Igreja Nossa Senhora do Rosário - Vitória; Igreja Santa Luzia - Vitória; Igreja São Gonçalo - Vitória.



### MÓVEIS E ACERVO:

"Vista frontal do Palácio Anchieta"; "Vista do antigo edifício do Colégio São Tiago"; Vila Velha - N° 16"; "Vale montanhoso com árvores e pequenas casas"; "Vale do Canaan; Uma tarde na colina de Piratininga"; "Subida do Convento da Penha"; "Salão com Nobres" - em tapeçaria; Rua, prédios e árvores; "Romaria de Homens e Mulheres";

"Rua Dionízio Rosendo, N° 5"; "Rua Dionízio Rosendo, N° 14"; "Route de Semonches"; "Representação do Palácio Anchieta e Igreja de São Tiago em 1912"; "Representação de uma Estrela Cadente"; "Representação de figura feminina com ombro nu, segurando castiçal"; "Paisagem com lagoas e árvores"; "Pintura arredondada na parte superior com cenas do Padre Anchieta"; "Pequena estrada com árvore e floresta"; "Representação de mulher sentada com Cervo"; "Réplica da estátua do Expedicionário"; "Paisagens com lagos"; "Réplica em miniatura do busto de D. Pedro I"; Porto de Vitória - ES; "Rua do Comércio"; "Ouro Preto"; "Olinda"; "Natureza Morta"; "Na Barra de Itapemirim"; "Na Barra de Itapemirim"; "Mercado da Vila Rubim"; "Meninas jogando peteca"; "Marinha com dois barcos e Convento da Penha ao fundo"; "Leão"; "Marinha com barcos e pescadores"; "Ladeira Prof. Baltazar"; "Jarro com flores"; "Inhoá"; "Interior de uma sacristia"; "Igreja de Santa Luzia"; "Igreja de Anchieta"; "Painel Burle Marx"; "Genos"; "Índio guerreiro deitado sobre o solo"; "Fazenda em Valença"; "Estrada do Contorno"; "Escultura representando uma mulher alada"; "Imagem de Nossa Senhora"; "Lavadeiras e bananeiras no lado esquerdo e árvore seca à direita"; "Duas árvores no centro ladeadas por casario"; "Dois pássaros, um de frente para o outro"; "Dois casebres e árvore seca à esquerda"; "Dois anjos com castiçais"; "Danse Guirlande 'Par Guirande'"; "Crespúsculo";





“Convento de São Francisco”; “Casa de arame farpado”; “Casebres com carros, torres e matas”; “Casario com penedo e montanha”; “Carnaval de Rua”; “Cachoeira”; “Busto do Padre Anchieta”; “Barco solitário”; “Baía de Vitória”.

## PATRIMÔNIO MUNDIAL

As Reservas de Mata Atlântica do Norte do Espírito Santo integram, com o Sul da Bahia, a Costa do Descobrimento, foi declarada Patrimônio Mundial pela Unesco, em 1999. O trecho onde desembarcou a embarcação expedicionária de Pedro Álvares Cabral, em 22 de abril de 1500, tem 11.930 hectares, com 23 áreas de proteção ambiental, 12 em municípios da Bahia, e 4 no Espírito Santo, entre Regência e Conceição da Barra. A inserção da Mata Atlântica na Reserva da Biosfera tem por escopo incentivar a preservação das florestas primárias e assegurar a sobrevivência do seu patrimônio étnico e cultural, representado especialmente, pelas comunidades indígenas que habitam o entorno da área protegida, as quais convivem de modo harmonioso com o meio ambiente, há séculos, usufruindo sem destruir.



## PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO



Vestígios arqueológicos da presença indígena são encontrados em todo o território do Espírito Santo: cerâmicas decoradas, urnas funerárias e utensílios de caça tupi-guarani, entre outras peças. 288 sítios arqueológicos estão cadastrados, com realce para a região de Anchieta e do norte do Estado, principalmente nos municípios de São Mateus, Conceição da Barra e Linhares.



# FOLCLORE CAPIXABA

O termo “folclore” é constituído por dois vocábulos do antigo inglês: *folk* (“povo”, significando tanto “nação”, “multidão” como gente simples) e *lore* (sabedoria, conhecimento). Folclore (“conhecimento emanado do povo”) se equivale a “cultura popular”. Folclore é o conjunto das manifestações decorrentes da cultura espontânea e empírica do *povo*, de um modo geral. Empírica e espontânea (ou informal) porque se produz sem a interferência direta do ensino oficial, ou erudito (emanado das escolas, universidades e livros); e também porque é aprendida e desenvolvida por meio da observação, da imitação, da experiência, sem teorias.

No que tange aos componentes do folclore espírito-santense, prevalecem as tradições portuguesas (costumes, mitos, lendas, crenças, ditados populares, e quase todo o seu cancionero). Entretanto, a influência dos escravos africanos se verifica nos batuques, nos Jongos e Bandas de Congos, na culinária, na fala popular; a dos índios, nas técnicas antigas de trabalho, no rústico artesanato, notadamente na produção de cerâmica utilitária. Vale mencionar também as manifestações resultantes do contato com outros imigrantes europeus. Vejamos alguns exemplos dos muitos fenômenos folclóricos existentes no Estado do Espírito Santo.



## FESTAS, FOLGUEDOS E DANÇAS

Em significativa parcela das manifestações folclóricas se nota forte ligação ao entretenimento, ao divertimento, à alegria, enfim, à “festa”, que sucintamente podemos assim conceituar: evento social, partilhado entre várias pessoas reunidas para celebração de ato, de fenômeno, de fato, de manifestação, ou de entes (reais ou ideais). As festas mobilizam as pessoas e simultaneamente fixam costumes. Em todas as comunidades se realizam festas, cívicas, religiosas ou profanas, de modo a configurar tradições em cada localidade em que são elas reiteradamente praticadas. Dentro de tais costumes se incluem as festas folclóricas, salientando-se que, nesta abordagem do tema, têm relevância as festas cujo elemento principal para se realizá-las é a tradição, haja vista a aceitação coletiva e espontânea.

O conceito de “folguedo” abrange brincadeiras, jogos, diversões, artes e artesanato, danças e bailes, músicas e cantorias, o comércio de artigos regionais, os autos e as representações teatrais, as pantomimas e os teatros de bonecos, entre muitos outros. Embora “folguedos” se trate de termo polissêmico, a tendência é de usá-lo mais restritivamente, num sentido mais específico, para designar as manifestações em que existe alguma representação dramática, com personagens definidos.

As danças \_ das mais remotas manifestações culturais da humanidade \_ inicialmente, integrava rituais religiosos e mágicos, mas, com o tempo, a passaram a



assumir função recreativa e estética. As danças folclóricas, por sua vez, diferem das danças de efêmera notoriedade, fomentadas pelos meios de comunicação de massa, ou mesmo da dança clássica, erudita; caracterizam-se por se desenvolverem dentro da cultura espontânea, informal, ou seja, é aprendida pela observação e imitação direta, pela repetição e pela tradição, sem a intervenção da cultura erudita, sem a direção de coreógrafos.

É bastante significativa nas danças capixabas a influência europeia: danças italianas, pomeranas, alemãs, holandesas e polonesas, resistentes ao tempo, transmitidas de uma a outra geração. Foram introduzidas na cultura popular do Estado com álaure receptividade. Em muitas se exigem pares. Outras são praticadas em círculo e às vezes em fileiras. Não obstante se preservarem pela tradição, vão elas apresentando modificações com o tempo, mas a música e os passos básicos permanecem fiéis ao estilo original.

O Estado capixaba, como exibiremos, ostenta amplo e diversificado acervo de manifestações folclóricas, as quais têm supedâneo nos costumes de seus índios nativos e nas tradições portuguesas, africanas e de outros imigrantes europeus (italianos, poloneses, alemães, entre outros).

Vejam algumas das mais representativas manifestações folclóricas capixabas.



### FOLIAS DE REIS

Dos mais expressivos folguedos do ciclo natalino, as Folias de Reis, também conhecidas por Companhias de Reis, são muito cultivadas na região Sudeste, inclusive no Estado do Espírito Santo. De origem portuguesa, derivam elas dos festejos realizados no Dia dos Reis Magos, tendo sido introduzidas no Brasil, no século XIX. Celebram o nascimento de Jesus Cristo e a visita que Ihe fizeram os Três Reis Magos.

A visitação a casas, entre 24 de dezembro e 6 de janeiro (dia dos Reis Magos), é realizada por Companhias de Reis, em busca de donativos para a realização da festa, no dia dos Reis, levando consigo a bandeira dos santos.

### PASTORINHAS

As Pastorinhas, também chamadas lapinhas, são figuras tradicionais em várias localidades em que ainda se preservam nossas manifestações folclóricas. Portando arcos e cestas com flores, elas bailam diante do presépio. Usando chapéus de palha enfeitados e vestidas com blusas brancas e saias xadrez, ou com trajes brancos, elas entoam melodias alusivas ao nascimento de Jesus.





## FESTA DO DIVINO

Não poderia faltar no Estado do Espírito Santo a Festa do Divino.

Atribui-se sua idealização à Rainha Isabel, mulher do rei Dom Dinis, na ocasião em que se construiu uma Igreja em louvor ao Divino Espírito Santo, em Alencar, Portugal, no limiar do século XIV.

Foi trazida ao Brasil, pelos portugueses, no século XVI, e desde então foi se tornando das mais tradicionais por aqui.

Protagoniza o evento a “Folia do Divino”, o grupo de músicos e cantadores, que acompanham o cortejo.

Em busca de recursos para a realização da festa, a exemplo das Companhias de Reis, os membros da Folia visitam as casas, angariando donativos, levando consigo a bandeira do Divino, cujo símbolo é uma pomba branca, bordada com fios dourados.

Na praia de Marataízes, no segundo domingo do mês de março, se realiza a “Festa das Canoas”, uma Festa do Divino marítima, uma procissão de canoas adornadas, transportando fiéis e imagens, ao som de fogos de artifícios e cantorias.



## ALARDO

“Folguedo popular do norte do Espírito Santo (Conceição da Barra), representado nos dias 19 e 20 de janeiro, com participação de quinze a vinte guerreiros de cada lado. A expressão ‘alardo’ vem do árabe *al-alard* que significa revista de tropa, parada. O folguedo consiste numa contenda entre mouros e cristãos, cada grupo interessado na posse da imagem de São Sebastião. Os cristãos usam indumentária azul, tendo a cruz por emblema e os mouros vestem-se de vermelho, a meia-lua ou crescente como símbolo. Os dois lados contam com capitão, embaixador, alferes de bandeira, tenente caixeiro, tambor e soldados. A indumentária reflete, com seus adornos, a hierarquia dos postos. Os oficiais portam capas de sedas, com franjas e enfeites de arminho, lantejoulas e flores de prata. Os soldados cristãos têm chapéus sem enfeites; os mouros, goro vermelho



de ponta caída. As armas acompanham a diferença dos postos: espadas para alferes e embaixadores; lanças para capitães; sabres e alabardas para os tenentes; adagas e espingarda para os soldados. No Alardo há cantorias nem música, a não ser as batidas do tambor que emprestam solenidade ao folguedo. A festa começa na véspera do dia de São Sebastião, com os caixeiros correndo as ruas, batendo o tambor para reunir os soldados de ambos os grupos. As hostes se formam em linha de frente. Há trocas de embaixadas, o embaixador de cada grupo declamando sua mensagem em versos, a voz atrevida, invocando argumentos para ficar com a imagem do santo. A falta de acordo leva à luta, com tiros de pólvora seca, bater de tambor, choque de espadas e escaramuças ferozes. Os mouros conseguem raptar a imagem de São Sebastião, que passa a noite na fortaleza. No dia seguinte \_ dia do santo \_ dá-se o ataque de surpresa à fortaleza moura e a imagem do santo é recuperada e levada para a igreja. Depois, reconciliados, vão todos assistir à última cerimônia religiosa do evento” (Renato Pacheco e Luiz Guilherme Santos Neves, “Índice do Folclore Capixaba”, Ed. Banestes, p. 12).



## MARUJADA

Antigo folguedo, de origem portuguesa, que fala tanto dos dramas enfrentados pelos marujos como dos seus heróicos feitos em alto-mar, descobrindo terras, vencendo batalhas, em especial contra os mouros. Chegou ao Espírito Santo proveniente do Nordeste. Sem data específica, componentes trajados de marinheiros, na versão capixaba, desfilam em uma embarcação em festas populares.



## CABOCLEIROS

Também chamado “Brinquedo de Caboclo”, constitui-se de grupos de pessoas que se fantasiam de índios e saem pelas ruas, tanto nas festas do ciclo junino quanto no carnavalesco. Geralmente é composto de 2 mestres, 2 contra-mestres, 1 viola, 1 sanfona, 1 caixa, 2 palhaços “Papai vovô” e “Mamãe vovó”. O figurino (“farda”) varia; muitas vezes consiste em camisa e calça curta, vermelha, enfeites de penas, arco e flecha de madeira.

## FESTA DO MASTRO

A Festa do Mastro é realizada em quase todo o Espírito Santo, em distintas datas, geralmente na celebração do Santo padroeiro da localidade. Compreende a “Cortada”, a “Puxada” e a “Fincada” do “Mastro”. Guilherme Santos Neves esclarece: A “Cortada” é o “corte do mastro na mata e seu transporte, nos ombros ou puxado a bois, até a cidade, vila ou povoado”. A “Puxada” é a “condução do mastro, geralmente num ‘barco’ improvisado e enfeitado, sobre um carro de bois; puxado por cordas





pelos fiéis até à frente da igreja, onde é fincada". A "Fincada" é o "transporte do mastro nos ombros do povo e fincada frente à igreja". ("Folclore Brasileiro – Espírito Santo", MEC, FUNARTE, pág. 67).

Há cidades em que não ocorre a Puxada; em outras, não se vê a Cortada.

## FESTA DA PENHA

Promovida, anualmente, na segunda-feira que segue ao domingo de Páscoa, a Festa de Nossa Senhora da Penha reúne várias bandas de congo, romarias, missas campais, procissões e eventos similares. É das mais concorridas festas do Espírito Santo. Decreta-se inclusive feriado em vários municípios, por ocasião da festa, a exemplo de Vila Velha e Vitória.



Com praticamente as mesmas características existem também a Festa de Nossa Senhora da Conceição (8 de dezembro), em Guarapari; e a de Nossa Senhora das Neves, em Muribeca, município de Itapemirim (5 de agosto), entre outras.



## FESTA DE SANTA LUZIA

Esta festa se realiza em 13 de dezembro como acompanhamento às missas celebradas ao longo do dia no santuário de Santa Luzia, onde existe uma fonte de água mineral considerada milagrosa na cura de enfermidades oftalmológicas. No local há também a caverna dos milagres, onde ficam depositados ex-votos (objetos oferecidos em virtude de uma graça alcançada).



## FESTA DE SÃO BENEDITO

De norte ao sul do Espírito Santo, desde a capital até distantes lugarejos, se realizam festas para o Santo protetor dos pobres e negros. As festas se espalham desde a capital até afastados lugarejos interioranos. Na maioria dos Estados é realizada em abril (mês de seu falecimento), mas entre os capixabas, por tradição, a festa é promovida no mês de dezembro.



Dizem que a origem da festa remonta a um naufrágio de um navio negreiro na costa do Estado. Salvos por São Benedito, a quem pediram socorro, os náufragos prometeram ao santo que todo ano ele seria homenageado e festejado.

Bandas de Congos e vários outros folguedos participam dessa movimentada festa.

### BANDAS DE CONGO

Das mais expressivas manifestações folclóricas do Espírito Santo, as Bandas de Congos são conjuntos musicais que focam e dançam com significativa presença em festas de santos (São Pedro, São Benedito e São Sebastião). É Folguedo que persiste firmemente no Estado, do qual existem notícias que datam do século XIX. Sem Bandas de Congos, aliás, não há “puxada de mastro” (grande festa em que o mastro do santo é conduzido pelos devotos, nos ombros). Os instrumentos utilizados são produzidos pelos próprios integrantes da banda, que, com pau oco, taquara, ferro torcido pele de cabra, fazem tambóres, pandeiros, bumbos, chocalhos, triângulos, ao som dos quais cantam tradicionais toadas alusivas a fatos da escravidão, a sereias do mar, ao amor, entre outros muitos temas.



### TICUMBI

Este folguedo é encontrado no norte do Espírito Santo, especialmente nos municípios de Conceição da Barra e de São Mateus. Os protagonistas são o Rei de Congo e o Rei de Bamba (ou, mais simplificada, Rei Congo e Rei Bamba), que se destacam pelo traje: usam roupas brancas,



coroas, feitas de papelão ricamente ornamentadas com flores, papel dourado, fitas e espelhos, e longas capas de cetim lamê cintilante. Portam espadas nas mãos, ou atadas à cintura. Os guerreiros e vassallos de ambas as nações também se vestem de branco; usam japonsa ou batas longas ornadas de fitas coloridas. Não há no figurino ostensiva diferença entre os dois grupos contendores, apenas alguns detalhes na ornamentação os distinguem. As majestades, com suas respectivas cortes, travam uma “guerra” pela prerrogativa de comandar a realização da Festa de São Benedito. Uma batalha verbal se inicia entre os representantes das nações. Sucede-se outra, em que se usam espadas na representação, até que o Rei de Bamba é derrotado pelo Rei de Congo, que promove então o batismo do adversário, juntamente com seus liderados. O folguedo se encerra, então, com a música e a dança do Ticumbi, em que se reproduzem alguns passos da batalha com as espadas.

## BATE-FLECHAS

A dança do bate-flechas é de motivação religiosa, para louvar São Benedito e São João Batista. Geralmente os praticantes vestem roupas comuns. Mas há também os que se trajam à maneira indígena, usando penachos coloridos e outros adereços. Modesta banda, às vezes só com tambor, faz o acompanhamento musical. Cada participante marca o ritmo usando duas flechas, com batidas de pé.



## REIS-DE-BOI

É um folguedo que homenageia os Santos Reis, no qual se realiza o auto do boi, de grande ocorrência no Estado do Espírito Santo, especialmente nos municípios de Conceição da Barra e de São Mateus. Considerado a mais expressiva manifestação folclórica do Norte do Estado, compõe-se de vários elementos: o Boi, personagem principal, o Vaqueiro, Pai Francisco e a Catirina, João Mole (um boneco desengonçado), um grupo de marujos e outras figuras representando animais, monstros e fantasmas.

Há outras variações, como o Boi Pintadinho, do município do Alegre, no qual não se verificam a morte e a ressurreição do Boi, diversamente de outras versões do folguedo, no Estado.





## JONGO

O Jongo, de proveniência africana, tem algumas semelhanças com o Batuque e teria surgido em regiões de cultivo de café, e é também efetivamente praticado no Estado do Espírito Santo. Os participantes revezam-se no meio da roda, fazendo evoluções marcantes, com grande remelexo. O ritmo, ora é lento, ora é célere. Declamam-se versos improvisados, denominados “pontos”, muitos deles, aparentemente, sem muita unidade e propósito. Não há trajes específicos nem período próprio para sua prática.

## DANÇA DA PIRANGA

Dança cantada e gesticulada, em que se forma um círculo de dançantes, em cujo centro fica um dos brincantes, que faz o que o coro lhe pede: “Mão na cabeça”, Piranga (espécie de piranha). “Bate com o pé, Piranga”, “Diga adeus às moças, Piranga”.

## DANÇA DO BASTÃO

Forma-se também uma roda, no meio da qual se posiciona um dançante portando um bastão adornado com fitas coloridas, que, tal como o condutor nas quadrilhas juninas, vai dirigindo a movimentação: “caminho da roça”, “olha a cobra”, “olha a chuva”... até que, subitamente, grita: “Atenção, cavalheiros, três damas na frente” (ou quatro, cinco, como quiser). Após esse movimento, deixa o bastão no chão e vai rápido convidar uma dama para dançar. Nessa correria, o que ficar sem par é o que deve pegar o bastão, ir para o centro da roda, e assumir o comando, dando continuidade à dança.



## DANÇA DO CIPÓ

É dançada em festas juninas. O número de dançadores deve ser sempre par. Formada a grande roda, a dança se inicia ao som de uma música chamada cipó. Em um dos momentos da dança, o cavalheiro dá uma volta com a dama, e logo em seguida passa à frente, de modo a emparelhar-se com outra dama. A dança continua, ao som do cipó, e só acaba quando os cavalheiros voltarem a se posicionar ao lado da dama com quem estava a bailar no início da dança.

## DANÇA DO ESQUINADO

“Esquinado” (embriagado) é particípio do verbo “esquinar” (tomar-se do vinho). “Parece que os dançantes do Esquinado fingem-se tontos para figurar os esbarros de ombro a ombro. Assim se explicariam a origem do nome da dança e a direção enviesada dos dançantes”. Guilherme Santos Neves informa que essa velha dança popular \_ tudo o indica \_ estancou de vez, perdurando, porém, na memória de gente velhinha (op. cit., pág. 29).



## MANA-CHICA

Dança que semelha a quadrilha, mas com um sapateado “diabolicamente irresistível”.

Interessante é a abordagem da dança feita por Alberto Lamego Filho: “A marcação em si resume-se em três ou quatro figurações. Frente a frente, os pares alinham-se à guisa de quadrilheiros. As violas do branco tangem. O adufe do negro rufa. Os chocalhos ressoam como ásperos maracás indígenas. Os cantadores abrem uma cantilena sentimental que se espalha pelos rechanos distendidos, inflamando-nos de um sentimento de amplidão, levando-nos em reticências indizíveis, pelo presente e pelo passado, no espaço e no tempo” (“A planície do solar e da senzala”, 4ª ed., Vitória, Delta, 1977).

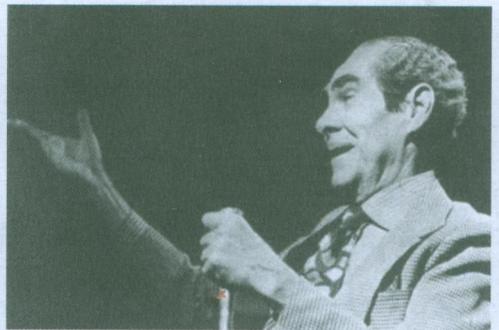


## CANCIONEIRO

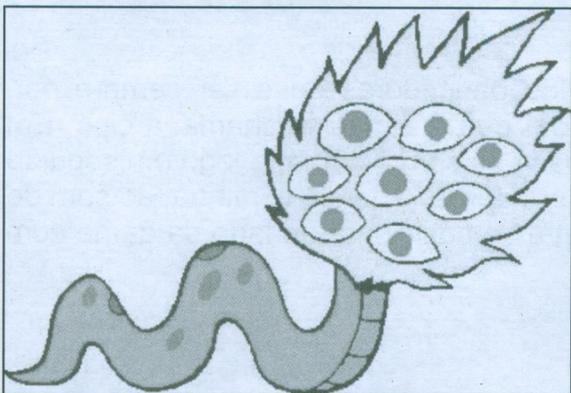
À exuberância de danças e folguedos, geralmente se segue de um também exuberante cancionero.

No Espírito Santo, seu amplo cancionero popular se baseia, especialmente, nos cantos de pescadores e nos “romances” de origem portuguesa de que trataremos no tópico seguinte.

Merece alusão o compositor Pedro Caetano, criado em Maricá/ES, que deixou tributos ao Estado capixaba, a exemplo de “Balada de São José”, “Guarapari”, “Balada de São José”, “Marilândia”, “Toada de Santa Tereza”, entre outras.



## MITOS, LENDAS E HISTÓRIAS POPULARES



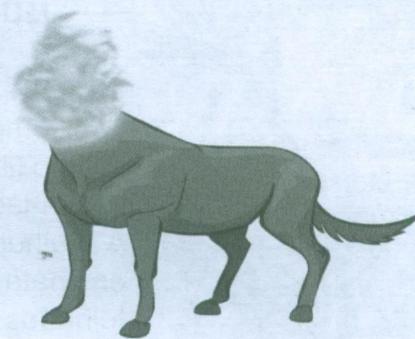
Luís da Câmara Cascudo registra que “os mitos do Espírito Santo são os de caráter geral, Lobisomem, Mulas, Boitatás, Curupira”. E lembra que não encontrou referências ao Zumbi, na região próxima à fronteira com a Bahia, mas sim na que se limita com o Estado do Rio de Janeiro. E ainda admite, o incomparável Cascudo, que o Zumbi deve ter vindo para o Espírito Santo por meio dos escravos do Rio

de Janeiro porque só se faz notar nas proximidades dessa região (sul do Estado). O Zumbi aparece nos caminhos, pede fumo e atormenta quem não lhe satisfaz a vontade, dando assovios finos e longos para desnortear as pessoas. Nessas observações, Câmara Cascudo se refere, principalmente, aos mitos e lendas marcados pela presença das matas na vida do nosso homem rural e que remontam a um Espírito Santo indígena,





de selvas ainda compactas (“Geografia dos Mitos Brasileiros”, Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1976, apud “Índice do Folclore Capixaba”, Guilherme Santos Neve e Renato Pacheco, Banestes, p. 98).



## O TESOURO DA ILHA DA TRINDADE

Um bando de piratas, depois de pilhar imensa fortuna, escolheram, para escondê-la, a Ilha da Trindade, afastada, quase inacessível. Amoitado o tesouro, os corsários partiram para outras aventuras. Acabaram presos e mortos em Cuba pelos espanhóis. Mas um deles sobreviveu, um russo, que, tempos depois, prestes a morrer, revelou a um marinheiro inglês o mapa do tesouro. Várias expedições rumaram à ilha, sem sucesso. Há relatos sobre gigantes cobras, enormes caranguejos e outros monstros. E, contam, ainda, que muitos dos que tentaram encontrar esse tesouro desapareceram. O tesouro ainda não foi encontrado.



## O FRADE E A FREIRA

Lenda capixaba, alusiva a duas montanhas localizadas no sul do Estado, no município de Rio Novo do Sul, segundo a qual, conforme versos da mão do povo, “um frade e uma freira se amaram e Deus os abençoou lá do infinito e eternizou o amor dos dois amantes nessas duas montanhas de granito”.

## O FANTASMA DO CONVENTO



Num entardecer em Vila Velha, numa pequena aldeia de pescadores, da qual se podia avistar o Convento da Penha, um padre por ali passou e a eles perguntou como chegar àquele convento. Assustados, um deles indagou exclamando: “Agora? Mas já está anoitecendo! Não tem medo de fantasma?”. “Fantasma?”. “É. Toda noite ele assombra perto de lá”. “Não. Fantasmas não existem”. Para provar sua valentia, saiu o padre na direção do convento depois de dizer que iria badalar sete vezes o sino da capela. Quando lá chegou, e foi se aproximar do sino, se defrontou subitamente com medonha, assustadora criatura, a segurar a corda do sino. Apavorado, saiu de lá desenfreadamente. Os pescadores não se surpreenderam ao vê-lo passar correndo, correndo muito.





## MULHER QUE VIRA PATA

A exemplo do que se faz para evitar que homens se tornem Lobisomens, em famílias numerosas, por ocasião do nascimento do sétimo filho, se o bebê for menina, o(a) irmão(ã) mais velho(a) deve batizá-la; se não, quando crescer, ela se tornará uma "Mulher Pata". A mulher com essa sina se esconde para sofrer a transformação em pata. Transformada, voa, pousa em mastros de barcos, em telhados de residências ou zanza pela cidade, ouvindo conversas, e, quando volta a ser humana, propaga o que ouviu em apreciadas fofocagens.

## O ESTRANHO RECIFE

Ao retornar de uma pescaria, um índio goitacá vislumbrou uma mulher que lhe pareceu belíssima. Ficou a noite toda seguindo o formoso vulto da misteriosa mulher, até que a perdeu o de vista. Continuou a procurar, sem encontrar. Apaixonado, durante vários dias não dormiu, não se alimentou. Partiu remando desvairado em busca da mulher. Finalmente a encontrou na pedra do Siribeira. Pulou na água e foi a nado até a praia da Areia Preta. Não ouvia uma voz a lhe murmurar advertindo-o para voltar. Foi então que uma luminosa força o atingiu, petrificando-o de modo a transformá-lo num estranho recife.



## A PEDRA DO DIABO



Em Vitória, na estrada do Contorno, no local chamado Inhanguetá, ou Nhanguetá, vivia um homem muito afortunado, mas somítico, egoísta, e malvado, que, para ampliar sua riqueza, ia tomando, desonestamente, terras alheias. Algum tempo depois, suas fazendas foram atingidas por uma terrível praga e ele foi paulatinamente empobrecendo. O Diabo lhe apareceu e lhe propôs um pacto terrível: à meia-noite

de uma sexta-feira pré-determinada, em local a ser especificado, deveria o sovina lhe entregar o próprio filho, em troca da restituição de toda a fortuna que perdera, e até mais riqueza ainda. O muquirana falido aceitou o trato. O Diabo marcou data e local. Mas sua esposa tomou conhecimento do ajuste e pediu a Santo Antônio, do qual era devota, em fervorosa prece, que intercedesse em favor de seu filho. À meia-noite do dia aprazado, no local perto da habitação do fazendeiro, mencionado pelo Diabo (uma pedra rasa), o homem levou o filho e o deixou ali sozinho, afastando-se rapidamente. O Diabo apareceu pouco depois e tenta levar o moço. Foi nesse momento que surgiu Santo Antônio, atendendo ao pedido da aflita mãe. O santo desenhou uma cruz na pedra e com um grande açoite deu violenta surra no Demônio. Este, embora tentasse reagir, foi logo derrotado e desapareceu na escuridão. Na superfície da pedra permaneceram as marcas desse combate: a cruz riscada no granito, e as pegadas do santo e do diabo (uma marca um pouco maior).



## A PRINCESA ENCANTADA

Havia um cemitério em que não permanecia nenhum serviçal que para ali era designado. Muitos até fugiam do reino. Diziam que tinha um terrível fantasma que assombrava o lugar. Um rapaz, destemido, aceitou exercer o ofício. Já na primeira noite, a aparição aconteceu. Mas, diversamente do que viam seus antecessores (um fantasma assustador), o que o impávido moço viu não o assustou nem um pouco; ao contrário, foi a melhor visão que já tivera: um espectro de um belo



semblante, um corpo deslumbrante, de uma linda mulher. Entenderam-se como que só pelo pensamento. Ele se dirigiu a uma catacumba, e dali retirou o corpo da mulher por quem à primeira vista sentiu amor. Pegou-a no colo. Ela despertou ao seu contato. Era uma princesa, vítima de um feitiço maligno de uma bruxa inimiga do rei, que dava a filha por desaparecida, quando, na realidade, não estava morta, mas apenas inconsciente, escondida no sepulcro, em razão da negra magia. O rei, a rainha, todo o reino, ficou exultante. O valente rapaz e a princesa, felizes, se casaram.

## ROMANCEIRO

Dá-se o nome “romance” ou “romanzo”, para o povo, às narrativas cantadas em versos, nas quais se realçam o lirismo e a técnica do diálogo, com muitos poemas e poucas melodias (nada a ver com o homônimo gênero literário).

### CONDE ELADO

Trágica história de um rei que, a pedido de sua filha, tentou obrigar o Conde Elado, casado, a assassinar a esposa para, livre, desposar a princesa. O desfecho, em algumas versões: “Bateu o sino na serra. Ai, meu Deus, quem morreria? Morreu aquela infame, pelo má que cometia, de descasá um bem casado, coisa que Deus não queria...”.



### DOM JORGE E JULIANA

Juliana, ao receber a visita de Dom Jorge, quando ele fora convidá-la para seu casamento, oferece-lhe um cálice de vinho envenenado, no melhor estilo “não será meu, não será de ninguém”. Dom Jorge, agonizante, diz que se casaria com outra, mas que era ela, Juliana, a quem ele de verdade amava.

“Bebeste, ó desgraçado  
Uma especial tintura  
Misturada, com capricho  
Ao vinho da amargura  
(...)”

Juliana, Juliana  
Ah, te peço perdão  
Tu não te casas comigo  
Mas teu é o meu coração”



Antiquíssimo romance do qual Guilherme Santos Neves recolheu versões em quase todo o Estado do Espírito Santo.

Para compensar as tragédias, apreciemos mais estes dois exemplos, com finais felizes:

### A BELA CONDESSA

Lá evém um cavaleiro  
O que vem fazer aqui?  
Vim pra trazer um recado  
Teu marido foi degolado

O que é que você quer  
Para dar com ele aqui?  
Nada eu quero  
Porque eu não sou daqui

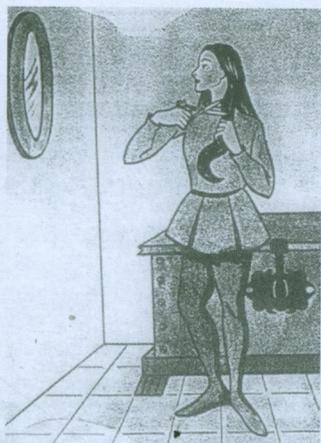
(...)

Não tem mais o que ofertar  
De tudo já te ofertei  
Eu quero a bela condessa  
Para comigo morar

Venham de lá meus criados,  
Venham de lá todos armados  
Venham ver o cavaleiro  
Como está muito confiado!

Tenho mão nestes criados  
Estes criados são meus  
O anel de sete pedras  
Que está no seu dedo é meu

Você é meu marido,  
Tá querendo zombar de mim  
Era pra ver se a bela infanta  
Se era falsa para mim.



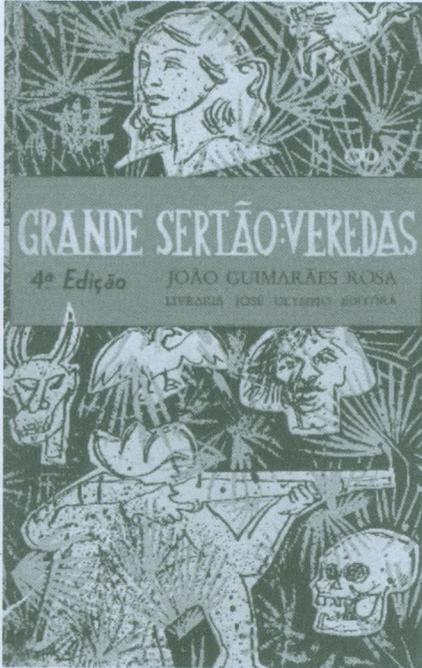
### A DONZELA GUERREIRA

Popular “desde o ‘descobrimento’ do Brasil”, transmitido por aqui pelos portugueses, este romance trata de uma ardilosa donzela que, para poder ir à guerra, se traveste de homem. Todavia, por mais bem que desempenhasse seu papel, não o fazia com sucesso ao cavaleiro que lhe despertou o amor. “Meu pai e minha mãe, não me tirem do amor, Os olhos de D. Barão são de mulher, homem não”. A donzela se deixava trair pelos olhos, que despertaram também o amor no cavaleiro. Felizes, se casaram.

Oportuno ressaltar que nesse caso se



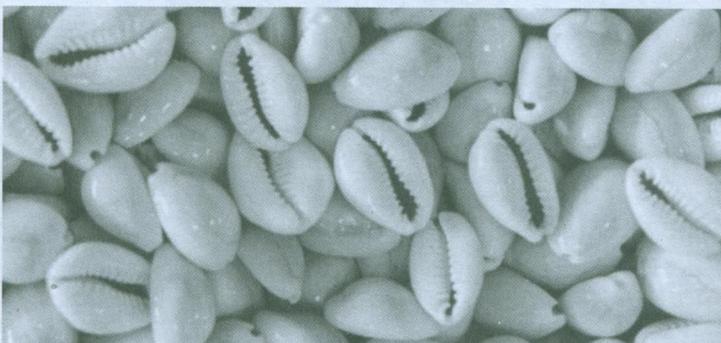
verifica a ocorrência da chamada “dinâmica da cultura”: processo no qual se constata a recíproca influência entre os três níveis básicos de cultura (erudita, de massa e popular), decorrente do contato que estes mantêm entre si. Com efeito, esse romance é exemplo de fenômenos em que complexos culturais do meio *folk* são absorvidos por outros agrupamentos sociais, culturalmente diversos, como as “elites”. Guimarães Rosa certamente se “inspirou” nessa história na elaboração de seu clássico “Grande Sertão: Veredas”, que também foi adaptada para uma série televisiva, protagonizada por Tony Ramos e Bruna Lombardi, os quais, respectivamente, interpretaram os personagens principais, Riobaldo e Diadorim.



## ARTESANATO

Artesanato folclórico abrange toda produção de objetos ornamentais ou utilitários, realizada sem o auxílio de equipamentos motorizados, por quem não detém, para tanto, conhecimento adquirido em escola ou fábrica especializada, ou seja, **artesão**, que aprende ofício sem um ensino “dirigido”. O trabalho artesanal pressupõe a manufatura, a confecção manual das peças. É um trabalho desenvolvido espontaneamente, ou transmitido tradicionalmente, um trabalho doméstico ou caseiro, realizado, no mais das vezes, no ambiente residencial do artesão, às vezes com a ajuda de seus familiares.

A matéria-prima que se emprega é a mais diversa, predominando-se o uso, naturalmente, de material mais acessível e disponível na região em que se situa o artesão, visto que este, em sua produção, estará também refletindo seu vínculo com o modo de pensar, sentir, agir e reagir da comunidade do meio em que vive.



utilizam latarias, ferros, alumínio, flandres, estanho como ouro e prata, para a produção de jóias, **Anuário do 52º Festival do Folclore de Olímpia**

Do artesanato capixaba, vejamos alguns exemplos: \_ das conchas e búzios, em Guarapari, Vila Velha, e especialmente, Piúma (para adornos e utilidades domésticas, como cinzeiros, pequenas jarras); \_ de rendas, produzido a partir do algodão, fiados pelas próprias rendeiras, em Meaípe, Nova Almeida e Guarapari; \_ de metal, em que se e até metais nobres, **correntes, lampiões,**





baldes, funis, bacias etc.; \_ do couro (arreios, correias, selas, e inúmeros outros derivados do couro); \_ de fibras e trançados (sacolas, vassouras, bolsas, esteiras) cujo material para produção é "tabua" (plantas herbáceas do gênero *Typha*, encontradas em terrenos pantanosos), muito rico artesanato no Espírito Santo, herança indígena.

Merece destaque a panela de barro, das mais expressivas criações da cultura popular do Estado. As panelas são produzidas pelas paneleiras do bairro

Goiabeiras, de Vitória. O barro é proveniente de Barreiros, Maruípe, também na capital do Estado. "Amassado

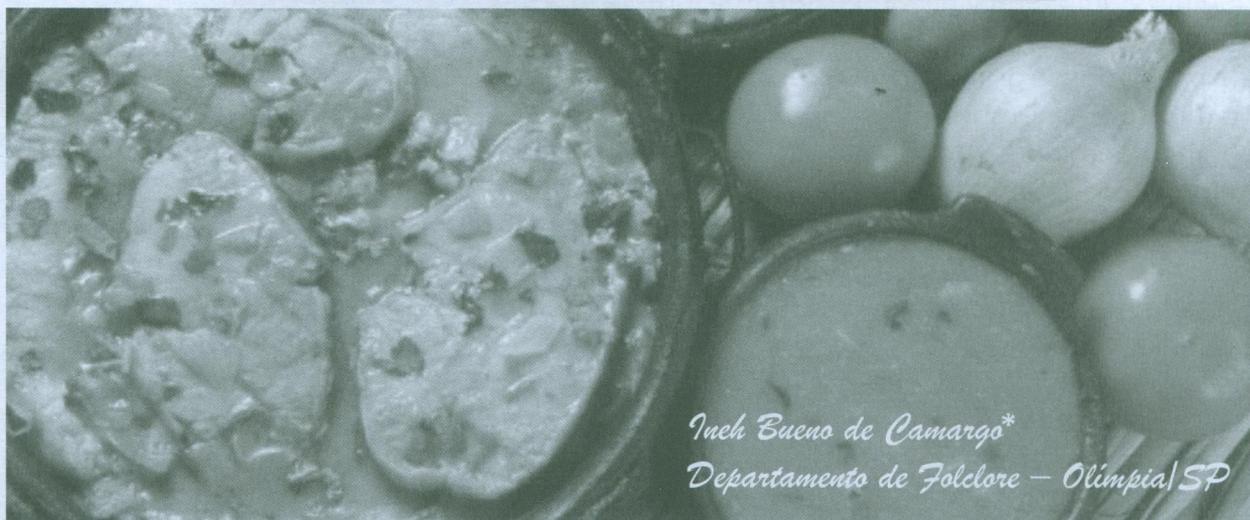
em bolos de cerca de 50 quilos, misturado com areia para dar liga, sendo mexido com grapuá. Cortado e amassado, o barro forma pilhas. Com água para amolecer o barro, este é apoiado numa talha. Começa-se a fazer a panela com uma cuiá. Raspa-se o barro com uma faca de ferro ou madeira, e alisa-se com uma pedra", explicam Luiz Guilherme Santos Neves e Renato Pacheco (op. cit. pág, 98),



que acrescentam que os três pratos tradicionais da cozinha capixaba, a feijoada, a moqueca e a torta, só terão sabor se feitos e servidos em panelas de barro.



# FOLCLORE DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO E SUA CULINÁRIA



## COMIDAS TÍPICAS DA CULINÁRIA CAPIXABA DE 1981 A 2016

**E**m 1981, minha mana Iseh, eu e a nossa amiga de Pirangi, Dr.<sup>a</sup> Rejane Gabriel, nos pusemos na estrada e, na minha Brasília, novinha em folha, partimos, sob a orientação da revista Quatro Rodas (a qual nos foi útil a viagem toda), de São Paulo, Capital onde moro há 64 anos, rumo ao majestoso Nordeste, até o Ceará, na sua Capital Fortaleza, parando alguns poucos dias em todas as capitais que estavam em nosso caminho.



Como sempre eu ia à busca da Culinária e do Folclore de cada Estado, além de conhecer ou de rever as belezas de cada lugar por onde passávamos. Eu já havia estado no Rio de Janeiro e em Salvador, Bahia, e havia aprendido nos restaurantes de lá a fazer o famoso Vatapá, que, até hoje, continua sendo meu carro-chefe, principalmente quando o faço para meus amigos de Pirangi, Olímpia ou São Paulo, Capital.

Assim, queria saber sobre a Culinária do Espírito Santo e de sua capital Vitória, o primeiro Estado onde iríamos pernoitar. Do Rio de Janeiro, onde já havia estado outras vezes, já conhecia bem a sua Culinária e seus bons pratos. Do Espírito Santo, o que vai ser homenageado neste ano de 2016, no Festival do Folclore do mês de agosto em Olímpia, Estado de São Paulo, vou tentar falar um pouco de sua Culinária e um pouco do seu belo Folclore.

Cansadas, depois de havermos descido serras e serras até chegarmos lá, procuramos nosso Hotel e Iseh e eu, resolvemos sair à cata de um bom restaurante que nos indicaram no Hotel. Rejane resolveu ir dormir, sabendo que seguiríamos no *maître* dia seguinte a nossa viagem. Dissemos ao que queríamos comer pratos típicos do Espírito Santo, ao que logo ele nos atendeu, dando os nomes de alguns deles: Moqueca Capixaba, Moqueca de camarão, a Torta Capixaba, o arroz com Camarão, o Bobó de camarão à moda Capixaba e outros tantos mais. Ficamos de pronto com a primeira, Moqueca Capixaba e de acompanhamento a



Torta Capixaba, segundo ele, uma delícia. Deslumbramo-nos com o sabor dos pratos por nós escolhidos.

Pesquisando, encontrei muito sobre o Espírito Santo, sua Culinária e seu Folclore. Meu objetivo era o de escrever, neste ano, um pouco desse grande e importante Estado do nosso Brasil que foi o escolhido para ser homenageado na Capital do Folclore Nacional - Olímpia, Estado de São Paulo, com seu belíssimo Thermas dos Laranjais,



hoje tão falado por este nosso imenso País, onde, durante a semana do Festival do Folclore, grupos folclóricos e parafolclóricos de todos os Estados se apresentam nesse Balneário de águas tão límpidas e tão acolhedoras, recebendo de braços abertos visitantes de todos os rincões.

Quero apresentar esses pratos famosos dessa Culinária tão bem falada por todos aqueles que tiveram o privilégio de saboreá-la, como nós, intrépidas andarilhas a caminho do longínquo e tão esperado Nordeste do Brasil.

## MOQUECA CAPIXABA

(antes de dar essas receitas, quero dizer que, sempre ao receber uma receita, passo a mudar muitos ingredientes dela, pois sei sempre o que por aqui existe de temperos, às vezes, são diferentes de outros Estados onde fui à cata de suas receitas, além de querer apresentar receitas que caibam em qualquer bolso).



Não se assustem, pois as receitas completas estão à nossa espera, hoje, na rede mundial de computadores. Vocês entenderam que para se fazer uma bela Moqueca, podemos dispor de peixes mais acessíveis a todos nós.

## MOQUECA CAPIXABA À MINHA MODA

### Ingredientes

1 quilo de camarão médio, sem as cascas, sem as famosas tripinhas pretas, 2 quilos de tilápias em filés, limpas, temperadas com todos os temperos, sem exagero, 2 limões, 2 colheres (sopa) de vinagre de maçã, 2 cebolas médias batidinhas, 2 cabeças de alho, batidinhos, 6 tomates temperados, em rodelas, 1 colher (sopa) de colorau ou sementes de caruru, 2 pimentas dedo-de-moça em rodelinhas e com as



sementes, 2 xícaras (chá) de salsa e cebolinha batidinhas (há quem prefira o coentro, que não é muito encontrado por aqui), pimenta-do-reino, a gosto, azeite do bom ou Maria, alho, sal ou uma colher e meia de Receita de casa com pimenta (encontrada em Pirangi, Olímpia e São Paulo), três pimentões cortadinhos (vermelho, verde e amarelo) darão uma aparência bem melhor à Moqueca.



**Modo de preparo:** se tiver panela de barro, bem melhor como o fazem as grandes cozinheiras do Espírito Santo; caso contrário, uma panela média, com fundo não aderente. Coloque no fundo da panela azeite ou óleo a gosto, por cima, coloque camadas de tomates, pimentões cortados, e demais temperos. Acrescente filés de tilápias e camarões. Repita as camadas, sempre salpicando azeite ou óleo. Repita as camadas enquanto houver tilápias (ou filés de outros peixes se os tiverem à mão). Quando terminar, coloque a panela no fogo, salpicando um pouco de água sobre a Moqueca. Deixe ferver por cerca de meia hora com fogo baixo após a primeira fervida. Não se esqueça de ir colocando camarões às camadas. Para servir esta Moqueca não tão capixaba, não se esqueça de se esmerar no Pirão e no arroz com camarão como acompanhamentos.

## PIRÃO DE PEIXE PARA ACOMPANHAR A MOQUECA



Frite, um ou três filés de tilápia (caso você opte por usar Robalo, Namorado ou outro qualquer) e acrescente os camarões, mais ou menos uns quinhentos gramas, bem limpos. Junte cheiro verde ou coentro e os demais temperos. Junte o colorau ou massa de tomate (lata pequena). Desfie as tilápias fritas, juntando-as aos camarões, com quatro

copos de água fervente, engrossando o molho com farinha de mandioca, aos poucos para não engolar. Mexa com um garfo. Não deixe o pirão secar muito. Não se esqueça das pimentas e demais temperos. Sirva com a Moqueca e arroz branco. Se quiser, coloque um molho de camarões nesse arroz (os temperos dos quais falo, são os mesmos usados na Moqueca Capixaba). Bom apetite.

Segundo moradores, a herança cultural, aliada à tradição pesqueira criou pratos que somente são encontrados, no Espírito Santo, em Vitória, principalmente, como pratos como a Moqueca Capixaba da qual já falei, um pouco depois de haver

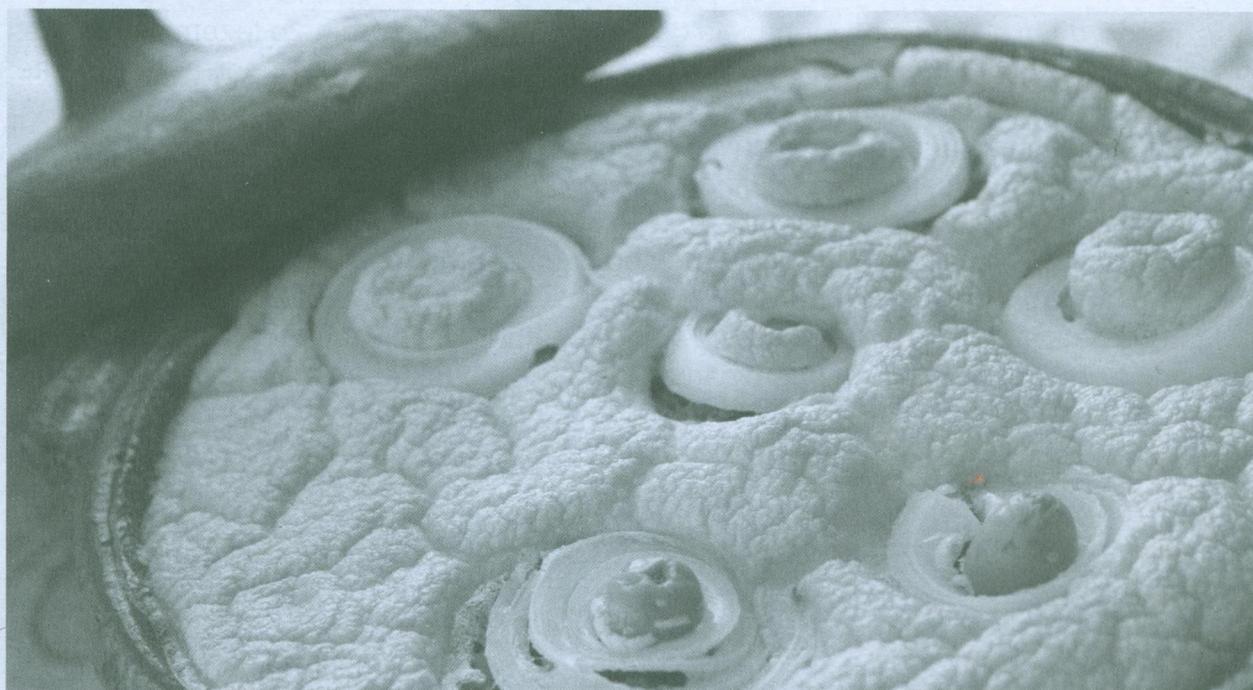


experimentado essa delícia, triste por não ter em mãos tantos peixes difíceis e caros de serem encontrados por mim, esta folclorista sem possibilidades de seguir, à risca, prato como esse que brilha sempre em restaurantes que, por nossas andanças por este Brasil afora, nos levou a conhecê-los em Vitória, a bela Capital do Espírito Santo.

## **TORTA CAPIXABA**

É outra preciosidade da Culinária encontrada em Vitória. Para variar e fazer, sem todos aqueles peixes presentes à Torta que pudemos apreciar (siri desfiado, caranguejo desfiado, camarão, ostra cozida, sururu cozido, badejo desfiado, bacalhau desfiado). Dou apenas a receita da Torta (não tão capixaba, andando bem abaixo dela, cujo sabor é incomparável), deixo aqui a receita de uma feita apenas com as tilápias, o camarão e alguns pedaços de bacalhau, não nos esquecendo de um montão de temperos que são indispensáveis.

## **TORTA À MODA CAPIXABA COM TILÁPIAS, CAMARÃO E BACALHAU**



### **Ingredientes**

2 quilos de tilápias (ou outro filé de peixe que tiver à mão), 1 quilo de camarões médios, sem a casca, tiradas as tirinhas pretas dos mesmos, temperados simplesmente com cebolas, alho, batidinhos, cheiro-verde picadinho ou coentro, 2 colheres sopa de azeite, pimenta dedo de moça cortadinha, pimenta-do-reino a gosto.

**Modo de preparo:** Frite as tilápias desfiando-as em seguida. Junte o camarão semi-temperado à panela, assim como as tilápias. Acrescente dois copos de água fervente à mistura, mexendo bem. Acrescente colorau ou uma latinha de massa de tomate pequena ao molho. Se quiser, junte 500 gramas de palmito natural, cozido, em rodela, acrescente o bacalhau deixado de molho na geladeira por uma noite, desfiado, temperado com pouco tempero (cebolinha, alho amassado, cheiro verde, pimenta a gosto). Junte os camarões, mexa bem. Acrescente três ovos. Mexa bem e vá colocando farinha de trigo até conseguir uma massa consistente. Coloque leite até conseguir formar a massa da Torta. Junte uma colher (sopa) de fermento. Use tomate a gosto. Mexa bem, leve ao forno até a massa estar assada e crocante. Sirva com a Moqueca Capixaba, o molho e o pirão.



## OUTRA RECEITA DA TORTA

Rendimento: prato para seis pessoas

1,5 de peixe fresco (robalo, badejo, papa terra, namorado).

3 maços de coentro, 3 maços de cebolinha verde e salsa, 2 cebolas brancas pequenas, 3 dentes de alho, 4 tomates, 3 limões, azeite de oliva, sementes de urucum, pimenta malagueta, opcional, óleo de soja ou algodão, sal fino.

**Modo de Fazer:** Limpe bem o peixe, corte-o em postas de 5 cm de largura, lave-o com limão e deixe-o em uma vasilha com água de sal fraca. Separe a cabeça para o preparo do pirão. Soque juntos o alho e o sal. Em uma panela de barro grande, coloque um pouco de óleo de soja (duas colheres) e uma colher (sopa) de azeite e adicione a massa obtida no socador, passando-a no fundo do recipiente. Retire as postas do peixe da



vasilha com água e sal. Vire as postas de um lado para o outro, na panela, arrumando-as para que não fiquem uma em cima das outras. Corte o coentro, o tomate e a cebola e os coloque nesta ordem, por cima das postas de peixe que estão na panela. Regue com azeite e suco de limão. À parte, frite em um pouco de óleo quente (uma colher-sopa de sementes de urucum. Depois de fritas, retire-as. Na hora de levá-las ao fogo para cozinhar, despeje um pouco desse óleo por cima do peixe, para dar cor. Quando começar a abrir a fervura, verifique o sal. Não ponha água e não vire as postas de peixes para que não agarrem no fundo. Quando for à mesa, salpique coentro picadinho. Como complementos da Moqueca Capixaba, são indispensáveis, o arroz branco, o pirão e o molho.

Gostaria de, neste pequeno relato sobre a Culinária do Espírito Santo, delinear as belas e deliciosas sobremesas que eles têm, mas isso, fica para outro trabalho sobre a Culinária de vários Estados, isso em forma de um livro de Receitas das quais, já foram relatadas comidas de muitos Estados do Brasil.

## FOLCLORE DO ESPÍRITO SANTO

### FESTAS



Sobre ele muito teria a falar, porém, vou ater-me em apenas citar parte de suas danças e folguedos, todos com influências muito grandes dos indígenas aqui encontrados e das influências europeias e de outros continentes que ali foram se estabelecendo, principalmente nos arredores da Capital Vitória:

**Dança alemã** - vindas com os primeiros colonos da América Central.

**Dança Açoriana** - veio dos Açores, de onde trouxeram seus

costumes e tradições, com nítidas influências lusitanas.

**Bate-Flechas** - que é uma expressão folclórica de intenção religiosa, sendo também praticada por Umbandistas.

**Capoeira** - que, no início da Escravatura, os escravos, para se proteger dos brancos que os perseguiam. Tempos depois, ela passou a ser vista como



divertimento e a integrar algumas Festas Populares, como dança, com técnica de jogo. Como instrumento musical, eles usam o famoso Berimbau.



**Congo** - é um conjunto musical típico do Espírito Santo. Seus adeptos fazem a derrubada ou arrancada do mastro. Fazem o levantamento e fincada do mastro.

**Congo de Máscara** - É caracterizado pela vestimenta de máscaras e vestimentas populares e primitivas.

**Dança Holandesa** - É uma contribuição cultural dos colonos holandeses, assentados nesse Estado em meados do século XIX.



**Dança Italiana** - Veio com os imigrantes italianos, no último quarto do século XIX.

**Jaraguá** - é uma brincadeira tradicional que ocorre nas cidades de Anchieta e Alfredo Chaves, durante o Carnaval e é, um Bloco Carnavalesco em que a figura central, assustadora e fantasmagórica é a Jaraguá, com cabeça de cavalo e corpo de musgo, retirado do manguezal.

**Jongo e Caxambu**, dança de roda, de origem angolana, encontrada em várias partes do Espírito Santo.



**Mineiro-Pau** - é uma Dança, como arma de ataque e guerreira porque nela se usa um bastão como defesa simulando combate.

**Dança Polonesa** - que veio para o Estado, no final do século XX. Fundaram, então, a Companhia de Varsóvia.

**Dança Pomerana** - chegaram através de agricultores de origem

eslava radicados na Prússia.

**Dança Portuguesa** - de origem portuguesa.

**Quadrilha** - com ela fundou-se o referencial para as Festas Juninas.





## FOLGUEDOS

Vamos aqui citar apenas os nomes dos Folguedos, alguns deles, pois são muitos: Alardo de São Sebastião, Boi, Boi Pintadinho, Charola de São Sebastião, Folias de Reis, Bandeiras e Máscaras, Instrumentos de percussão, Bonecos de Folias de Reis, Bandeiras e Máscaras, Instrumentos das Pastorinhas, Rei de Bois e Ternos de Reis.

Poderíamos falar de muitos outros aspectos do Folclore do Espírito Santo, mas ficamos apenas no pouco que aqui pudemos deixar escrito, esperando vê-los, assistindo-os diariamente na Semana do Folclore de Olímpia em todos os dias do Festival e, quem sabe, tendo a sorte de experimentarmos alguns de seus deliciosos pratos, em Encontros que sempre ocorrem entre grupos de vários Estados do Brasil, visando a maior relacionamento entre grupos que de tão longe chegam à Olímpia durante o Festival. Uma coisa posso garantir: todos que estiverem assistindo as apresentações durante as noites, no Recinto do Folclore, vão gostar muito do que o Espírito Santo apresentará.



\* Ineh Bueno de Camargo fez o Curso do Magistério e o Científico em Ribeirão Preto, no Instituto Sinhá Junqueira e o Curso Médio na Escola Estadual Otoniel Mota. Kursou Psicologia e Pedagogia, na USP da Maria Antonia, nos anos 50 em São Paulo, Capital. Trabalhou por 10 anos no Lar das Crianças Israelitas na Capital como psicóloga e foi nos seus últimos tempos de trabalho, Diretora da Escola Caetano de Campos da Aclimação onde granjeou muitas amizades que perduram até os dias atuais. Foi proprietária e Diretora do Jardim Escola Dona Baratinha Azul, no Bairro do Bexiga por 14 anos. Mora atualmente em São Paulo e em Pirangi. Já escreveu mais de 10 livros, sobre Culinária, sobre Folclore e sobre sua cidade- Pirangi. Vive sempre atrás do Folclore do Brasil, principalmente.



# Folclore em contexto e comunidades de prática: o Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas Cidade Menina Moça GODAP

*Estêvão Amaro dos Reis*

*Universidade Estadual de Campinas – estevaoareis@gmail.com*

## O FOLCLORE EM CONTEXTO

O termo folclore está tão incorporado ao nosso dia a dia que já não causa estranhamento e nem sequer nos lembramos de que se trata de uma palavra estrangeira, uma palavra inventada pelo britânico William Thoms, a partir da fusão de outros dois vocábulos (*folk –lore*) do inglês antigo. Além disso, o termo nunca foi uma unanimidade. Para Brandão (1984: 27) “folclore é uma palavra que já nasce entre parênteses.” Para Dan Bem-Amos (1971) os conceitos para defini-lo foram tantos e tão diversos quanto às versões dos contos e lendas mais conhecidos. Para Ikeda (2013: 174) as inúmeras denominações são tentativas de conferir a esses saberes populares alguma característica ou distinção, buscando singularizá-las, diferenciando-as de outras formas, como as da cultura de massa, da cultura urbana moderna e da cultura “erudita” e até da cultura indígena.

Desde os tempos de Herder (1744-1803) e Thoms (1803-1885) os estudos de folclore foram orientados em grande parte por duas características principais: o “mito do desaparecimento” e a busca da “alma nacional”. A transformação das expressões das culturas populares em “objetos folclóricos”, resultante do ponto de partida literário e filológico destes estudos (Bem-Amos, 1971), fez com que as coletas realizadas tivessem como objetivo primeiro “preservar” e evitar o seu desaparecimento. Do mesmo modo, a “alma nacional” residente no folclore só poderia ser “resgatada” mediante o acesso as expressões “puras”, simples e ingênuas do povo (REILY, s.d.).

Em um período de consolidação dos Estados-Nação o caráter de urgência contido em ambas as premissas levou inúmeros intelectuais a se engajarem em uma verdadeira corrida em busca do folclore, como assinala Ortiz, (1994).

No Brasil não foi diferente, de acordo com Fonseca (2009) as transformações experimentadas no país durante a primeira metade do século XX, entre elas, a necessidade de o Brasil se firmar no cenário internacional como uma nação com características próprias, moveu uma parcela da intelectualidade brasileira em busca de modelos de representação que pudessem delimitar a construção de um sentimento de pertencimento a nação.

1 Este artigo foi desenvolvido a partir de artigo originalmente publicado nos Anais do XXVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANP-POM).



No entanto, a busca pela “alma nacional” fez com que estas pesquisas pioneiras se concentrassem no “objeto folclórico” em detrimento de toda a diversidade sociocultural que o conforma e o determina (Reily, 1990), desconsiderando os atores sociais envolvidos. E este tipo de enfoque fez com que o termo folclore adquirisse uma conotação pejorativa.

O desenvolvimento do campo da etnomusicologia no Brasil fornece uma nova perspectiva para os estudos que envolvem a temática do folclore. Cavalcanti (2002: 2) assinala que uma nova visão, de caráter mais antropológico, segundo a qual “importa mais os significados que as coisas têm para as pessoas que as vivenciam do que a construção de uma classificação de suas características”, direciona os novos estudos de folclore e amplia a sua abrangência. Entretanto, em muitos destes novos estudos o termo folclore é empregado entre aspas, em decorrência das conotações pejorativas outorgadas a ele por algumas linhas de pensamento no decorrer de sua história. Ainda hoje este cenário é comum, no que concerne aos estudos que envolvem os temas do folclore no Brasil.

Todavia, em outras partes do mundo, a busca por uma solução para os problemas de definição e significado do termo folclore levou a novas conceituações e a novas propostas de abordagem, sem a necessidade de descartá-lo como uma palavra ultrapassada e de pouca utilidade. Dentre estes movimentos, encontra-se o que ficou conhecido como os contextualistas, nomenclatura dada por Richard Dorson, à época diretor do Instituto de Folclore da Universidade de Indiana. Trata-se de um movimento formado por um grupo de jovens pesquisadores, oriundos do meio acadêmico norte americano, propondo uma nova abordagem para os estudos de folclore no final dos anos 1960 (BLACHE, 1995).

O trabalho dos contextualistas se estrutura nos estudos de *performance* e suas ideias foram publicadas originalmente em 1972, no livro *Toward New Perspectives in Folklore*, editado por Americo Paredes e Richard Bauman. Blache (1995) destaca que Bauman verifica uma mudança de orientação nos estudos de folclore realizados a partir de meados dos anos 1960, que a partir de então passam a considerar o folclore como um processo e não mais como um produto.

Os primeiros folcloristas consideravam o folclore como um fenômeno intragrupal, virtudes peculiares intrínsecas surgidas de sua própria existência dentro de um grupo homogêneo mais ou menos peculiar (BAUMAN, 1971: 20). Este conceito compreendia a aceção universal de certos gêneros como próprios do folclore, independentemente do enfoque que se tenha da natureza essencial do folclore (BAUMAN, 1971: 32). Em outras palavras, o foco das investigações estava centrado no “fato folclórico”, em uma suposta natureza folclórica das coisas.

De acordo com Bauman (1971: 30) o ideal romântico “descolou” o folclore de seu contexto social, ao considerá-lo como um “domínio independente de produtos culturais relacionados de forma abstrata, com algum corpo homogêneo de pessoas identificado como folclórico e que dele participam coletivamente”. Bauman (1971) argumenta que, enquanto esta conceituação for válida, não será possível compreender o folclore em situações de identidade diferencial. Desse modo, propõe que,

[...] a verdadeira compreensão da base social do folclore deve apoiar-se em investigações que se concentrem nas identidades sociais que são pertinentes para a atuação do folclore dentro do contexto de situações e acontecimentos particulares, porque somente aí é onde vamos encontrar o verdadeiro lugar que ocupa a interelação entre folclore e seus portadores (BAUMAN, 1971: 30).



O conceito de folclore desenvolvido por Bauman e pelos demais integrantes do movimento dos contextualistas põe em relevo os atores sociais, tidos como produtores de folclore, no momento em que estão em ação em seus contextos sociais, isto é, no momento em que estão performando. Apoiados nas ideias de Dell Hymes (HYMES, 1975: 43 apud BLACHE, 1995: 8) para o estudo da “etnografia da fala”, os contextualistas compreendem a performance “como um princípio organizador que compreende o ato artístico, a forma expressiva e a resposta estética, vistos a partir dos próprios atores sociais e dos contextos específicos em que ocorrem” (Blache, 1995: 8).

Ao colocar o foco principal na performance, o trabalho de Bauman (1971) e dos contextualistas permite conceituar o folclore de acordo com o lugar que o saber popular ocupa nas relações sociais e, conseqüentemente, o seu uso na interação comunicativa, criando um novo paradigma para os estudos de folclore. Sob esta nova perspectiva, a preocupação com a descrição e a análise de fatos tidos como folclóricos, intrínsecos às sociedades e aos grupos humanos concebidos como portadores de folclore, ainda permanece. Entretanto, não são mais vistas como um fim em si mesmo. Visto como um processo e não mais como um produto, os estudos de folclore passam a integrar forma, função e performance.

Reily (s.d.) destaca que a orientação processual do folclore salienta a fluidez entre as fronteiras tradicionais nas diversas esferas da arte.

[...] a música folclórica hoje pode ser ouvida no palco, gravada e vendida como mercadoria, mobilizando, assim, a indústria da música; sucessos de música popular podem ser cantados em comunidades em torno de uma fogueira com o acompanhamento de um violão, de uma maneira que lembra a música folclórica; grandes estrelas do mundo da música erudita agora realizam performances que imitam as estrelas do pop ou rock [...] (REILY, s.d.).

No Brasil é possível encontrar parte do repertório musical dos grupos folclóricos gravados em CDs, produzidos pelos próprios grupos ou em colaboração com produtores culturais. Alguns “intérpretes” da música folclórica tornaram-se nomes de referência para além do âmbito das culturas populares, como por exemplo, Selma do Coco, Lia de Itamaracá, David Assayag e a dupla de repentistas Caju e Castanha. A Banda de Pífanos de Caruaru gravou com Gilberto Gil e Hermeto Pascoal, nomes consagrados da MPB e da música instrumental brasileira. Grupos de maracatu nação, manifestação característica do estado de Pernambuco, hoje são encontrados em todo Brasil e até mesmo em outros países, como Alemanha, Canadá e França.

Estes fatos denotam que o fenômeno apontado por Reily, (s.d.), acerca da fluidez entre as fronteiras tradicionais nas diversas esferas da arte, tem se tornado cada vez mais evidente no mundo contemporâneo.

## COMUNIDADES DE PRÁTICA

O conceito de comunidades de prática, cunhado por Etienne Wenger (1998; 2012), define um grupo de pessoas que se envolvem em um processo de aprendizado coletivo em um domínio compartilhado do saber humano. Em outras palavras, as comunidades de prática envolvem grupos de indivíduos que se reúnem periodicamente, tendo como objetivo e interesse comum o aprendizado e as formas de aplicação do que foi aprendido



(TAKIMOTO, 2012). Dessa forma, as comunidades de prática podem ser observadas nas mais variadas formações: “um grupo de alunos que definem a sua identidade na escola, uma rede de cirurgiões explorando novas técnicas, uma reunião de gerentes de primeira viagem ajudando uns aos outros a lidar com os problemas” (WENGER, 2012: 1). São grupos de pessoas movidas pela paixão por algo que fazem, e que compartilham o ideal de que aprendem como fazê-lo melhor, na medida em que interagem regularmente (WENGER, 2012).

Já que o que move uma comunidade de prática é a paixão, o autor salienta que a simples definição de uma comunidade de prática não traz em si a intencionalidade, ou seja, “a aprendizagem pode ser a razão pela qual a comunidade se reúne, ou simplesmente o resultado incidental das interações dos membros de um grupo” (WENGER, 2012: 1). Um grupo de pessoas com um interesse em comum, por si só, não caracteriza uma comunidade de prática, ou seja, nem toda comunidade é uma comunidade de prática.

Isto considerado, Wenger (2012) apresenta três características fundamentais para o estabelecimento de uma comunidade de prática: 1) o domínio; 2) a comunidade; 3) e a prática.

O domínio se constitui no elemento fundamental do grupo, a identidade de uma comunidade de prática é definida por um domínio comum de interesse. Embora o trabalho de Wenger (1998; 2012) não trate de grupos que tenham como meta específica o fazer musical, Giesbrecht; Reily (2012) salienta que a obra do autor “proporciona uma estrutura para pensar as comunidades musicais locais, subalternas ou não”. Neste sentido, o conceito cunhado por Wenger (1998) pode ser utilizado nas análises dos grupos folclóricos, isto é, os grupos performativos das culturas populares brasileiras, cuja prática musical determina o domínio comum da comunidade.

A segunda característica determinante da comunidade de prática é a comunidade, formada pelos indivíduos e por suas interações, o que traz como resultado a construção de relacionamentos. Os membros da comunidade se envolvem em atividades e discussões conjuntas ao perseguir seus interesses dentro do domínio. Ao compartilharem as informações, os membros da comunidade se ajudam mutuamente na medida em que constroem relações que permitem o aprendizado entre uns e outros.

A prática, propriamente dita, constitui o terceiro elemento e pode ser compreendida como o conhecimento compartilhado pelos membros. Os membros de uma comunidade de prática são praticantes, isto é, desenvolvem um repertório de recursos através de uma prática compartilhada.

A comunidade de prática é constituída a partir da combinação destes três elementos e o desenvolvimento destes elementos em paralelo faz com que a comunidade de prática seja cultivada (WENGER, 2012).

O conceito de comunidades de prática traz implícito o caráter de negociação, necessário ao bom funcionamento da comunidade. No universo das culturas populares se observa que qualquer grupo folclórico se submete a constantes processos de negociação para poder funcionar, do mesmo modo, qualquer outra prática musical amadora. Estes grupos têm metas específicas e, seja para realizar uma festa em louvor ao seu santo padroeiro, seja para se apresentar em um festival de folclore, “se organizam em torno do fazer de uma determinada prática musical” (GIESBRECHT; REILY, 2012).



As dinâmicas de funcionamento destas práticas, em última instância movidas por um impulso estético, impõem a necessidade do desenvolvimento de mecanismos de negociação que evitem a ocorrência de acontecimentos prejudiciais ao funcionamento do próprio grupo, visto que disso depende o bom funcionamento e a manutenção da própria comunidade, como assinala (Giesbrecht; Reily, 2012).

Uma das formas de evitar a dissolução dos grupos é manter todo mundo cantando (e dançando) o tempo todo. Dessa forma, os conflitos ficam menores e menos frequentes, porque as pessoas imediatamente estão envolvidas com a música, além de estarem todas executando seus papéis. As pessoas já sabem o que têm que fazer, e elas então se divertem (GIESBRECHT; REILY, 2012).

A boa execução do papel creditado a cada membro do grupo assegura o seu bom funcionamento e por extensão o bom funcionamento da própria comunidade.

## **O GRUPO OLIMPIENSE DE DANÇAS PARAFOLCLÓRICAS<sup>2</sup>**

### **“CIDADE MENINA MOÇA”**

O Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina Moça” (GODAP) foi fundado pela professora Maria Aparecida de Araújo Manzolli (Cidinha Manzolli) em 1967, na cidade de Olímpia (São Paulo). Segundo Manzolli, o grupo foi criado no ambiente escolar olimpiense com o objetivo de ensinar danças folclóricas aos alunos, que seriam apresentadas na escola durante a semana do Festival do Folclore de Olímpia.<sup>3</sup> Com quarenta e nove anos de existência, o GODAP encontra-se entre os grupos parafolclóricos mais antigos do Brasil, considerando a categoria êmica em que está inserido.

O GODAP é formado por aproximadamente setenta integrantes, divididos entre músicos e dançarinos. Os dançarinos são a maioria e estão distribuídos em três categorias, de acordo com a faixa etária: crianças, adolescentes e adultos. Geralmente os seus integrantes participam do grupo por muitos anos, entram ainda crianças e vão passando por todas as fases até chegar ao grupo principal. O número de integrantes do grupo de músicos pode variar de três a dez e a instrumentação utilizada varia de acordo com a região que será representada nas performances: sanfonas, violões (às vezes uma viola caipira é incorporada), bombo leguero, timba, ganzás e ou afoxés, zabumba e triângulo. Muitos grupos parafolclóricos se referem ao seu grupo de músicos como “regional”, pela similaridade com a formação utilizada no choro.

---

2 Em trabalho de campo realizado junto aos grupos folclóricos participantes do circuito de festivais de folclore brasileiros, pude constatar que os termos folclore e parafolclore constituem categorias êmicas geradas a partir de discursos internos. Folclore ou folclórico corresponde à autenticidade, vinculada à ancestralidade. Os grupos folclóricos são vistos como os continuadores de uma tradição. Parafolclore ou parafolclórico representa o que não é autêntico e engloba os grupos performativos cujas performances são voltadas predominantemente para o espetáculo. Tais grupos, denominados de parafolclóricos e balés folclóricos, não têm, necessariamente, uma relação direta com a manifestação que irão representar e consideram os grupos folclóricos uma fonte de pesquisa e inspiração para a criação de seus trabalhos artísticos. (REIS, 2016; 2012).

3 Atualmente o Festival do Folclore de Olímpia, São Paulo FEFOL é o maior evento do gênero do país, reunido dezenas de grupos folclóricos de todas as regiões brasileiras. Em 2015 o FEFOL completou cinquenta e uma edições ininterruptas.



O bombo leguero consiste em um tambor de tamanho médio, com corpo de madeira e coberto com pele de carneiro em ambos os lados, tocado com baquetas, o bombo leguero também é encontrado em grupos folclóricos gaúchos do Brasil e da Argentina. O nome leguero remete a lenda de que o seu som pode ser ouvido a léguas de distância. Também de tamanho médio, a timba é um instrumento percussivo de formato cônico, recoberto com pele sintética somente em um dos lados e é tocado com as mãos. A timba ficou muito popular nos anos 1970 com o Trio Mocotó, grupo que a utilizava como base percussiva em suas performances.

O GODAP apresenta em suas performances músicas e danças das regiões sul, sudeste, norte e nordeste brasileiros. A performance de cada região corresponde a um conjunto de danças, um ciclo que dura em média trinta minutos. As performances de cada ciclo são intercaladas por canções características da região representada e consideradas folclóricas pelo grupo.

A performance do ciclo da região sul apresenta canções e danças do movimento tradicionalista do Rio Grande do Sul, características dos grupos de danças vinculados aos CTGs (Centro de Tradições Gaúchas), junto aos quais o GODAP realizou as suas primeiras pesquisas. Por exemplo, balaio, tatu com volta do meio, xote carreirinha, o xote das duas damas, pezinho, maçanico ou maçarico, roseira, dança dos facões e a chula.

O repertório dos ciclos das regiões norte e nordeste é composto por danças características dessa região e que o grupo considera folclóricas, como o baião, xote, xaxado, coco, maneiro-pau, caninha verde e asa branca, muitas delas criadas a partir de canções populares de autores como Waldemar Henrique, Nilson Chaves e Luiz Gonzaga.

As músicas das performances do ciclo do sudeste, as únicas oriundas de pesquisas de fontes primárias, apresentam um caráter mais instrumental. Quando há texto nas músicas, este aparece na forma de pequenas frases repetidas constantemente.



**FIGURA 1 - PROFESSORA CIDINHA MANZOLI E GODAP, TRAJE PAULISTA (REPÚBLICA TCHECA)  
FONTE - ACERVO GODAP. [2014]**





**FUGURA 2 - GODAP - DANÇA DA BALAINHA. PALCO DO FEFOL.  
FONTE - ACERVO GODAP.**



**FUGURA 3 - PROFESSORA CIDINHA MANZOLI.  
FONTE - ACERVO GODAP. [2015]**



**FIGURA 4 - MÚSICOS DO GODAP. PALCO DO FEFOL.  
FONTE - MÁRCIO DINIZ.**



**FIGURA 5 - MÚSICOS DO GODAP. MÁRCIO DINIZ E TONY BOY. PALCO DO FEFOL.  
FONTE - MÁRCIO DINIZ.**

Acompanhando o pensamento de Wenger (1998; 2012) o GODAP pode ser compreendido como uma “comunidade de prática” autônoma. Sendo assim, precisa de pessoas para exercer as diversas atividades necessárias para que o grupo funcione a contento. Quanto ao aspecto organizacional, os membros do GODAP se dividem em papéis administrativos e performativos. As funções administrativas são de responsabilidade de uma diretoria, liderada pela professora Cidinha Manzolli e os papéis performativos estão a cargo dos músicos e dançarinos. Sob a ótica de Wenger (1998; 2012), ambos se inserem na categoria “comunidade”. No GODAP os membros da diretoria também participam dos papéis performativos e muitas vezes os dançarinos colaboram nas funções administrativas.



A diretoria é a responsável pela manutenção do grupo, por fornecer um local para os ensaios, viabilizar a sua participação em festivais de folclore e eventos do gênero, arcando com a maioria das despesas materiais e financeiras, e por manter em ordem os trajes e os instrumentos utilizados nas performances. Os músicos e os dançarinos ensaiam para desempenhar o seu papel da melhor maneira possível.

Além do papel desempenhado pelos músicos e dançarinos, há a necessidade de se confeccionar os trajes, mantê-los limpos e organizados para o próximo espetáculo, funções desempenhadas por Edmê Aidar, irmã de Cidinha Manzolli, responsável pelo desenho e confecção dos trajes do grupo, e Rose dos Santos e Neucilei Alves Tosta, responsáveis pela organização do figurino. Os trajes utilizados pelo GODAP remetem às regiões representadas em suas performances.

O GODAP realiza as suas performances nos mais variados contextos, além do palco do FEFOL e demais festivais de folclore com estrutura semelhante, o grupo se apresenta em teatros para os quais é convidado e também nas ruas, durante os desfiles dos festivais. A ausência de equipamentos de amplificação não constitui impeditivo para a realização da performance do grupo.

Em 2015, um fato inusitado projetou o GODAP internacionalmente, uma de suas performances – a dança do bambu, pesquisada por Cidinha Manzolli em 1967 no interior paulista. – compartilhada através da rede social Facebook<sup>4</sup> atingiu mais de vinte milhões de visualizações, o que resultou em um convite para o grupo se apresentar no programa “Encontro” da Rede Globo, apresentado por Fátima Bernardes. A participação do GODAP obteve a segunda maior audiência da história do programa, segundo os seus organizadores. No vídeo oficial do programa, publicado no sítio da Rede Globo, é possível ver os atores que participaram do programa e a própria Fátima Bernardes tentando aprender os passos da dança do bambu, junto aos dançarinos do GODAP.



**FIGURA 6 - DANÇA DO BAMBU, MOMENTOS ANTES DE COMEÇAR.  
(FESTIVAL INTERNACIONAL DE FOLCLORE DE OLÍMPIA).  
FONTE - ACERVO GODAP [2015].**

4 Página do GODAP com a dança doBambu.  
<https://www.facebook.com/godapolimpiaoficial/?fref=ts>  
**Anuário do 52º Festival do Folclore de Olímpia**



Enquanto uma comunidade de prática, o domínio comum de interesse do GODAP é o folclore. Através da música e da dança, consideradas folclóricas pelo grupo, os seus integrantes se reúnem com o objetivo de ensaiar e por meio dos ensaios constroem e fortalecem as suas relações em relação ao grupo e à própria comunidade. O conhecimento compartilhado nos ensaios, tendo o folclore como domínio comum, constroi um repertório de recursos que será utilizado por todo o grupo. Dessa maneira, através da prática compartilhada proporcionada pela interação regular dos ensaios, o grupo (re) cria coletivamente o seu repertório performativo, um repertório que já conta quase cinquenta anos.

Este repertório permite ao grupo negociar as suas práticas de acordo com o contexto em que estão inseridos. A performance da dança do bambu, apresentada pelo GODAP desde 1967, e pautada pela música e dança consideradas folclóricas, é projetada por um veículo tecnológico completamente novo (a internet), o que resulta em uma performance que produz a segunda maior audiência da história de um programa produzido por um veículo (a televisão) voltado quase que exclusivamente para a produção da indústria de entretenimento. Um fenômeno que suscita os questionamentos de Reily (s.d.) acerca da fluidez entre as fronteiras tradicionais nas diversas esferas da arte.

Sendo assim, o pensamento dos contextualistas, através do qual se compreende o folclore como um processo e não mais como um produto, aliado ao conceito de comunidades de prática desenvolvido por Wenger (1998; 2012), contribui sobremaneira para uma nova compreensão dos estudos de folclore. Na medida em que o folclore deixa de ser visto somente como um conjunto de práticas ancestrais associadas a grupos subalternos, ou seja, um conjunto de “fatos folclóricos”, o termo distancia-se das conotações pejorativas outorgadas a ele no decorrer de sua história, abrindo uma nova perspectiva de análise para os estudos de folclore.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Richard. *Identidad diferencial y base social del folklore*. (1971). In: BLACHE. *Narrativa folclórica (II)*. Buenos Aires: FADA. 1995.

BLACHE, Marta. (Org.). *Narrativa folklórica (II)*. Buenos Aires: Fundación Argentina de Antropología, FADA, 1995.

BAUMAN, Richard. *Identidad diferencial y base social del folklore*. (1971). In: BLACHE. *Narrativa folclórica (II)*. Buenos Aires: FADA. 1995.

BEN-AMOS, Dan. *Hacia una definicion de folclore em contexta* (1971). In: BLACHE. *Narrativa folclórica (II)*. Buenos Aires: FADA. 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é folclore*. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CAVALCANTI, M. L. V. de.; VILHENA, L. da P. *Entendendo o Folclore e a Cultura Popular*. Rio de Janeiro: CNFCP, 2002, p 1-5.

FONSECA, Edilberto José de Macedo. *Etnomusicologia e Folclore: o caso do levantamento folclórico de Januária-MG e as gravações etnográficas*



## Referências

GARCIA CANCLINI, Néstor. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad*. – 1ª ed. 3ª reimp. – Buenos Aires, Paidós, 2010.

GIESBRECHT, Érica. *Não há música sem dimensão política*: conversa com Suzel Reily sobre música, etnomusicologia e os estudos acerca da cultura popular brasileira. [entrevista a Giesbrecht, Érica e Souza; Carla Delagado de. In. Proa. nº 4, Vol. 1, 2014.

IKEDA, Alberto. *Culturas populares no presente: fomento, salvaguarda e devoração*. In. *Cultura e Música Popular*. Estudos avançados 27 (79), 2013. p. 173-190.

MANZOLLI, Ap. M. de. *Maria Aparecida de Araújo Manzolli*: inédito. Olímpia, 2011; 2014; 2015. Entrevista concedida a Estêvão Amaro dos Reis.

ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

REILY, Suzel Ana. Folk Music, Art Music, Popular Music: What do these categories mean today?. [S.l]. [s.d].

Reily, Suzel Ana. *“Não há música sem dimensão política”*: conversa com Suzel Reily sobre música, etnomusicologia e os estudos acerca da cultura popular brasileira. [entrevista a Giesbrecht, Érica e Souza; Carla Delagado de. In. Proa. nº 4, Vol. 1, 2014.

\_\_\_\_\_. Folk Music, Art Music, Popular Music: What do these categories mean today?. [S.l]. [s.d].

\_\_\_\_\_. *Manifestações populares: do “aproveitamento” à reapropriação*. In: REILY, S. A.;

\_\_\_\_\_. *Manifestações populares: do “aproveitamento” à reapropriação*. In: REILY, S. A.; DOULA, S. M. (Org.). *Do folclore à cultura popular*. ENCONTRO DE PESQUISADORES NAS CIÊNCIAS SOCIAIS. Anais... São Paulo: Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1990, p. 1 – 31 *apud* LUCAS, Glauro. *Os sons do Rosário: O Congado Mineiro dos Arturos e Jatobá*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

REIS, Estêvão Amaro dos. (2012). *O Festival do Folclore de Olímpia, São Paulo: uma festa imodesta*. Campinas, 2012. 165f. Dissertação de Mestrado em Música. Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas.

TAKIMOTO, Tatiana. *Afinal, o que é uma comunidade de prática?* In. *Sociedade Brasileira de Gestão do Conhecimento (SBGC)* Disponível em: < <http://www.sbgc.org.br/sbgc/blog/afinal-que-e-uma-comunidade-pratica>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

WENGER, Etienne. *Communities of practice: learning, meaning, and identity*. Cambridge, University Press. 1998.

\_\_\_\_\_. *Communities of practice and social learning systems: the career of a concept*. Disponível em: <<http://wenger-trayner.com/wp-content/uploads/2012/01/09-10-27-CoPs-and-systems-v2.01.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2016.



# CASA DO CAIPIRA

## (VILA BRASIL)

*Professor Roberto Arruda*

*Departamento de Folclore - Olímpia*

A Casa do “Caipira” foi idealizada pela professora Maria Aparecida de Araújo Manzolli, Tudo começou em 2009, com a construção da Casa do Caipira e o forno à lenha, dando, assim, início à construção da Vila Brasil. Neste ano se iniciaram às apresentações e rodas de violeiros de Olímpia e Região. Todos os dias, ao entardecer, durante o Festival do Folclore, são realizadas várias apresentações de diversas duplas, trios, orquestras e conjuntos de violeiros, de várias regiões do Estado de São Paulo.

No ano de 2010 foi acrescido o Coreto, e as apresentações dos violeiros e as atividades, na então iniciada Vila Brasil, tem sido cada vez assistidas durante a realização do Festival do Folclore.

Em 2011, o Estado do Rio Grande do Norte, homenageado no 47º FEFOL, construiu-se a Casa de Taipa, típica construção potiguar. No festival de 2012, o Estado do Rio Grande do Sul, então homenageado, promoveu a criação do Galpão Crioulo. Em 2014, quando se homenageou o Estado de São Paulo, foi construído o curral típico paulista.



\* Composto todo este cenário, temos a Igreja de Santos Reis, onde é realizada a missa sertaneja, com os violeiros e orquestras, é uma missa tipicamente caipira, um momento muito especial onde os devotos participam da celebração. Durante a realização do Festival de folclore a Igreja fica aberta para visitaçã o e apresentaçã o das Folias de Reis de Olímpia e região.



E na Casa do Caipira, além do tradicional café caipira, acontece a comercialização de quitutes, receitas e produtos tipicamente caipiras, preparados pela equipe do Fundo Social de Solidariedade de Olímpia, sob o comando da presidente Aparecida Zamperlim de Zuliani.



### MARCOS PAULO E CASSIANO

Durante a realização do 51º Festival do Folclore, no dia 14/08/2015, um integrante do Grupo Cheiro do Mato, de Monte Azul Paulista, um dos grupos que participam das atividades desde o início da construção da Casa do Caipira, escreveu um poema inspirado na construção e arquitetura da Casa do Caipira.

Durante a leitura do poema os amantes da música caipira e do sertanejo de raiz, e da viola caipira, se emocionaram.

Apresentei o poema para a Professora Cidinha ela sugeriu a publicação do poema no Anuário do Festival do Folclore de Olímpia. Segue o poema:



### CASINHA DO CAIPIRA

Lugar de doce encanto.  
quando vejo me espanto  
Da sua grande simplicidade.  
é rústica por natureza  
mas existe uma beleza  
Que não se encontra na cidade.

Seu telhado e suas portas.  
Nos protege e conforta  
com a brisa a passar.  
Não tem laje nem vidraça  
mas o vento que aqui passa é "DEUS" a nos soprar:

Hoje só se diz: Fui e nem tchau  
vou sair e festejar.  
Nosso mundo é diferente não tem  
benção mãe e benção pai – nós  
dizíamos contente.  
E sempre escutamos "DEUS" te acompanhe  
e ABENÇOE – era o nosso maior  
presente.





**GRUPO CHEIRO DO MATO, DE MONTE AZUL PAULISTA**

O Coral Raízes de Monte Azul, Coordenado pela educadora musical Jocemara Flores de Oliveira, também merece destaque durante as apresentações na Vila Brasil e nas missas sertanejas, compondo as letras das músicas que fazem parte da liturgia durante a celebração eucarística. O coral é formado por 52 idosos, na faixa etária de 60 anos, sem limite de idade, pois, para o grupo, cantar é viver e enquanto vida tiverem, haverá cantoria, música raiz, história de vida. O coral conta também com 3 violonistas, 2 violeiros e dois sanfoneiros. O repertório musical vai de Tonico e Tinoco, passando por Liu e Léu, Milionário José Rico, Pena Branca e Xavantinho e várias músicas folclóricas.



**CORAL RAÍZES DE GUAÍRA**





**MISSA SERTANEJA NA CAPELA DOS SANTOS REIS**

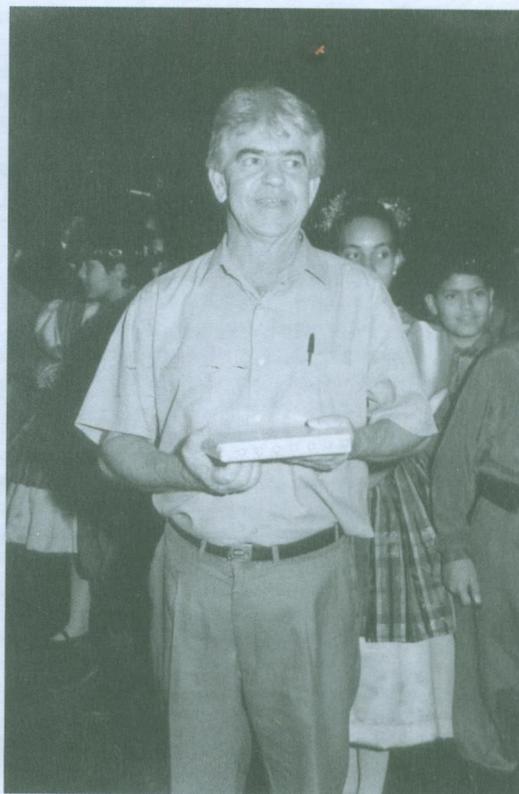
Consideramos muito oportuna também realçarmos uma música composta em homenagem ao Professor José Sant'anna criador do Festival do Folclore de Olímpia (letra de Maurinho de Souza e música de Geraldo dos Santos):

## **SAUDOSO PROFESSOR SANTANA**

VOU CONTAR UMA HISTÓRIA  
PRESTE ATENÇÃO POR FAVOR  
NA CIDADE DE OLÍMPIA  
ESTE FATO SE PASSOU  
AMIGO JOSÉ SANTANA  
UM HOMEM TRABALHADOR  
QUERIDO POR NOSSO POVO  
HUMILDE RESPEITADOR  
NA ESCOLA QUE ESTUDAVA  
SE TORNOU O PROFESSOR

ENSINANDO SEUS ALUNOS  
COM CARINHO E TODO AMOR  
NA HISTÓRIA DE MUITOS ANOS  
TANTOS TEMPOS SE PASSOU  
NA CÂMARA MUNICIPAL  
FUI MUITO MERECEDOR  
NÃO MEDINDO SEU ESFORÇO  
NOS TEMPO DE VEREADOR  
OS SONHOS DE SUA VIDA  
SEMPRE SE REALIZOU

O FOLCLORE DE OLÍMPIA  
FOI ELE O FUNDADOR  
LEVANDO A SUA HONRA



TAMBÉM NO EXTERIOR  
JUNTO COM SEUS COMPONENTES  
DERRAMANDO O SUOR  
SOMANDO BRANCOS E NEGROS  
TODOS COM MESMO VALOR  
PREGANDO A SUA MENSAGEM  
COM JESUS NOSSO SENHOR

NO ANO NOVENTA E NOVE  
O MAIS TRISTE ACONTECEU  
DIA OITO DE JANEIRO  
PROFESSOR JOSÉ MORREU  
OLÍMPIA FICOU DE LUTO  
POVO TODO ENTRISTECEU  
ELE DEIXOU ESTA TERRA  
SEGUINDO O DESTINO SEU  
SUBINDO NO REINO DA GLÓRIA-Bis  
PRA MORA JUNTO COM DEUS-Bis



Música feita em homenagem ao Professor José Santana, escrita pelo compositor Marinho de Souza, e musicada por Geraldo dos Santos. E cantada durante as apresentações na Vila Brasil no FEFOL 2015.

Vejamos quais foram as apresentações realizadas na Casa do Caipira durante o 51º Festival do Folclore da Estância Turística de Olímpia.

No sábado, 08/08/2015, a abertura do evento ficou a cargo da dupla Preto e Pretinha. A seguir, se apresentaram as duplas olimpienses Marcos Paulo e Cassiano, Dico e Guimarães, Goiano e Goianinho, Sr. Geraldo e Paulinha, Tati e Marinho, Bazan Viola e Ferreira, Márcio e Marcílio.

No domingo, 09/08/2015: Marcos Paulo e Cassiano, Dico e Guimarães, Goiano e Goianinho, Sr. Geraldo e Paulinha, Tati e Marinho, Bazan Viola e Ferreira, Márcio e Marcílio.



Na segunda-feira; 10/08/2015: Preto e Pretinha, Marcos Paulo e Cassiano, Dico e Guimarães, Natal e Vladimir, Tati e Marinho Bazan Viola e Ferreira, Márcio e Marcílio, Goiano e Goianinho.

Na terça-feira, 11/08/2015: ABECAO (Associação Beneficente, Cultural e Assistencial de Olímpia) - Viola Caipira de Olímpia, EMEB Eugênio Zaccarelli – Apresentação dos alunos e professores: Ciranda de Pernambuco, com a participação do Wadão e Danilo – Olímpia, Preto e Pretinha, Marcos Paulo e Cassiano, Dico e Guimarães, Márcio e Marcílio, Natal e Vladimir, Tati e Marinho, Bazan Viola e Ferreira, Fátima, Fernanda e Belo, Barreto e Batatais de Bauru, Suca e Miranda de Bauru, Zé da Barca e Nair Castro de Bauru, Joca Carvalho de Barretos, Preto e Pretinha, de Olímpia.

Na quarta-feira, 12/08/2015: Clube da Viola de Bauru, Zanilo e Zanete, de Bauru, Loni e Mil, de Bauru, Barreto e Batatais, de Bauru, Suca e Miranda, de Bauru.

Na quinta-feira, 13/08/2015: Coral Raízes, de Guaira missa sertaneja na Capela Santos Reis, Grupo Cheiro do Mato, de Monte Azul Paulista, Preto e Pretinha, de Olímpia, Marcos Paulo e Cassiano, de Olímpia, Dico e Guimarães, de Olímpia, Goiano e Goianinho, de Olímpia, Márcio e Marcílio, de Olímpia.

Na sexta-feira, dia 14/08/2015: Preto e Pretinha, de Olímpia, Marcos Paulo e Cassiano, de Olímpia, Dico e Guimarães, de Olímpia, Grupo Cheiro do Mato, de Monte Azul Paulista, Márcio e Guimarães, de Olímpia, Goiano e Goianinho, de Olímpia.

No sábado, dia 15/08/2015: João Sem Carro e Zé Carona, de Embaúba, Preto e Pretinha, de Olímpia, Marcos Paulo e Cassiano de Olímpia, Dico e Guimarães, de Olímpia, Natal e Vladimir, de Olímpia, Márcio e Marcílio, de Olímpia, Tati e Marinho, de Olímpia, Sr. Geraldo e Paulinha, de Olímpia.

No Domingo, 16/08/2015 foi realizado o Encontro e Roda de Viola com todos os participantes, a partir das 16h.



**APRESENTAÇÃO DOS ALUNOS DA EMEB PROFESSOR EUGÊNIO ZACCARELLI**

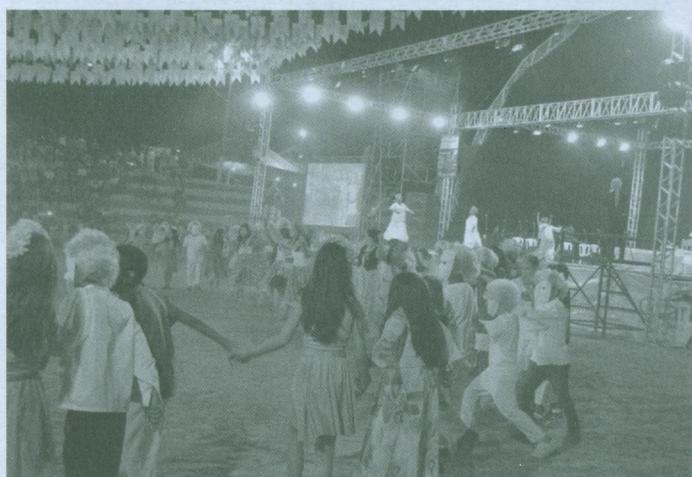




**A** abertura oficial 51.º Festival do Folclore de Olímpia, que em 2015 celebrou seu Jubileu de Uva, teve início com o hasteamento das bandeiras, enquanto se interpretavam o Hino Nacional e o Hino a Olímpia. Após os discursos oficiais, realizou-se o tradicional e sempre muito aguardado Espetáculo de Abertura, promovido pela Secretaria Municipal de Educação, apresentando folguedos e danças, em homenagem ao Estado de Pernambuco, do qual participaram cerca de duzentos alunos de unidades escolares da rede municipal de ensino, quais sejam “Maurício Cesar Alves Pereira”, “Dona Luiza Seno de Oliveira”, “Jardim Hélio Cazarini” e “Santo Seno”, e da rede estadual, as escolas “Capitão Narciso Bertolino”, “Wilquem Manoel Neves” e “Alzira Tonelli Zacarelli”.



# ESPETÁCULO DE ABERTURA



# APRESENTAÇÕES NO PALCO

## GRUPOS QUE PARTICIPARAM DO 51.º FEFOL

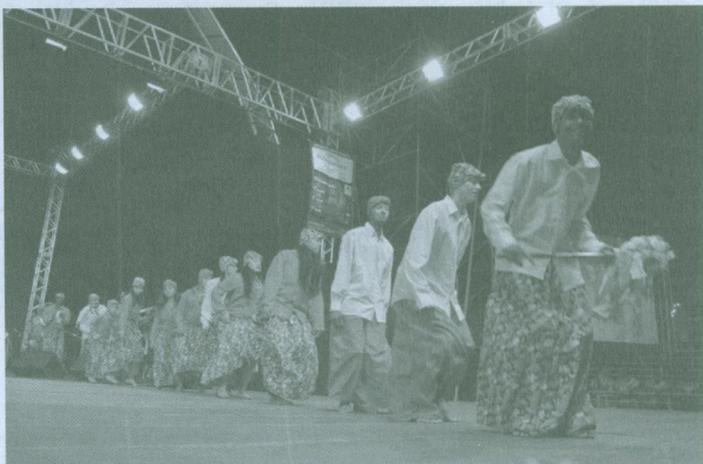
No decorrer do 51.º Festival do Folclore, no palco principal da Praça das Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna”, revezaram-se os grupos folclóricos e parafolclóricos que participaram da nossa festa maior. Foram estes: Centro de Tradições Gaúchas - CTG “Estância da Serra”, Osório/RS; Grupo “Cala”, Nova Prata/RS; Grupo Universitário de Danças Parafolclóricas “Fogança”, Maringá/PR; Fandango de Tamanco “Cuitelo”, Ribeirão Grande/SP; Grupo Folclórico Caiapó Mata Adentro, São José do Rio Pardo/SP; Congada Três Colinas de Franca/SP; Grupo Samba Lenço de Mauá/SP; Grêmio Recreativo “Arraial de São Mateus”, Belo Horizonte/MG; Grupo Parafolclórico “Andora”, Vila Velha/ES; Grupo Parafolclórico “Vitória Régia”, Cáceres/MT; Grupo de Tradições Amazônicas Mappinguari, Belém/PA; Grupo de Cultura Popular do Maranhão “Boi de Palha”, São Luís/PA; Companhia de Arte e Cultura “Encantar”, São Luís/MA; Grupo “Maria Bonita”, Umarí /CE; Grupo Reis de Congo de Major Sales/RN; Grupo Caboclos – Malhação de Judas de Mestre Bebé – Major Sales/RN; Grupo Folclórico “Batalhão de Bacamarteiros”, Carmópolis/SE; Grupo Folclórico Papanguarte “Balé Popular de Bezerras”/ PE; Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina Moça” – GODAP, Olímpia/SP; Grupo Parafolclórico “Frutos da Terra”, Olímpia/SP; Associação Cultural Anástasis, Olímpia/SP; Associação de Capoeira Raízes de Olímpia/SP; Terno de Congada “Chapéu de Fitas”, Olímpia/SP; Terno de Moçambique “São Benedito”, Olímpia/SP; Grupo “Recomendação das Almas”, Olímpia/SP; Os Catireiros de Olímpia, Grupo Nossa Senhora, Olímpia/SP; Companhia de Reis “Caminho de Belém”, Olímpia/SP; Companhia de Reis “Estrela da Guia”, Olímpia/SP; Companhia de Reis “Estrela da Paz”, Olímpia/SP; Companhia de Reis “Estrela Guia”, Olímpia/SP; Companhia de Reis “Fernandes”, Olímpia/SP; Companhia de Reis “Incenso, Ouro e Mirra”, Olímpia/SP; Companhia de Reis “Lapinha de Belém”, Olímpia/SP; Companhia de Reis “Mensageiros da Paz”, Olímpia/SP; Companhia de Reis “Filhos de Maria”, Olímpia/SP; Companhia de Reis “Os Viajantes de Belém”, Olímpia/ SP; Companhia de Reis “Visitantes de Belém”, Olímpia/SP; Grupo “São Gonçalo”, Olímpia/SP.



# APRESENTAÇÕES NO PALCO



# APRESENTAÇÕES NO PALCO



# SALÃO DE ARTES

Na segunda-feira, 10 de agosto, realizou-se a premiação aos artistas que participaram do 26.º Concurso de Artes do 51º Festival do Folclore e obtiveram a melhor classificação nas categorias Pintura, Poesia, Escultura, Artesanato e Fotografia. O tema era “Folclore de Pernambuco”. O Júri foi composto por cinco membros, convidados pela Comissão Executiva do Festival, quais sejam, Cristina Simões Gottardi (Casa do Artesão), Genival Miranda (Projeto de Iniciação Teatral), Cristian Assis (coordenador do Museu de História e Folclore “Maria Olímpia”), Janaina Longhi (assessora de imprensa) e Eduardo Bittencourt (artista plástico). Na categoria Artesanato, o vencedor foi Gustavo Capellari, bem como na categoria Escultura. Maria Aparecida de Carvalho Konkowski obteve a primeira colocação, na categoria Pintura, e, em segundo lugar, ficou Gustavo Capellari. “Jóia do Nordeste” foi a poesia que ficou em primeiro lugar, de autoria de Bruno Sentinelo Naliati, seguido de Marina Rodrigues Blanco Maluf, em segundo, com “Pernambuco e suas crenças”. Na modalidade Fotografia, por unanimidade, a primeira colocação foi para Grazielle Aparecida da Silva, e a segunda, para Rafael Biagioni. Os troféus aos vencedores foram entregues, no palco principal, pela Coordenadora Geral dos Festivais, Maria Aparecida de Araújo Manzolli e pelo Diretor de Cultura, Caio Longhi, também presidente da Comissão Organizadora do 51º FEFOL. O evento é promovido pela Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Lazer.



# TRUCO, BOCHA E MALHA

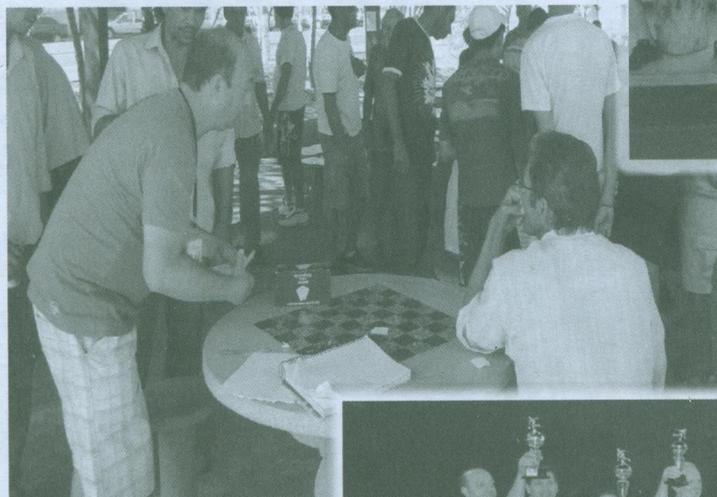
No dia 09 de agosto, domingo, foram realizados, a partir das 9 horas, os tradicionais Campeonatos de Truco e de Bocha, no Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas Prof. José Sant'anna, e, concomitantemente, no Ginásio de Esportes "Olyntho Zambom", o Campeonato de Malha, concorridos certames do Festival, que, em mais uma etapa, foram com êxito promovidos. João Carlos Amaro de Souza coordena as competições.

No Campeonato de Truco, as duplas vencedoras foram: Jesus Perpétuo Alves da Silva e Rogério Aparecido de Souza Costa (1.º Lugar); Claudemir Nogueira e Janey Jesus Ribeiro Assis (2º lugar) e João Marcelo Alves de Oliveira e Carlos Eduardo Souza Fonseca, em 3.º.

No Campeonato de Bocha o 1.º lugar ficou com a dupla Luiz Antônio Gobati e José Donizete dos Santos; o 2.º lugar, para Agnelo Aparecido Spadari e Roberto Bruno; o 3.º, para Paulo Mariano da Silva e Isal Luiz Pereira.

No Campeonato de Malha, o 1.º lugar foi para a dupla Osvaldo Lourenço Mile Donato e Daniel Rodrigues da Silva; o 2.º Lugar para Jair Lopes Lourenço e Francisco Aparecido Pereira; e o 3º para Jesus Osvaldo Rafael Francisco Gomes da Silva.

Coordena a competição João Carlos Amaro de Souza, com a colaboração de Gilberto Aparecido Ribeiro.



# MINIFESTIVAL DO FOLCLORE

Para o Minifestival do Folclore, promovido pela Secretaria Municipal de Educação, se faz uma apropriada seleção das atividades desenvolvidas no palco oficial do FEFOL, visando a uma apresentação mais didática, para um público específico (infanto-juvenil).

De 9 a 15 de agosto de 2015, a partir das 14 horas, no Pavilhão Cultural, na Praça de Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna”, foram feitas breves preleções de folcloristas e de diretores de grupos folclóricos e parafolclóricos presentes no festival, com ampla participação desses grupos, que, além de apresentarem suas danças e folguedos, tecem comentários sobre o histórico destes, bem como de seus trajes e instrumentos, e, em meio a outras atividades, também ensinam alguns passos das danças. A festiva interação entre os grupos e os alunos é muito agradável de se ver.

Ressalte-se que as escolas olimpienses, em que se estuda o folclore pátrio, também se fizeram representar, por meio de grupos de alunos apresentando danças e folguedos folclóricos nacionais.



# MINIFESTIVAL DO FOLCLORE



# GINCANA DE BRINQUEDOS TRADICIONAIS INFANTIS

As brincadeiras infantis são muito produtivas em várias acepções da expressão, pois, ao realizá-las, as crianças, ainda que sozinhas, a princípio, exercitam sua inventividade, suas capacidades físicas e intelectuais.

Paulatinamente, à medida que as brincadeiras se vão desenvolvendo em grupo, a criança tem o primeiro contato com a cultura de seu povo, tomando conhecimento de seus modos de pensar, sentir, agir e reagir.

Os brinquedos estimulam o raciocínio, a imaginação, a atividade física das crianças, favorecendo a socialização, de modo a prepará-las para o convívio com as regras sociais com que se defrontarão.

O vocábulo “brinquedo” pressupõe o uso de algum objeto (concreto, palpável, finito) indispensável para uma determinada prática recreativa, diversamente de “brincadeira” e “jogo”, pois estes últimos se expressam com mais evidência através de movimento, de ação, do que por um objeto, ressaltando-se que, havendo disputa, se trataria de “jogo”.

Um típico exemplo utilizado para se referir ao modo como se processa o aprendizado empírico referente à cultura popular (adquirida espontaneamente, sem horário obrigatório, sem lição de casa) é o das brincadeiras infantis, a partir do qual se verifica que as crianças aprendem a brincar, brincando entre si.

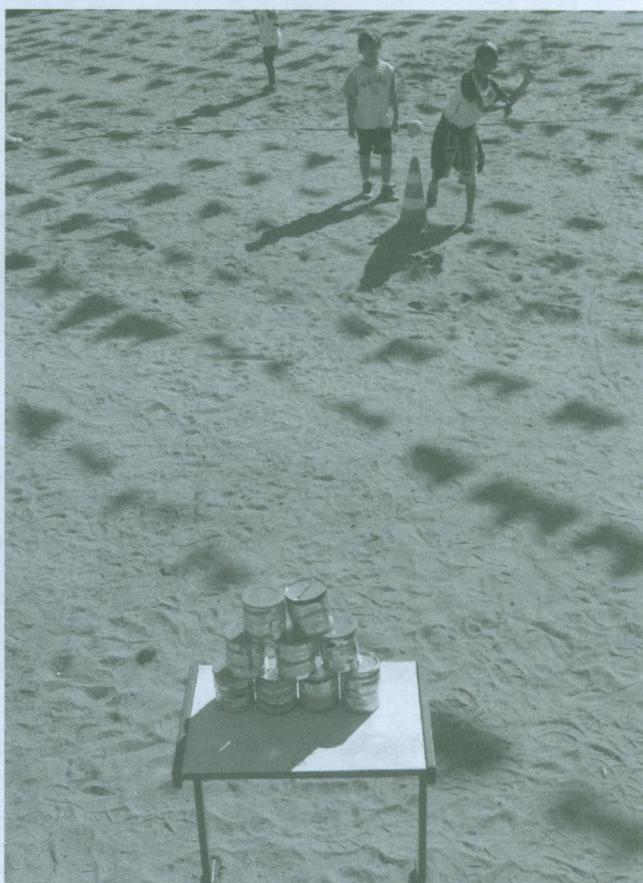
No 51.º Festival do Folclore, de 11 a 15 de agosto, a partir das 14 horas, na arena da Praça de Atividades Folclóricas, realizou-se mais uma Gincana de Brinquedos Tradicionais Infantis, concorrido evento, de que participa grande número de crianças. Dentre os objetivos da Gincana se incluem: preservar e/ou reativar o prazer pelos brinquedos infantis; reunir crianças de todos os níveis sociais em saudáveis competições; proporcionar aos infantes momentos de salutar aproveitamento das horas de lazer.

Várias são as brincadeiras, por exemplo: o cabo-de-guerra (duas equipes medem forças puxando uma corda); corrida de perna-de-pau; corrida do saco (os competidores se introduzem em um saco cuja boca devem segurar com ambas as mãos. O movimento das pernas pode se dar com passos curtos ou saltos mais longos. Vence aquele que primeiro chegar ao lugar marcado, independentemente de eventuais quedas); corrida-do-ovo-na-colher (crianças segurando uma colher em que há um ovo disputam uma corrida. O competidor que apoiar o ovo com os dedos ou usar outro meio para manter o ovo na colher será desclassificado. Vence a que primeiro chegar ao determinado lugar sem

deixar cair a colher com o ovo); corrida-de-três-pernas (corrida de duplas, a perna esquerda de uma criança e a direita de outra são atadas); pôr-o-rabo-no-burro (um alvo, com alguns pontos, sendo o central o que enseja maior pontuação, no qual a criança, de olhos vendados, o tenta furar com uma espécie de dardo, só que sem lançá-lo a distância; faz-se diretamente com a mão, próximo ao “burro”) ou quebra-pote (em que se tenta, também com os olhos vendados, bater com um pedaço de pau em bexigas contendo balas e bombons, substituindo-se os potes para maior segurança dos participantes. Em Pernambuco, por exemplo, é “quebra-panela”, utilizando-se uma panela de barro).



# GINCANA DE BRINQUEDOS TRADICIONAIS INFANTIS



# I SIMPÓSIO DE ESTUDOS ETNOMUSICOLÓGICOS DE OLÍMPIA: O FOLCLORE NA MODERNIDADE

A 51ª edição do Festival do Folclore de Olímpia – FEFOL – sediou o I Simpósio de Estudos Etnomusicológicos de Olímpia, uma realização da Coordenadoria dos Festivais do Folclore de Olímpia em parceria com o Instituto de Artes da Unicamp, Universidade Estadual de Goiás (UEG) e Fundação Koellreutter, com apoio da Prefeitura Municipal de Olímpia através da Secretaria de Cultura, Esportes e Lazer e da Secretaria de Educação e do Curso de Letras da Uniesp/Faer de Olímpia.



O I Simpósio de Estudos Etnomusicológicos de Olímpia foi um desdobramento do Círculo de Palestras em Etnomusicologia, uma iniciativa do etnomusicólogo olimpiense Estêvão Amaro dos Reis, realizado no ano de 2014 durante a 50ª edição do FEFOL.

Realizado nos dias 11, 12 e 13 de agosto de 2015 e tendo como tema “o folclore na modernidade”, o I Simpósio de Estudos Etnomusicológicos de Olímpia reuniu pesquisadores algumas das mais importantes universidades do Brasil e do exterior, (Unicamp, Queen’s University Belfast, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense e Universidade Estadual de Goiás) e Mestres da cultura popular, com o objetivo de debater o folclore no mundo contemporâneo.

As conferências e as mesas temáticas abordaram temas como os novos contextos de performance, recriações tradicionais, patrimonialização, educação e turismo, novas tecnologias e indústrias criativas - temas relativos ao folclore, cada vez mais presentes no mundo contemporâneo – integrando e trazendo para o centro do debate os diversos atores sociais envolvidos com a temática do folclore – pesquisadores, professores, agentes culturais e, principalmente, os grupos folclóricos.



O coordenador geral do evento, Estêvão Amaro dos Reis – cuja pesquisa de Doutorado em Música na Unicamp engloba o FEFOL – explica referindo-se e faz referência a sua relação com o FEFOL: “o FEFOL faz parte da minha formação, acompanho o FEFOL desde criança, quando meu pai me levava para ver os grupos folclóricos na Praça da Matriz e o desfile pelas ruas da cidade, naquela época eu nem podia imaginar que futuramente o FEFOL se tornaria tema de minha pesquisa de doutorado. Em certo sentido, posso dizer que quando falo do FEFOL, falo também de mim.” O pesquisador destaca que o FEFOL nasceu e se desenvolveu no ambiente escolar, a partir das pesquisas e dos seminários organizados pelos professores Victório Sgorlon e José Sant’anna, com o apoio dos seus alunos. Nesse sentido, a realização de um Simpósio acadêmico para pensar os temas do folclore dentro do FEFOL, é uma forma de reaproximar o FEFOL da escola, instigando a curiosidade dos participantes e fomentando o debate, dessa vez em nível universitário.





Suzel Ana Reily (Unicamp/Queen's University Belfast), autora do livro *Voices of the Magi (Vozes dos Magos)* – livro de referência mundial da área de Etnomusicologia – uma das mais importantes etnomusicólogas da atualidade, destacou em sua fala na conferência de abertura a necessidade de se pensar o folclore como um processo e não mais como um produto – um “fato folclórico”, retirado do contexto em que ocorre – ressaltando que mesmo antes da aceitação do termo

inventado pelo inglês William Thoms em 1846, as atividades que vieram a ser chamadas de folclore já existiam e faziam parte das vidas de seus praticantes. A pesquisadora observa que os povos, quaisquer que sejam, sempre cantaram, dançaram, comeram, rezaram e enterraram seus mortos, isto é, sempre se expressaram na forma do que posteriormente se convencionou chamar de folclore.

O pensamento de Reily foi ao encontro dos relatos pronunciados na mesa temática formada pelos professores Maria Aparecida de Araújo Manzolli, Eliana Bertoncelo e Edward Marques da Silva, cuja referência aos primeiros festivais colocou em relevo a experiência vivenciada durante o processo de preparação e realização dos primeiros Festivais.



Dentre as mesas temáticas se destacou a mesa formada pelos mestres da cultura popular José Ferreira e João Ferreira (Terno de Congada Chapéu de Fitas) e Geraldo dos Santos (Dança de São Gonçalo), todos de Olímpia, pois trouxeram a prática dos grupos folclóricos a partir de suas próprias experiências.



Participaram como palestrantes e debatedores do I Simpósio de Estudos Etnomusicológicos de Olímpia os pesquisadores/etnomusicólogos Dr. Estêvão Amaro dos Reis (Unicamp); Dra. Suzel Ana Reily (Unicamp); Lenita Waldige Mendes Nogueira (Unicamp); Dr. Edilberto Fonseca (UFF) Dr. Wagner Chaves (UFRJ); Dra. Maria Idelma Vieira D'Abadia (UEG); Dr. João Guilherme Curado (UEG); Gilson Scharnick (UEG) e Emerson Sil (UEG). As professoras

Maria Aparecida de Araújo Manzolli, Eliana Bertoncelo e Edward Marques da Silva. E os mestres da cultura popular José Ferreira e João Ferreira (Terno de Congada Chapéu de Fitas) e Geraldo dos Santos (Dança de São Gonçalo).

O evento contou ainda com apresentações dos grupos folclóricos e parafolclóricos presentes no FEFOL.



# FOLCLORANÇA



“Folclorança” (Folclore – Herança – Criança – Confiança), em supletivo vínculo com a Gincana, é uma oficina de brinquedos tradicionais infantis por meio da qual se exercitam a criatividade e a habilidade com trabalhos manuais das crianças das unidades escolares, com a produção de máscaras, fantasias e outras figuras, de motivos folclóricos, a partir de variado material (madeira, sucata, retalhos de tecido, papelão, etc.), vivenciando, assim, os tempos em que essa atividade antecedia o prazer de brincar quando ainda não se comercializavam referidos produtos. Foi realizada nos dias 11 a 15 de agosto, das 14h às 16h, no Pavilhão Cultural, na Praça de Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna”. A “Folclorança” é também coordenada pela Secretaria Municipal de Educação do Município de Olímpia.

## PEREGRINAÇÃO FOLCLÓRICA

A Peregrinação Folclórica (Folclore na Rua), que se realizou de 11 a 15 de agosto de 2015, a partir das 9 horas, representa uma transcendência de parte das atividades



vivenciadas na Praça de Atividades Folclóricas para as ruas olimpienses. É um variegado e festivo passeio de grupos folclóricos e parafolclóricos pelas ruas centrais da cidade, praças dos bairros e também pelos distritos de Bagaçu e Ribeiro dos Santos. Os grupos também fazem breves apresentações em repartições públicas municipais e em estabelecimentos bancários e comerciais que colaboram com o Festival do Folclore.



# PEREGRINAÇÃO FOLCLÓRICA



# PEREGRINAÇÃO FOLCLÓRICA



# DESFILE DOS GRUPOS FOLCLÓRICOS E PARAFOLCLÓRICOS

No 51.º Festival do Folclore, o Desfile, considerado o ponto máximo da nossa festa maior, se iniciou por volta das 9 horas do dia 17 de agosto de 2015, com concentração defronte da Câmara Municipal de Olímpia até o cruzamento com a Avenida Andrade e Silva. Participaram, na seguinte ordem: componentes do Corpo de Bombeiros e da Polícia Militar de Olímpia, abrindo alas; o grupo de Capoeira “Raízes de Olímpia”; membros do Tiro de Guerra do município, portando as bandeiras do Brasil, do Estado de São Paulo, de Olímpia, e da Paz; o Grupo de Papanguarte, de Bezerros, representando o Estado de Pernambuco, homenageado no 51º FEFOL; o Grupo da Terceira Idade; os Escoteiros; integrantes dos “Demolay”, das “Filhas de Jô”, de escolas municipais; da ETEC de Olímpia; DOA (Deficientes Olimpienses Associados), seguidos de todos os grupos folclóricos e parafolclóricos, presentes no 51.º FEFOL. Para encerrar o Desfile, carros antigos também fizeram o percurso. Os participantes seguiam pela margem direita da Avenida Aurora Fórti Neves, dispersando-se na Rua Floriano Peixoto. O Dr. Gilsom Carlos Miranda coordena o Desfile.



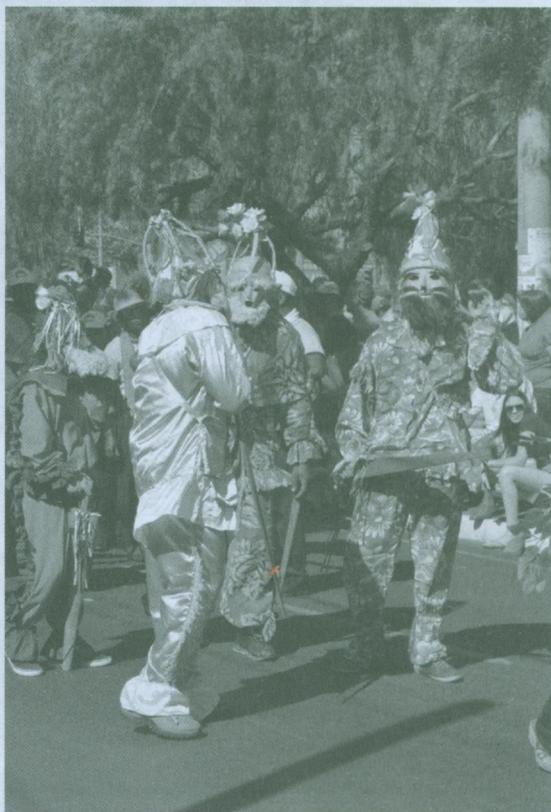
# DESFILE DOS GRUPOS FOLCLÓRICOS E PARAFOLCLÓRICOS



# DESFILE DOS GRUPOS FOLCLÓRICOS E PARAFOLCLÓRICOS



# DESFILE DOS GRUPOS FOLCLÓRICOS E PARAFOLCLÓRICOS



# D. CIDINHA, GODAP, E A DANÇA DO BAMBU



O Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina Moça” foi idealizado e criado pela Prof.<sup>a</sup> Maria Aparecida de Araújo Manzolli, “Cidinha Manzolli”, Coordenadora Geral do Setor de Folclore de Olímpia, que ainda dirige o grupo, irradiando a vitalidade e a energia que notabilizam esta grande empreendedora cultural e exímia folclorista.

D. Cidinha Manzolli, das primeiras colaboradoras do inesquecível Prof. José Sant’anna, criador do Festival do Folclore de Olímpia, participa desde a edição inaugural deste singular evento.

Perto de completar seu cinquentenário, o Grupo permanece “menino moço”. Tem um Corpo de Dança de 50 bailarinos, um Grupo Instrumental de 10 músicos e, durante sua existência, mais de 3.500 jovens participaram do grupo. Realiza cerca de 50 apresentações anuais, perfazendo mais de 2000 apresentações durante sua existência, das quais ressaltamos: Festival Internacional de Folclore, Laguna, Espanha, 1997; Festival Internacional de Folclore, França, nas cidades de Gueugnon, Romans, Burg Saint Maurice, Mios e Montguyon, 1999; Festival Internacional de Ayolas, Paraguai, 1999; 2.º CIOFF World Folkloriada, Japão, 2000; Festival Internacional de Folclore do México (2001); Festival Internacional de Folclore do Chile (2003); “Abril em Tarija”, Bolívia (2007); Festival Internacional de Folclore da Itália (2012); Festival Internacional de Folclore da Espanha (2013); Festival Internacional de Folclore da República Tcheca (2014).

O GODAP, que sempre contou com o determinante apoio do Prof. José Sant’anna, ao longo destes anos já contou com a participação de mais de 2.500 jovens, tem um repertório de danças folclóricas de quase todos os Estados brasileiros, dando ênfase às danças paulistas.

Dentre as danças que apresenta, vem merecendo destaque a Dança do Bambu (não mais espontaneamente praticada, e que só é mundialmente conhecida em razão do trabalho de D. Cidinha e das apresentações deste sensacional grupo que ela criou e ainda coordena).

É de origem indígena, proveniente da América ocasião das chuvas. É muito popular no interior

**Anuário do 52º Festival do Folclore de Olímpia**



Central, praticada por de São Paulo, onde já

**Página 81**

era dançada em remotas épocas, nas festas juninas. Oito bambus de cerca de quatro metros são estendidos no chão. Quatro pares de dançarinos, cada casal posicionado entre dois bambus, iniciam a dança. Os dançarinos se revezam, trocando de pares, movimentando-se entre os bambus, portando tochas acesas em uma posterior etapa da dança.

Dona Cidinha pesquisou essa dança no final da década de 60, com apoio dos alunos e professores da Escola “Dr. Antônio Augusto Reis Neves”, juntamente com alunos, professores e funcionários.

“Feitas as primeiras coreografias, o grupo foi criando movimentos, aperfeiçoando os já existentes, até chegarmos à coreografia atual. Foi um trabalho dinâmico. A princípio, os dançadores paravam a cada movimento coreográfico, mas hoje eles dançam, sem parar, do primeiro ao último movimento. Grupos de dançadores, batedores e auxiliares se sucederam e hoje ela está enraizada no rol das danças do nosso Grupo Parafolclórico. Esta dança exige preparo físico e rítmico dos participantes. O movimento de bambus e dançadores tem que ser coordenado com perfeição, uma fração de segundo de atenção ou um pequeno erro no ritmo das batidas ou dos passos, poderá prender e machucar o pé do dançador ou mesmo ocasionar a sua queda” relata D. Cidinha.

Vale acrescentar que, além de sua efetiva participação no Festival do Folclore, o Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina Moça” promove o Festival Internacional de Folclore, que neste ano realizou sua décima edição.

No ano passado, durante o 9º FIFOL (23 a 31 de maio de 2015), um vídeo da Dança do Bambu apresentada no evento foi disponibilizado na fanpage do GODAP e “bombou” rede mundial de computadores, tendo registrado (até 22/07/2015) mais de 4 milhões de visualizações. Na ocasião, O músico Bora Yeter, da Turquia, assistiu ao vídeo e o compartilhou com seus seguidores. Desde então, houve mais de 20 milhões de acessos à exibição da dança pela internet.

Em razão desse grande sucesso, o grupo apresentou, ao vivo, a dança no programa “Encontro com Fátima Bernardes”, da Rede Globo de Televisão.



No dia 05 de setembro de 2015, o GODAP participou do programa “Revista de Sábado”, da TV Tem, exibido a partir das 14 horas. No mesmo dia, foi atração do programa “Legendários”, da Rede Record, por volta das 23 horas.



Em 2016, o sucesso continua.

A Dança do Bambu foi apresentada ao vivo no Domingão do Faustão, na Rede Globo, no dia 14 de fevereiro do ano em curso.



No dia 18 de junho, o grupo se apresentou no programa da Sabrina Sato, na Rede Record.



Em todos eles, a apresentação do grupo se deu com altos índices de audiência.

D. Cidinha acrescenta que não se inscreveram para participar de nenhum tipo de certame nos mencionados programas televisivos; foram diretamente convidados pelas respectivas equipes de produção, cuja ampla receptividade é também salientada por D. Cidinha, que ainda ressalta a importância dessas participações do grupo em meios de comunicação de massa, principalmente por poder divulgar os festivais de folclore de Olímpia, bem como a própria Estância Turística do Município de Olímpia.

## **FEFOL É TEMA DE PESQUISA DE DOUTORADO**

O Festival do Folclore de Olímpia é tema de pesquisa de doutorado do olimpiense Estêvão Amaro dos Reis, no curso de Pós-graduação em Música da Unicamp.

Em sua tese, o autor aborda um fenômeno comum no mundo contemporâneo: o desaparecimento dos contextos tradicionais de performance dos grupos folclóricos, isto é, os espaços considerados originais para as práticas destas manifestações, e o aparecimento de novos contextos de performance, ou seja, os novos espaços em que os grupos folclóricos estão inseridos, entre eles os festivais de folclore de modo geral.

O trabalho do autor é o primeiro que aborda especificamente o Festival do Folclore de Olímpia.

A defesa da tese ocorreu em fevereiro de 2015, no Instituto de Artes da Unicamp, na cidade de Campinas.



# 10.º FESTIVAL INTERNACIONAL DE FOLCLORE

O 10.º Festival Internacional de Folclore de Olímpia – FIFOL realizou-se de 14 a 22 de maio de 2016, na Praça da Matriz de São João Batista.

O evento é organizado e promovido pelo GODAP – Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina Moça”, com apoio da Prefeitura da Estância Turística de Olímpia.

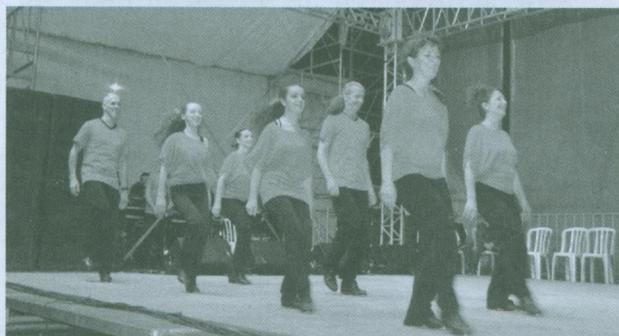
Do festival participaram cinco grupos: o GODAP, representando o Brasil; Psiloritis Folk Dancing Group of Chania – Grécia, Companhia Coreográfica Argentina – Argentina; Ballet Folclórico de Chile (BAFOCHI) – Chile; e Nouvelle Époque – Canadá.

No domingo, 15 de maio, pela manhã, os grupos participaram da Missa em Ação de Graças à 10ª edição do FIFOL. À noite, apresentou-se no palco o cantor paulistano Flávio Tris, por meio do PROAC (Programa de Ação Cultural do Governo do Estado de São Paulo), com patrocínio da CPFL e parceria do Instituto CPFL.

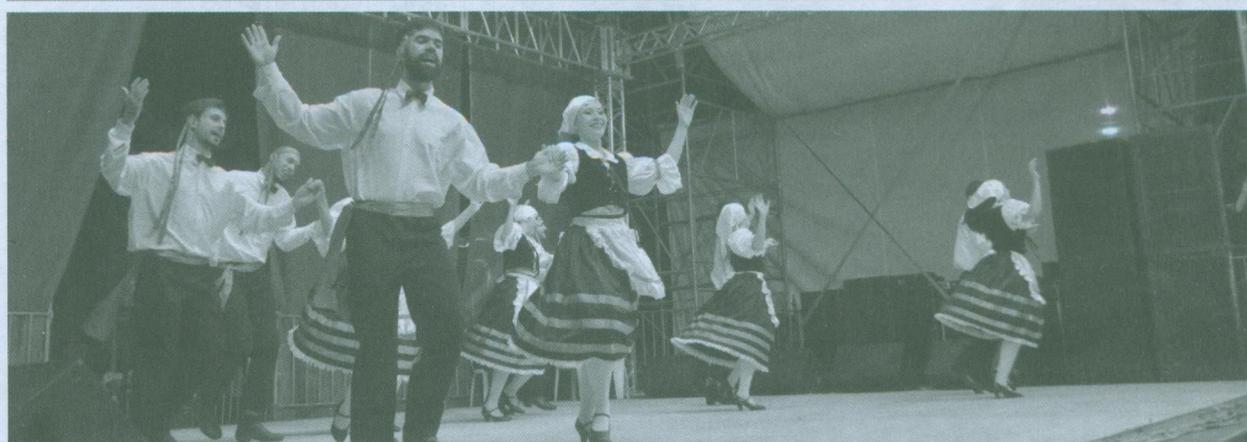
No decorrer da semana, além das apresentações no palco, diversas atividades foram realizadas, a exemplo de oficinas, visitas ao centro comercial, a unidades escolares e a repartições públicas.



# 10.º FESTIVAL INTERNACIONAL DE FOLCLORE



# 10.º FESTIVAL INTERNACIONAL DE FOLCLORE



# DESFALQUES PARA O FEFOL

## SÉPHORA MARIA ALVES BEZERRA

Na manhã do dia 27 de janeiro do ano em curso, faleceu a produtora cultural são-gonçalense e diretora do Pastoril Dona Joaquina, Séphora Bezerra, vítima de uma parada cardíaca. Ela estava internada no Natal Hospital Center, em Natal.



A última aparição pública de Séphora Bezerra foi em agosto de 2015, quando foi homenageada pelo prefeito Jaime Calado e pelo presidente da Fundação Cultural Dona Militana, Flávio Henrique, no II Festival de Folclore de São Gonçalo do Amarante.

Séphora Maria Alves Bezerra tinha 54 anos, era graduada e mestra em Filosofia, dedicou grande parte da sua vida à cultura popular, e era servidora pública na Secretaria Municipal de Juventude, Esporte e Lazer de São Gonçalo do Amarante.

Foi responsável pela criação do Pastoril Dona Joaquina para resgatar a dança tradicional do antigo Pastoril Estrela do Norte.

Oportuno reproduzirmos suas palavras de agradecimento em virtude da homenagem ao Estado do Rio Grande do Norte quando do 47.º FEFOL:

Todos os povos do mundo possuem um patrimônio de tradições e de costumes. Diferentes entre si, mas movidos pela mesma força inspiradora: a sabedoria espontânea que se aprende vendo e ouvindo os mais velhos. Alguns povos a mantém acesa e viva dessa mesma maneira, outros precisam de homens diferenciados que, muitas vezes sacrificam suas vidas pessoais para que jamais esqueçamos a importância do que realmente sustenta a vida em grupo.

A cidade de Olímpia é um lugar privilegiado por Deus: primeiro, por ter vivido aqui um homem chamado Prof. José Sant'anna que amava essa sabedoria popular e cujo sonho mantém acesa a esperança de todos os povos unidos em prol de um mesmo deslumbramento: o folclore; segundo, por não medir esforços para inspirar outros povos e outras gentes a importância da paz que advém das manifestações populares. Todos os que aqui se chegam se deslumbram com a dedicação e a importância dada ao folclore.

Em 2011, na 47ª. edição do Festival do Folclore, Olímpia se vestiu com as cores potiguares para receber e encantar o Brasil, mas fomos nós os potiguares que nos encantamos com todo o calor e a alegria que nos receberam e nos aceitaram.

Desfilamos pelas ruas de Olímpia com as bandeiras mais significativas de nossa cultura, cantando e dançando ao som de tambores, violões e rabecas; vestindo sedas e fitas coloridas; brilhando pelos espelhos bordados nas vestes; encantando pela simplicidade dos gestos, dos sorrisos e dos nossos caminhos traçados com dignidade, antes de nós, pelos nossos ancestrais.

O Grupo Folclórico Pastoril Dona Joaquina jamais esquecerá a importância de tantas e tão significativas homenagens. Os laços criados com o povo de Olímpia nos motiva ainda mais para mantermos acesas, por muitos e muitos anos, as chamas dos conhecimentos que aprendemos com nossas mães e avós.

Grupos centenários desfilaram suas histórias em Olímpia: o Boi Calemba Pintadinho, com seus 105 anos de história; o Pastoril Dona Joaquina, herdeiro de uma história também centenária; os Caboclos de Major Sales,



com sua imponente batida; o Rei de Congo e sua alegria contagiante; os meninos dos Macambirais e sua representação de nossos bois e danças semi-desaparecidas e a força sensual do batuque dos cocos do Bale Popular Mário Covas, além de mestres e mestras que estiveram ali conosco.

Em Olímpia o Rio Grande do Norte passou a ser conhecido além das belas dunas e lindíssimas praias. Apresentamos um pouco da sapiência do nosso Luis da Câmara Cascudo pelos livros e textos apresentados, mas especialmente pelos seminários que trataram de seus estudos: *As Cartas entre Mário de Andrade e Luis da Câmara Cascudo*, ministrada pela Dra. Anna Maria Cascudo, sua filha; *O Pioneirismo Potiguar nos Estudos do Folclore*, ministrado pelo Prof. Severino Vicente – Presidente da Comissão Norte-rio-grandense de Folclore; Os Gêneros da Literatura Oral do Rio Grande do Norte foram apresentados pelo Prof. José Augusto Costa Junior; Os pesquisadores Wecley Cunha e Ked Mendes apresentaram relevantes temas da contemporaneidade: o primeiro falou sobre Cultura Popular e Juventude e Ked Mendes, importante artesã do nosso Estado apresentou seu vasto conhecimento sobre o artesanato potiguar na palestra intitulada *Trançando as Sabedorias Potiguares*. Da cidade de origem do Pastoril Dona Joaquina, a Prof.<sup>a</sup> Maria Tereza De Oliveira ministrou a palestra versando sobre a Valorização das Manifestações Culturais de São Gonçalo do Amarante-RN, tendo em vista que a cidade é considerada pelos mais renomados estudiosos como o berço da cultura popular no Rio Grande do Norte.

Em forma de poesia a riqueza cultural potiguar foi apresentada por grandes nomes da fotografia: o fotógrafo Wagner Varela nos brindou com duas exposições bastante premiadas: *Dona Militana: Imagens e Versos* e *São Gonçalo do Amarante: O País Do Folclore*; o pesquisador Carlos Alexandre Feliciano apresentou *As Feiras Livres Potiguares*; o historiador e fotógrafo Gibson Machado contribuiu com *Rendeiras de Jacumã*; *Folclore De Ceará Mirim: Força De Uma Terra De Canaviais*; o Padre Antonio Murilo De Paiva – Capelão Dos Mártires De Uruaçu – trouxe para Olímpia uma coletânea de fotografias de sua autoria denominada *Os Mártires De Cunhau E Uruaçu – A Saga Da Fé*; do premiado fotógrafo Anchieta Xavier, *As Marias* e sobre o grupo homenageado foram apresentadas ao público com o título *Tradição e Contemporaneidade*; *A História Do Pastoril Dona Joaquina* - dos fotógrafos Antonio Scarpinelli (SP), Teotônio Roque, Isaias Carlos, Jr Figueiredo e do Acervo Particular Do Prof. Deífilo Gurgel; *Folclore Potiguar - Acervo Particular Da Comissão Norte-Rio-Grandense De Folclore*, além de fotografias e objetos do Acervo Particular - Prof. Deífilo Gurgel; da cidade de Major Sales/RN vieram coletâneas sobre os *Caboclos De Major Sales e Rei de Congo*.

Destacamos o Acervo do Memorial Câmara Cascudo sobre a História de Câmara Cascudo, gentilmente cedido por sua diretora Daliana Cascudo. Some-se a Mostra de Vídeos e Documentários da Cultura Popular e do Folclore do Rio Grande do Norte, além da exposição e venda de livros de importantes autores potiguares, dentre eles, Câmara Cascudo, Anna Maria Cascudo, Deífilo Gurgel, Severino Vicente e Padre Antonio Murilo de Paiva.

Chamou a atenção de todos a Casa de Taipa, moradia típica do sertanejo potiguar, a arte do poeta popular Paulo Varela e a magnífica exposição do artesanato potiguar.

Não há palavras suficientes para agradecermos aos que se juntaram a nós nessa empreitada, mas, especialmente as seguintes instituições e pessoas que não mediram esforços para diminuir nossa tarefa de homenagear o solo potiguar: a Secretaria Extraordinária de Cultura do Rio Grande do Norte – Isaura Amélia Rosado Maia; Secretaria de Estado de Estado do Trabalho, Habitação e Assistência Social – Luiz Eduardo Carneiro Costa; Comissão Norte Rio-grandense de Folclore – Severino Vicente; Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo – Anna Maria Cascudo, Daliana Cascudo e ao Senhor Camilo Barreto; Fundação José Augusto, a Fundação Capitania das Artes; ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, as Prefeituras de São Gonçalo do Amarante, de Mossoró, de Major Sales e de Passa e Fica; a Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Agradecemos, ainda,  
ao Excelentíssimo Senhor Geninho Zuliani,

Prefeito de Olímpia, a



Senhora Maria Aparecida Manzolli e equipe, a Prof.<sup>a</sup> Eliana Bertoncello e equipe, que nos propiciaram momento ímpar em nossas vidas, , mas, eu, especialmente, agradeço ao apoio e a dedicação da artesã Ked Mendes que abriu mão de momentos importantes familiares para juntar-se a mim para apresentar aos Olimpienses as cores, as formas, os brilhos, a delicadeza da cultura potiguar e, certamente, sem seu apoio constante tudo teria sido mais difícil.

Prof.<sup>a</sup> Sephora Maria Alves Bezerra

## ACEDILO NOVAES



No dia 06 de junho do ano em curso, faleceu, aos 78 anos de idade, o poeta olimpiense Acedilo Novaes. Era casado com D. Amélia e pai de seis filhos: Noemi, Noemia, Norma, Noeli, Edi Carlos, Edeir. Na sessão da Câmara Municipal realizada no dia 04 de julho deste ano, houve inclusive pausa solene para homenagear o cordelista olimpiense.

Paulista, descendente de baianos, nasceu em Guaraci, outrora distrito de Olímpia. Pouco depois se mudou para o distrito olimpiense de Ribeiro dos Santos e, mais tarde, fixou residência em Olímpia.

Exercia o ofício de alfaiate e de consertador de máquina de costura.

Poeta natural, sem formação literária, Acedilo versejava desde criança, antes mesmo de ter lido qualquer obra do gênero. O primeiro trabalho de que teve conhecimento foi “O Pavão Misterioso”.

Gostava de ler a Bíblia, o que ainda fazia frequentemente.

Do mesmo modo de que se fez poeta, se tornou, sem qualificada orientação, um excelente organista.

Era também um bom contador de “causos” e de piadas. Também já foram publicados neste Anuário diversos contos por ele narrados.

Seus poemas são compostos com humor e fértil imaginação. Muitos são baseados em fatos reais, fazem críticas bem humoradas aos políticos, à religião, à vida bucólica.

Acedilo expunha seus folhetos como pede a tradição, pendurados em barbante, no Festival do Folclore de Olímpia. A tiragem é pequena, cerca de 300 folhetos por edição de cada assunto. Sabia seus poemas de cor e era constantemente convidado para recitá-los em programas radiofônicos de músicas sertanejas e em festividades propícias a esse tipo de literatura, como as juninas e escolares.

Amigo de infância do Prof. José Sant’anna, com quem cursou os três primeiros anos do antigo primeiro grau, o poeta de Olímpia encontrou em seu amigo o apoio necessário para a publicação de suas poesias, que até então era dificultada pelo alto custo da impressão tipográfica. Com a ajuda de seu ex-colega de classe, o folclorista, sua produção se encontra atualmente publicada em mais de 14 folhetos.

No 47º Festival de Folclore de Olímpia, promoveu o lançamento de seu livro “O Cordel de Acedilo Novaes”, no dia 23/07/2011, no Pavilhão Cultural do Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna”, pouco antes do espetáculo de abertura.

A Prof.<sup>a</sup> Valéria de Souza Tavares, formada em Letras, poetisa, ensaísta e apaixonada por literatura, presta esta bela homenagem a Acedilo Novaes, no formato tão por ele apreciado:



Cordelista das histórias engraçadas  
Crítico, político, de humor singular  
Poeta, alfaiate, caricaturista, organista  
Representante da cultural popular.

Seu Acedilo é folclore  
É arte, comédia e drama  
Pena que na capital do folclore  
Poucos conheçam sua fama.

Pra quem não o conhece  
Dele assim quero falar  
O seu nome Acedilo  
O poeta popular.

Nobre homem postumamente homenageado  
Resgatado das memórias de tempos atrás  
Agradeço a confiança em sinal de respeito  
A nobre família Novaes.

No distrito de Ribeiro  
Bom tempo por lá viveu  
Cursou o primário com Sant'anna  
Grandioso e saudoso amigo seu.

Na infância estudou pouco  
Nascido em meio à vida rural  
Autodidata na poesia  
Um poeta natural.

Foi casado com dona Amélia  
Uma joia cantada em verso especial  
Noemi, Noemia, Norma, Noeli, Edi Carlos, Edeir  
Os seis filhos do casal.

Pra quem não o conhece  
Dele assim quero falar  
O seu nome Acedilo  
O poeta popular.

Boa noite autoridades, imprensa e convidados  
Que nos honram com sua receptividade  
Dedico meu agradecimento sincero  
A essa brava gente, gente da minha cidade.

Comunidade do rincão olimpiense  
A quem peço licença e atenção  
Pra cantar rimas e versos  
E vos apresentar um ilustre cidadão.

Gente da gente, da nossa gente  
Pra quem não o conhece dele assim quero falar  
Seu nome é Acedilo Novaes  
O poeta cordelista popular.

Descendente de baianos  
Terra-mãe guaraciense  
Hoje vizinha de olímpia  
Outrora distrito olimpiense.

Valéria de Souza Tavares



## PAULO PARENTE

No dia 04 de setembro de 2015, faleceu Paulo Sérgio da Silva Parente, um dos fundadores do Grupo de Expressões Parafolclóricas "Sabor Marajoara" - GEPASAMAS, do qual participou desde sua criação. Do grupo, foi o primeiro que conheci, quando por ele fui recebido na Escola "D. Anita Costa", no 32.º FEFOL. Carismático, alegre, me disse na ocasião que o "Sabor Marajoara" fora criado especialmente para vir a Olímpia, no Festival do Folclore. Amizade de longa data o unia a todos nós que trabalhamos na organização do Festival do Folclore. Tivemos o prazer de comemorarmos juntos os 25 anos do grupo, no cinquentenário da nossa festa maior. Casado com Cidália Reis Parente, também integrante do "Sabor", com quem teve o filho Vinícius Parente. Trabalhava como Assistente Administrativo na Basílica de Nazaré. Também realizava as funções



de Guarda de Nossa Senhora de Nazaré, uma das mais importantes desempenhadas no maior evento do Estado do Pará, o Círio de Nazaré. Também era Assistente Administrativo da respectiva Basílica. É imenso desfalque para o grupo parafolclórico de cuja criação participou e para o Festival do Folclore de Olímpia. À querida amiga Cidália, a Vinícius, aos demais familiares de Paulo, ao Grupo "Sabor Marajoara", nossas condolências e votos de saúde, força, coragem, sucesso.

# BALÉ FOLCLÓRICO DE ALAGOAS

## Grupo TRANSART comemora 40 anos



O Balé Folclórico de Alagoas - Grupo Transart, de Maceió/AL, completou 40 anos de sucesso em 28 de junho do ano em curso.

No 42.º Festival do Folclore de Olímpia, a celebração felizmente se realizou em Olímpia, ocasião em que o grupo, em dourada fase de comemorações, saiu





em turnê por outras cidades paulistanas e mineiras, levando o folclore alagoano com muito brilhantismo para as praças cheias de espectadores, interessados e amantes da nossa cultura popular, transportada para o palco pelas criativas mãos do querido amigo Rogers Ayres, fundador e coreógrafo do Balé Folclórico de Alagoas, e Prof. da Universidade Federal de Alagoas.

O Transart (BFAL) surgiu em 1976 na comunidade estudantil do bairro da Pajuçara, na orla de Maceió, com o nome de Comunidade Artística da Pajuçara-CAP.

Em 1985, já era uma Companhia de Danças Típicas muito conhecida e respeitada, e já era composta de jovens de todos os bairros da cidade. Foi então que passou a ser chamada de “Balé Folclórico de Alagoas”, incrementou suas danças e passou a ter uma estrutura mais complexa de organização e administração.

O nome pelo qual ficou mais conhecido é TRANSART, pois no início de seus trabalhos para sociedade alagoana, o Grupo fez de tudo: iluminação de passarelas, decoração de bailes, recepção de eventos, performances para inaugurações, comerciais para TV, oficinas de danças nas escolas, participação em Escolas de Samba no carnaval, etc. E todos se admiravam como o Grupo. “Era tão eclético! Perguntavam sempre pra gente (com uma pitada de malícia): Qual é a transa mesmo desse grupo? E nós sempre respondíamos com orgulho: Nossa transa é só com a ARTE! Daí a grande popularização do TRANSART”, relata Rogers.

O Grupo já se apresentou em diversos países, tendo feito grandes turnês pela Europa, participando de eventos na França, Bélgica, Holanda, Itália e Alemanha, representando o Brasil nos maiores festivais de folclore internacionais, e fazendo participações especiais em eventos culturais das origens mais diversas, em 1995, em 1996, 2000, 2005 e em 2010.



A data de comemoração dos 30 anos do grupo veio ser coroada no Festival de Olímpia/SP, onde o grupo é sucesso absoluto, desde sua primeira participação, em 2002, ocasião em que causou grande celeuma ao apresentar dançarinas com os seis à mostra na dança “Caboclinhos” (o que aconteceu pela primeira vez na história do FEFOL).

Segundo o Prof. Rogers Ayres, a presença do grupo no 42.º FEFOL foi um gesto de agradecimento à pessoa de D. Cidinha Manzolli (que na ocasião esteve em Maceió e foi homenageada pelo Grupo num grande evento cultural), que demonstrou seu grande carisma aos visitantes da cidade nos eventos em que esteve à frente, e finalmente abriu as portas do Festival do Folclore de Olímpia para este Grupo Parafolclórico de projeção internacional, quando este completava 26 anos de aniversário.

A esse espetacular grupo, que se distingue por manter a essência das manifestações folclóricas que apresenta, graças ao conhecimento do Prof. Rogers, e que se notabiliza pelo esplendor de seu figurino, pela conquistadora simpatia de seus integrantes, enfim, pelas suas deslumbrantes apresentações, nossas efusivas felicitações e votos de saúde, paz e muito sucesso.



# FESTIVAL DO FOLCLORE DE OLÍMPIA- 50 ANOS

*Mário Francisco Montini\**



**D**a lavra bruta da roça  
Nasceu o José esperançoso  
Entre os três filhos de Antônio  
Maria quem educou os filhos  
Destacando um professor  
Idealizador do nosso folclore  
Morador do coração do povo  
Nosso professor Sant'anna  
Patrono da Cultura Popular

Foi do Capitão que saiu a festa  
No começo feliz a criançada  
Correndo atrás dos antigos  
Juntando uma bagulhada  
Tinham valor histórico as peças  
Depois de algumas vezes mostradas  
Surgiram elas enfileiradas  
No nosso Museu do Folclore  
O Museu "Maria Olímpia"

No começo tinha dança regional  
Dançavam Ribeiro e Baguaçu  
Da catira saíram em festa  
Ao lado das Folias de Reis  
Resgatando a cultura popular  
Vieram os Reisados e Congados  
Chapéu de Fitas e Moçambique  
Cantorias e festas sempre vivas  
Maestradas por Sant'anna  
Saudosa época que a muitos animam  
A cada ano na viva memória do povo  
Uma vontade de voltar, pular no saco  
Subir no pau de sebo, correr com o ovo  
Rodar o pião na roda de molecada  
Sentir o urro, errou de novo  
Em meio a tantas risadas  
Divertia-se o Sant'anna como criança  
Animando o que aparecia mais novo

Na necessidade de preservar o folclore  
Além de apoiar os grupos do Brasil  
Conduzia seus alunos pupilos  
A aprender o sentido das raízes  
Buscando criar outros interessados  
Em preservar o folclore abandonado  
Para resgatar a memória do povo  
Que muito precisa ser estudado  
Como fez o nosso prolatado Professor

Dentre suas inúmeras pesquisas  
Concedeu-nos o José Sant'anna



Inúmeras publicações e livros  
Obras estudadas pela raridade  
Pesquisadas na mais profícua forma  
Gravadas numa fita cassete  
Rabiscadas em cadernos de pautas  
Traduzidas no vernáculo local  
Numa perfeita harmonia real



Dos lugares do festival em Olímpia  
Saídos do “Cene” Colégio Capitão  
A praça foi um ápice, ficou pequena  
Mais seguro foi o Ginásio de Esportes  
Até surgir o Recinto do Professor  
Onde as Atividades Folclóricas  
Tomando corpo os festivais  
Pode receber milhares de pessoas  
Deixando nostalgia por onde passou

Danças Folclóricas ou Parafolclóricas  
Danças de Bois – Bumba ou Bumbá  
Quadrilha, xote ou ciranda por aqui  
Não há por outras bandas igual valor  
Para Reisado, Xaxado, Maracatu  
Tanto quanto por inúmeras outras  
Religiosas, guerreiras ou profanas  
O valor que lhes deu o Sant’anna  
Criando o nosso Festival do Folclore

Dança folclórica que difere de outras  
De massa, clássica, erudita e exóticas  
É espontânea, informal e de tradição  
É aprendida pela observação e imitação  
Sendo como for e a vista que dá  
É de natureza de cada cultura de povo  
Que a nossa sociedade foi formar  
Ao longo do tempo que se espera resgatar  
O legado que ficou do nosso Professor



Veem-se no Folclore de Olímpia os folguedos  
Característica de festa popular, o teatro aberto  
Prestigia as brincadeiras, cantorias e artes  
Joga o jogo simples da mímica, incentiva  
Exorta a criação de uma mente sadia, simples  
Faz da cantoria a alegria de interagir  
Vem povo de todo canto, trazendo encantos  
Mostrando suas artes, suas músicas  
E no meio tinha ele, o Professor Sant'anna



Em Olímpia tem Boi, não o da inverno  
Mas, o boi cultuado pelo mundo, saudado  
No Boi-de-Máscara, de cabeções e máscaras  
No Boi-Bumbá, de origens indígenas de guerra  
No Bumba-Meu-Boi, de rico figurino de lendas  
No Reis-de-Boi, Boi de Natal, religiosos  
E, entre estes o Boi-de-Mãão, que põe medo  
Cutucando a criançada, fazendo algazarra  
Induzindo a criança a ficar mais comportada

Olímpia é o Festival eclético, épico nacional  
Mostra o Pau-de-fita, a dança universal  
A Quadrilha junina, aristocrática, dos salões  
A Caninha-Verde, o Xote, Ciranda das meninas  
Estalando o Fandango e Catira aos meninos  
De botas, botando o pé na terra batida do tempo  
Também mostra Olímpia o São Gonçalo, o lundu  
Mas, não há quem não se anime com o Carimbó  
Ou o Xaxado eternizado por Lampião e por aqui



Falar de Olímpia, de folclore, de cultura  
Não fica fora as religiosas Foliás de Reis  
A mais representativa da nossa região  
Na origem dos Reis Magos Bíblicos  
Perpetuam-se na peregrinação e rezas  
De Dezembro à Janeiro, em Bandeiras  
Levando aos lares mensagens de paz  
Celebrando o nascimento de Jesus Cristo  
Hoje denominadas Companhias de Reis

De grande importância afro-brasileira  
Temos no Congado a maior representação  
Embora rememore as lutas de mouros e cristãos  
Traz na identidade de São Benedito, o Negro  
Nossa Senhora do Rosário, a Gratidão  
É essência do povo brasileiro, miscigenado  
Faz um colorido de danças e músicas próprias  
Enaltecendo a religiosidade de nosso povo  
Menina dos olhos do Professor Sant'anna



Incentivando o Professor de Folclore o Moçambique  
Foi o bailado colorido difundido, louvando os santos  
Os cantos, danças e seus personagens de bandeiras  
É uma manifestação popular de essência



Somente quem teve vivência, pode conhecer a fé  
Devotos que se intitulam nas danças, ora mestre  
Ora contramestre, mas tem caixeiro, capitão e general  
Fazendo a grande parte os tocadores e dançadores  
Todos sempre respeitados na dignidade do Professor

De tudo o que o folclore nos proporciona  
De tudo o que o Professor nos proporcionou  
Não está aqui ele para ver a efeméride dos 50  
Seu auspicioso trabalho, iniciado nos anos 50  
É respeitado por todo o Brasil, por brasileiros  
Que de norte a sul, são prestigiados em Olímpia  
Esta terra que hoje progride, pujante, quente  
Com o carinho de receber a todos os turistas  
Que nesses 50 Anos fará seu apogeu de amor



Vamos nós, povo de Olímpia, fazer continuar  
A obra do Professor José Sant'anna, 50 anos  
50 Anos de Festivais do Folclore, sem ele agora  
Mas, com a vivacidade da letra de nosso Hino  
O Hino de Olímpia, da Terra Fecunda e Perspicaz  
Plantada no solo paulista, preservando o elo  
O elo de amizade e paz criado pelo Professor  
Menina-moça, cidade ideal, do amor filial  
Que tens no passado de valor real, Feliz 50 anos



\* O advogado, escritor e economista Mário Francisco Montini, no formato da Literatura de Cordel, homenageia o Jubileu de Ouro do Festival do Folclore de Olímpia, efeméride sempre oportuna para se celebrar.



# DONA JESUÍNA

## A MÃE DE MUITOS

*Mário Francisco Montini*

**E**m 31 de março de 2010, faticamente, Olímpia perdeu uma de suas personalidades mais ilustres e respeitadas, a Dona Jesuína, a qual esteve praticamente sua vida inteira na Vila Cisoto, onde carinhosamente recebia a todos aqueles que precisavam de sua santidade espiritual.

Ao longo de sua generosa e amável jornada terrena, adotou inúmeros filhos, embora muitos dos quais não professassem sua crença, como o Professor José Sant'anna, ideólogo Metodista, e nesse círculo me incluo como Espírita Kardecista.

Tive a grata oportunidade de convívio com a graça e o carinho da Dona Jesuína desde a tenra infância, conhecendo do seu trabalho em prol da humanidade, atendendo a todos, indistintamente, que buscavam o conforto de sua sabedoria e a energia de sua falange espiritual.

Sua cultura popular, seus excelsos conhecimentos da natureza espiritual de seus trabalhos, criou valores sociais que superaram as superstições, transformando esses seus filhos em expoentes da sociedade, como cumpre reconhecer a sapiência com que criou seus filhos de sangue e encaminhou seus netos, os quais, com certeza, perceberam na matriarca a "mãe" necessária para acreditar no futuro de progresso que a humanidade almeja.



Na sua longa jornada de cultura espiritual jamais permitiu a profanação do culto tradicional africano, embora afetadamente houvesse preconceitos por valores nitidamente anticristãos consoante a falta de respeito à liberdade de expressão religiosa.

É cediço que por muito tempo não foi fácil a Dona Jesuína cumprir com sua missão aqui na Terra, pois embora a Religião Tradicional Africana constar a existência de um Deus Alto Supremo, criador de todas as coisas, o Grande Criador, naqueles primórdios de intolerância, diferenciavam o Deus que é Único, com o dela e o dos demais equivocados.

A evocação da Divindade por Dona Jesuína mostrava inexistir em seu coração os "sete pecados capitais": gula, avareza, inveja, ira, luxúria, orgulho e preguiça, porque ao que pudemos perceber na jornada de convivência, é que ela não acreditava em pecado, mas nos "sete sentidos da vida": Fé, Amor, Conhecimento, Justiça, Lei, Evolução e Geração, sempre na convicção de que possuímos o livre arbítrio e podemos fazer nossas escolhas.



Como gratidão pelo exemplo de vida que a fez respeitada e amada por inúmeras pessoas, muitas até desconhecidas, tomamos a liberdade de transcrever para essa mensagem uma história do livro: "Umbanda de Todos Nós", de W.W.da Matta e Silva (Mestre Yapacany), vejamos:

## **AS SETE LÁGRIMAS DE UM PRETO VELHO**

*Num cantinho de um terreiro sentado num banquinho pitando o seu cachimbo, um triste Preto Velho chorava. De seus "olhos" molhados, esquisitas lagrimas desciam-lhes pelas faces e não sei porque contei-as. Foram sete. Na incontida vontade de saber, aproximei-me e o interroguei. Fala, meu Preto Velho, diz ao teu filho por que externa assim uma tão visível dor?*

*E ele, suavemente respondeu. Estás vendo esta multidão que entra e sai? As lágrimas contadas estão distribuídas a cada uma delas.*

*A primeira, eu dei à estes indiferentes que aqui vem em busca de distração, para saírem ironizando aquilo que suas mentes ofuscadas não podem conceber...*

*A segunda, a esses eternos duvidosos que acreditam, desacreditando, na expectativa de um milagre que os façam alcançar aquilo que seus próprios merecimentos negam.*

*A terceira, distribuí aos maus, aqueles que somente procuram as entidades de pouco esclarecimento sobre a doutrina verdadeira do Mestre Jesus, em busca de vingança, desejando sempre prejudicar o seu semelhante.*

*A quarta, aos frios e calculistas, que sabem que existe uma força espiritual e procuram beneficiar-se dela de qualquer forma e não conhecem a palavra gratidão.*

*A quinta chega suave, tem o riso, o elogio da flor dos lábios, mas se olharem bem o seu semblante, verão escrito: Creio na doutrina do Cristo Jesus, nos Teus Caboclos e nos Teus Zumbis, mas somente se vencerem o meu caso, ou me curarem disso ou daquilo.*

*A sexta, eu dei aos fúteis que vão de templo em templo, não acreditando em nada, buscando aconchegos e conchavos e seus olhos revelam um interesse diferente.*

*A sétima, filho, notas como foi grande e como deslizou pesada? Foi a última lágrima, aquela que vive nos olhos de todos os Orixás. Fiz doação dessa aos médiuns vaidosos que só aparecem no templo em dia de festa e faltam às doutrinas. Esquecem que **EXISTEM TANTOS IRMÃOS PRECISANDO DE CARIDADE, TANTAS CRIANCINHAS PRECISANDO DE AMPARO MATERIAL E ESPIRITUAL.***

*Assim, filho meu, foi para esses todos, que vistes cair, uma a uma...*



Assim, meus caros, por todos os caminhos que trilhamos, precisamos sempre observar ao nosso lado pessoas de bem e bem quistas como a nossa saudosa e fraterna Dona Jesuína, razão pelo que rogamos ao Pai Celestial a benção aos seus familiares nessa hora difícil e as vezes, no momento incompreensível, surge a certeza da alegria do retorno dela ao Pai Eterno.



# DECRETO Nº 6369, DE 03 DE JUNHO DE 2016

Constitui a Comissão Executiva do 52º Festival do Folclore a ser realizado no Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna" (06 a 14 de agosto de 2016).

EUGENIO JOSÉ ZULIANI, Prefeito Municipal da Estância Turística de Olímpia, Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais, DECRETA:

Art. 1º Fica constituída a Comissão Executiva do 52º Festival do Folclore de Olímpia, a ser realizado de 06 a 14 de agosto do de 2016, evento que tem por finalidade incentivar e defender o folclore, contribuindo para a sua preservação, com os seguintes membros:

**Presidente:** Flavio Augusto da Silva Santos

**Vice-presidente:** Cristian Daniel Assis

**1º Secretário:** João Carlos Amaro de Souza

**2º Secretário:** Janaina Augusto dos Santos Longhi

**1º Tesoureiro:** Rosi Aparecida Esteves More da Silva

**2º Tesoureiro:** Rosicler Berti dos Santos

**Edição do Anuário:** André Luiz Nakamura

**Subcomissão de Imprensa e Protocolo:** Camila Reale Thereza, Janaina Augusto dos Santos Longhi.

**Subcomissão de Hospedagem, Alimentação e Recepção:** Luiz Fernando Cintra, Raphael Augusto Serqueira, Cristian Daniel Assis.

**Subcomissão de Temática e Decoração:** Thiago Louzada, Cristian Daniel Assis.

**Subcomissão de Desfiles, Missa e Peregrinação:** Gilson Carlos Miranda, Thiago Louzada, João Carlos Amaro de Souza, Clarismundo Sant'Anna, Erica Parro de Carvalho (Missa), Eliana Antônia Duarte Bertoncello Monteiro (Missa).

**Subcomissão de Estacionamento e Trânsito Livre:** Janaina Augusto dos Santos Longhi, Rosicler Berti dos Santos.

**Subcomissão de Uso de Imagem e Autorização de Menores:** Janaina Augusto dos Santos Longhi, Cristian Daniel Assis, Rosicler Berti dos Santos.

**Subcomissão de Organização Cultural e Palco:** Flavio Augusto da Silva Santos, Cristian Daniel de Assis, Maria Aparecida de Araújo Manzolli, Mateus Lealdini da Rocha.

**Subcomissão de Abertura:** Edward Marques da Silva, Tiago Pessoa Lourenço, Thiago Louzada, Cristian Daniel Assis.

**Subcomissão de Barracas e Limpeza:** Arvani Peixoto, Sidnei Carlos Schalc, Murilo Lucas Garcez Novais.

**Subcomissão de Organização da Casa do Caipira:** Aparecida Zamperlini Zuliani, Fundo Social de Solidariedade.

**Subcomissão de Apoio:** Maria Aparecida de Araújo Manzolli, Flavio Vedovato Arantes, Ana Claudia Casseb Finato Zuliani, Caio Augusto dos Santos Longhi, Eliana Antônia Duarte Bertoncello Monteiro, Cleber José Cizotto, Sandra Regina de Lima, João Paulo Polisello, Edilson Cesar De Nadai, Luís Carlos Benites Biagi, Fernando Barbosa Velho, Silvia Elisabeth Forti Storti, Marcelo Soares Paschoal, Paulo Augusto Minari, Antônio Jorge Motta, Amaury Hernandes, Cassia Cristina Recco.

Art. 2º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. Registre e publique. Prefeitura Municipal da Estância Turística de Olímpia, em 03 de junho de 2016.

EUGENIO JOSÉ ZULIANI - Prefeito Municipal

Registrado e publicado no setor competente da Prefeitura Municipal da Estância Turística de Olímpia, em 03 de junho de 2016.

CLÉBER LUIS BRAGA - Supervisor de Expediente



